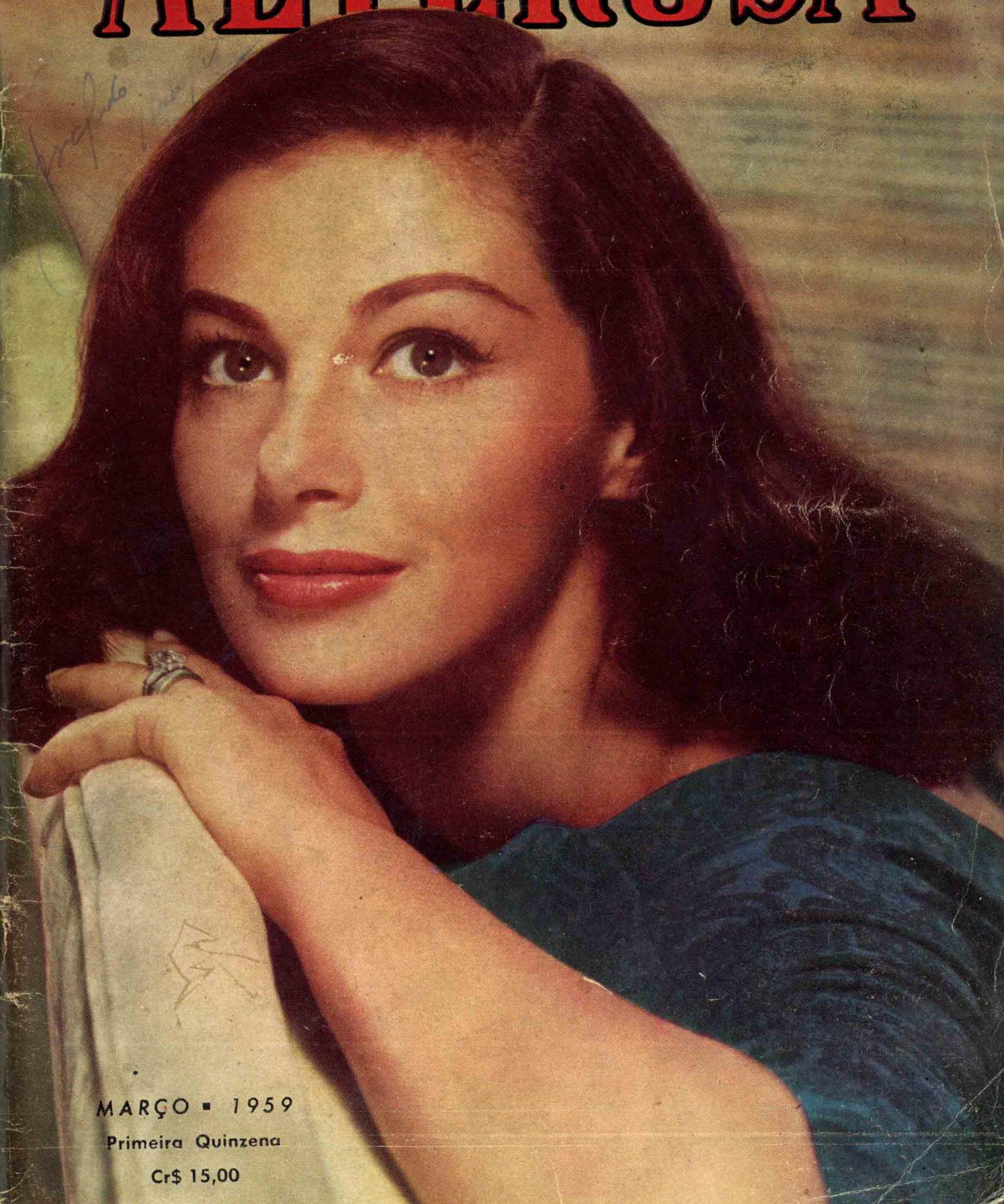


ALTEROSA



MARÇO • 1959

Primeira Quinzena

Cr\$ 15,00



PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESTITUIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2. DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



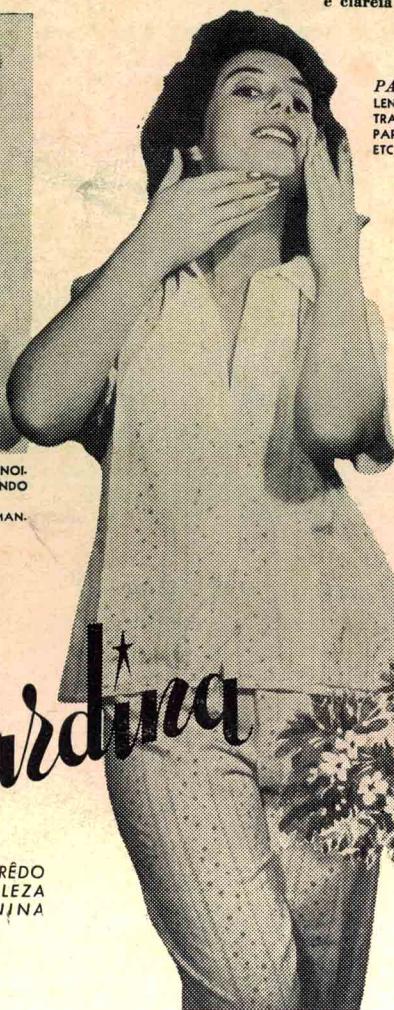
PARA OS OMBROS: NA CORRECÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

troque um minuto diário por beleza e saúde !

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração! ANTISARDINA é um creme de beleza científicamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.



PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÁ. CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÓES E ÁSPERAS, TÃO COMUNS E QUE ENFIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REAÇÃO INICIAL ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REAÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERME.

O SEGREDO
DA BELEZA
FEMININA

1957.03



COLOCADO a igual distância do balde de água e do feixe de feno, o asno de Buridan, atormentado simultaneamente pela sede e pela fome, tão intensa esta quanto aquela, nem bebeu nem comeu. Hesitou por onde começar e não começou.

Os árabes têm uma versão desse apólogo ou dessa alegoria, que me parece bem mais interessante, além de dar melhor idéia dos estragos ou dos inconvenientes da hesitação, este defeito de tanta gente. Apesar de vivermos no século da ciência, e portanto da certeza, nunca foi tão grande quanto agora o número dos perplexos.

A versão dos árabes conta a história de um criminoso que ao cabo do seu processo sumário foi condenado, por um juiz não destinado do senso do humor, a sofrer a pena de cem bastonadas ou de cem chicotadas, à escolha. Na hora de ser executada a sentença original, o executor indagou do homem:

— Que é que prefere? Bastão ou azorrague?

O criminoso hesitou, pois já naquele tempo se hesitava, embora menos do que hoje. Hesitou, ficou pensando, pensando, sem nada resolver.

— Vamos lá com isso, que tenho pressa! Chicote ou pau?

O homem fechou os olhos, cobrou ânimo e exclamou, como quem toma uma decisão heróica:

— Chicote!

O executor empunhou o rêmulo com vontade e começou o trabalho, com vontade também. E tome lá chicotadas!

Assim que se completaram dez, o sentenciado, tendo achado ruim, gritou:

O MAL DA HESITAÇÃO

Gilberto de Alencar



Desferida, entretanto, a décima bastonada, o paciente pediu que voltasse ao chicote, depois pediu que voltasse ao bastão e assim por diante, de dez em dez golpes, o que deu como resultado o receber, não as cem pancadas da sentença, mas duzentas. Tudo isto por hesitar entre as duas espécies de castigo, ora achando ser melhor esta, ora aquela.

O caboclo mineiro de outros tempos, quando tinha no bôlso algum dinheiro, não hesitava nunca entre guardá-lo e tomar o seu querido trago de cachaça, da cabeça ou não. Virava a pinga, delicado, e dizia:

— Quem tem o seu vintém bebe logo!

— Nisso mostrava o caboclo possuir mais juízo do que muita gente que passa o tempo hesitando e, por hesitar diante de tudo e até diante de nada, não aproveita jamais o lado bom da vida, coisa que nem sequer a livra de agüentar com o lado mau.

Agora, se acaso me perguntarem a que veio o asno do doutor escolástico, seguido da sua versão árabe, direi que veio por motivo de dois assuntos que há pouco me apareceram para a crônica de hoje, cada qual, a meu ver, mais interessante e curioso, de onde resultou o ficar eu hesitante entre ambos longo tempo, sem saber se ia a um ou se ia a outro. Não fui a nenhum. E' verdade que poderia ter aproveitado ao mesmo tempo um e outro, arranjando uma transição qualquer que os ligasse mais ou menos naturalmente dentro do mesmo escrito. Mas agora é tarde, por já haver chegado ao fim da página. Fica, então, para outra vez, se ficar.

SUMÁRIO

CAPA

PIER ANGELI, a bela estrelinha italiana que conquistou e foi conquistada por Hollywood, num Kodachrome M-G-M.

CONTOS E NOVELAS

Piranha 22
O Tempo é Algo Mais Que Dinheiro 34
Um Erro Judiciário 62

ARTIGOS E REPORTAGENS

Artistas de Nervos Gastos 20
Entre Três Mil Ele é o Primeiro 26
Eva na Policia de Formosa 30
Ele Fez 2 + 2 38

O Caso Rosemarie	42	Fuga	17
Debutantes	48	Quitandinha	18
Cerimônia do Chifre do Boi	54	Tapete Mágico	25
Uma Página Dentro da Vida	96	Nossas Crianças	39
PARA A MULHER E O LAR			
Modas — A partir da	66	O Crime Não Compensa	46
Para Seu Lar	70	Teste	50
Bazar Feminino	74	Humor (Bosc)	51
Arte Culinária	76	Bom-Tom	52
SEÇÕES PERMANENTES			
Concurso de Contos	86	Páginas da História	58
A Voz do Brasil	2	Cantigas	61
Cartas à Redação	4	Esparsos	78
Satélites e Teleguiados	5	Cinema — A partir da	82
Páginas Escolhidas	8	Caixa de Segredos	86
Panorama do Mundo	10	Palavras Cruzadas	87
Saúde	16	Fonte Viva	89
		Livros e Letras	90
		Picadeiro	92

O

Espião

Que Usava Fraldas



EM 1858, morreu em Paris um velho conhecido apenas como Monsieur Richebourg, "o anão".

Contava 90 anos de idade e era um homem misterioso, que passara cerca de 25 anos sem sair de casa. Entretanto, uma vistoria nos seus papéis revelou-o como o mais hábil espião jamais encontrado.

M. Richebourg, cujo tamanho era igual ao de uma criança de dois anos, apesar de já ser homem feito, era servente, confidente e entretenedor da duquesa de Orleans, mãe de Luís Filipe.

Durante a sangrenta revolução francesa, realistas refugiados abrigaram-se na mansão de Orleans, fora de Paris, esperando que Luís Filipe pudesse subir ao trono, caso a revolução fracassasse, mas não tinham possibilidade alguma de saber como os seus irmãos aristocratas estavam sendo tratados dentro de Paris, onde as carretas não paravam de arrastar homens e mulheres para morrerem na guilhotina.

— Oh, se pudéssemos pelo menos trocar informações e planos com os nossos amigos! — lamentava um realista. — Mas os portões da cidade estão cuidadosamente guardados, dia e noite, pelos revolucionários.

Foi então que M. Richebourg saiu com essa fantástica sugestão:

— Deixem que eu vá a Paris como um bebê. Basta enrolar-me em roupas próprias e dar-me uma babá; tenho certeza de que ninguém suspeitará da verdade. Levarei as mensagens e trarei notícias da revolução.

Os aristocratas ficaram encantados com a magistral idéia e imediatamente contrataram os serviços de uma ama de confiança que carregou Richebourg — então com 21 anos — em seus braços, envolto em fraldas de linho e em cueiros. Ao passarem por um guarda da cidade, este exclamou sorrindo: "Que neném bochechudo!" E o "neném" sorriu, mexendo com os olhinhos. Uma vez em Paris, entraram em contacto com a realeza, trocaram cartas e retornaram a Orleans.

Durante duas das mais tumultuosas semanas da revolução, a babá e o "neném" foram e voltaram, carregando segredos pelos quais podiam ter sido decapitados. Os importantes papéis eram cuidadosamente costurados nas fraldas do "neném".

Mas a revolução obteve sucesso e o agente secreto anão foi terminar os seus anos na Paris republicana longe das suspeitas de ter sido o espião de fraldas.

A VOZ
DO BRASIL

• Há muito, o capital que veio do Canadá e dos EU.U. (para a Cia. Telefônica de Minas) voltou ao seu berço. O que existe no Brasil, na posse dos grupos estrangeiros, é a aplicação do lucro lícito (uma parte) e ilícito (outra parte) proveniente de favores e da valorização artificial de ativos, transformados em ações que foram colocadas, a bom preço, nas economias nacionais.

Deputado Otacílio Negrão de Lima
DISCURSO NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

• Estamos reagindo, tentando superar esse Brasil de nossos pais, demasiadamente conformado com uma posição inacaracterística. Sabemos que este esforço ambicioso tem consequências imediatas desagradáveis, com repercussões de desequilíbrio que podem assustar mas serão passageiras. Não é em vão que deixamos, neste momento, de ser nação litorânea e avançamos na direção do oeste. Encontramo-nos na hora crucial da adaptação. Mas a vitória está à vista.

Presidente Juscelino Kubitschek
Na Inauguração da Usina Cachoeira Dourada, em Goiás

• A Operação Panamericana é um rumo, um caminho para o combate à miséria. A OPA não é um programa, é uma política sem limite no tempo. Assim como existe uma política social, interna, ela é uma política social inter-americana: realizar um programa de desenvolvimento, reduzindo as distâncias atualmente existentes entre as nações subdesenvolvidas e os países já suficientemente evoluídos econômica e culturalmente.

Ministro Francisco Negrão de Lima
DIARIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• JK precisa descer um bocado ao chão e ver o que está acontecendo pelos vales e planícies. No altopiano ou nas nuvens, o que se vislumbra são nuvens, e o que se sente é um ar rarefeito que embriaga, quando não é a própria altura que dá vertigens. Lá no abismo, no entanto, é que está a verdade.

Ruy Menezes
CORREIO DE BARRETOS — SP

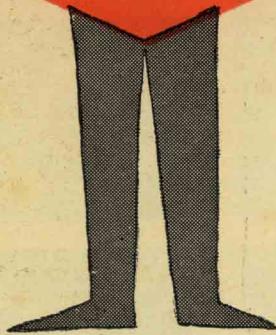
• Já ingressamos no rol das comunidades que possuem artistas dos mais caros do mundo, artistas de quarenta mil cruzeiros por noite! Ora, pois, que estamos esperando para encetar a revolução educativa de que parecem depender nosso futuro e nossa segurança? Falta-nos educação, no bom e amplo sentido da palavra; nem mesmo dinheiro nos falta, visto como a renda de certo jôgo de futebol ascendeu à importância de Cr\$ 5.678.778,00...

Cosette de Alencar
DIARIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• Oportunista, imediatista, incapaz de resistir às solicitações do poder, adesista contumaz e obstinado, o PSD está contribuindo, mais do que outros partidos nacionais, para alargar a área de conformismo na política e a atmosfera de cemitério que caracteriza as atividades políticas no País. O PSD não discute governos, não manifesta vocação oposicionista, não tem ânimo para enfrentar o poder.

João de Scantimburgo
CORREIO PAULISTANO — SP

**VIBRANTE !
CORAJOSO !
INDEPENDENTE !**



Diário de Minas

Servindo-se do mais rápido meio de transporte, o avião, DIARIO DE MINAS atingirá diariamente o seu lar, esteja ele em qualquer ponto do Estado, oferecendo-lhe o melhor noticiário do País e do Exterior. Assine o DIARIO DE MINAS e fique em dia com o que acontece no Mundo.

Diário de Minas

um jornal de fatos!

Redação e Administração :
Rua Carijós, 150 — 3º andar
Belo Horizonte

Assinatura :

Ano :

Cr\$ 300,00

CARTAS À REDAÇÃO

Mineiro Aprecia Notícias de Minas

NOTEI, com satisfação, que essa magnífica revista atendeu aos reclamos de muitos de seus leitores que, como eu, estranhavam a ausência de uma seção mais voltada para os homens e as coisas de Minas Gerais. Quero referir-me a «Picadeiro», que aparece na edição desta quinzena (nº 299), contendo substancioso registro da vida mineira, ao lado dos assuntos nacionais mais em evidência.

Satisfaz bem a um mineiro longe de sua terra tomar conhecimen-

to do que ocorre na Província, especialmente quando tudo é apresentado com a tradicional isenção que caracteriza o noticiário em ALTEROSA. Aquela «despedida do leão», por exemplo, ocorrida com o ex-deputado Milton Sales, na Assembleia, é um fato que documenta a educação política atingida em nosso querido Estado, e produz orgulho nos corações de mineiros.

**F. J. DE OLIVEIRA PÁDUA —
SÃO PAULO — SP**

Que Vem a Ser Logosofia ?

Li em ALTEROSA uma referência à Logosofia e a seu fundador Raumsol. Interessado pelo assunto, desejo indagar qual a tendência filosófica dessa doutrina, se trata de metafísica, cosmologia, ética, de tudo, afinal, que

• A consulta do leitor não comporta uma solução em poucas palavras, motivo pelo qual preferimos indicar-lhe o livro que os adeptos da Logosofia apontam como obra básica de sua filosofia: «O Mecanismo da Vida Consciente», de Carlos Bernardo Gonzales Pecotche (Raumsol). Esse livro é encontrado nas principais livrarias de Belo Horizonte.

Serviço Militar

DESEJO sugerir um código regulador do serviço militar em tempo de paz, segundo o qual todo cidadão alfabetizado ficaria isento da prestação do serviço mediante o pagamento de uma taxa de cinco mil cruzeiros, recebendo, então, o seu certificado de tercei-

ra categoria. Em compensação, todo cidadão analfabeto seria obrigado a servir às Forças Armadas, sendo por estas instruído militarmente e alfabetizado.

J. A. N. — BELO HORIZONTE

uma solução em poucas palavras, motivo pelo qual preferimos indicar-lhe o livro que os adeptos da Logosofia apontam como obra básica de sua filosofia: «O Mecanismo da Vida Consciente», de Carlos Bernardo Gonzales Pecotche (Raumsol). Esse livro é encontrado nas principais livrarias de Belo Horizonte.

e Alfabetização

ra categoria. Em compensação, todo cidadão analfabeto seria obrigado a servir às Forças Armadas, sendo por estas instruído militarmente e alfabetizado.

**LUIZ GONZAGA RIBEIRO —
SÃO PAULO — SP**

Morto e Enterrado o «Autofinanciamento»

JUNTO a esta encontrarão um cheque no valor de Cr\$ 600,00, para renovação de minha assinatura por mais dois anos. Nesta oportunidade, quero dizer da satisfação com que renovo outra vez a minha assinatura, diante da atitude correta, corajosa e sincera com que ALTEROSA vem orientando a opinião sobre os grandes problemas da coletividade mineira.

Numa época em que a maior parte da imprensa se acomoda, de modo lamentável, com os di-

lapidadores dos cofres públicos e com as verbas da publicidade corruptora dos «trusts», é uma satisfação notar-se como essa revista defende os interesses coletivos. O caso da Telefônica, por exemplo, é típico dessa orientação, pois que, em todo o seu desenvolvimento, sem vacilações, a voz dessa revista esteve ao lado dos sagrados interesses da cidade, ameaçados por todos os lados pela ganância insaciável do monopólio estrangeiro.

(Conclui na pag. 16)

DEFINIÇÃO DE AMOR — Marcel Achard está na lista dos teatrólogos franceses cujas peças ultrapassam mil representações. Eis a malícia e a finura, de mãos dadas, num diálogo de Marcel Achard :

— Tudo o que se sabe acerca do Amor pode se resumir numa só palavra.

— Sim ?...

— Essa, exatamente.

GLÓRIA INGLO'RIA — «E' lamentável que a concessão de um Prêmio Nobel — a mais alta láurea em seu gênero no mundo — tivesse virado caso político», diz a revista «Leitura», justamente acarinhada. «Os comunistas condenaram o livro **O Doutor Jivago**, por ser contra a construção do socialismo, esquecidos de que sem crítica não pode haver tal construção. Por outro lado, maliciosamente, contrariando os estatutos do Prêmio, que exige seja a obra laureada, primeiramente, publicada em sua língua de origem (o que não aconteceu, ao **Dr. Jivago**) a Academia Sueca concedeu o galardão a Boris Pasternak. Depois de tudo quanto aconteceu resta lamentar, como o fêz Antônio D'Elia no «Correio Paulistano», que os promotores da guerra fria se tivessem valido da literatura para cavocar mais o abismo que separa os povos, quando a função da inteligência é uni-los».

COISA BELA A HONESTIDADE do democrata norte-americano Adlai Stevenson, contando ao mundo o que é o **Ensino** na Rússia moderna. «Fui ver a Rússia com os meus próprios olhos, diz ele. Viajei através da Rússia Européia e da Rússia Asiática. Fui até à Sibéria. Descobri que a **Educação**, por exemplo, é um negócio muito sério na União Soviética, que o ensino é altamente valorizado, a cultura recompensada com os mais altos salários, grande a sede de conhecimentos. Descobri também que a leitura e o auto-didatismo são os passatempos universais dos russos. A União Soviética não só se alfabetizou quase totalmente em uma única geração, como alcançou e superou o resto do mundo nas ciências físicas».

«A MAIORIA DOS PROFESSORES NA RÚSSIA, informa ainda o democrata Adlai Stevenson, não pertence ao Partido Comunista. Não há na União Soviética a luta do menino pobre para obter instrução. Ao contrário, o governo custeia-lhe os estudos e ainda o renumerá durante os cursos. A posição privilegiada do intelectual na sociedade soviética também assegura aos estudantes, depois da diplomação, as melhores posições nos domínios da pesquisa. São os intelectuais das Academias de Ciência que recebem os grandes salários, os grandes automóveis, as casas de campo».

E os estudantes do Brasil ? E os professores ? E os pais de alunos do Brasil ? E as taxas ? E os uniformes ? E os preços de material escolar ? São ou não são, à vista das declarações de Mr. Stevenson, de deixar a gente vermelho... de vergonha ?

DANÇOU O FREVO PARA ACALMAR OS PASSAGEIROS — No Recife um, avião da NAB levantou vôo com destino a Natal. Mal havia decolado percebeu o piloto que o trem de aterrissagem não queria encolher. Os passageiros, encolhidos de medo, puseram-se a torcer para que o trem encolhesse. O trem não encolhia. O comandante achou melhor voltar. Começou então uma agonia que durou quatro horas, com o aparelho roncando a sobrevoar a cidade para esgotar os tanques de gasolina. Vendo as coisas pretas e os passageiros amarelados, a aero-moça, Marlene e calma, achou melhor dançar. Como o céu era de Pernambuco, ela escolheu o frevo, pondo-se a dançar o frevo a bordo, espremida entre as poltronas. A turma gostou, esqueceu o medo, bateu palmas. Mas houve um que não. (Aquiló lá era hora de dançar, e ainda por cima o frevo ?) Desandou a escrever cartas. Carta para a mulher, carta para os filhos, carta para os sogros, carta para os amigos e quando não havia mais ninguém para quem escrever, foi ao fim do mundo : fez o próprio testamento. Nome do herói : Ari Araújo, vendedor de automóveis. Voltou para casa buzinando (sobraçando o testamento e as cartas) bufando porque o avião desceu normal e a tragédia não houve.

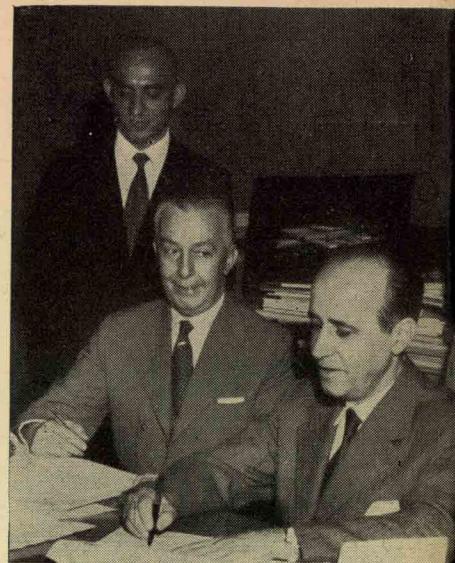
O SERTANEJO E' ANTES DE TUDO UM FORTE... pelo menos nas antologias. Mas na mata virgem, quem desbrava mesmo os **sertões** é um montanhês : **J.K.**

ACABO DE FICAR SABENDO QUE, ao contrário do que a mania-de-grandeza-norte-americana me fazia crer, as árvores mais «bigs» do mundo não são as decantadas sequóias gigantes da Califórnia e sim os obscuros eucaliptos da ilha da Tasmânia, na Austrália, pois enquanto as sequóias de Tio Sam alcançam no máximo 130 metros, os eucaliptos da Tasmânia atingem 145 metros de altura com 45 de largura na base, sendo precisos 28 homens para abraçá-los.

CARTA DE MONTEIRO LOBATO A GODOFREDO RANGEL : «Se há quem escreva nos outros países é que existem por lá compensações sérias, renome e dinheiro. Escrever no Brasil não passa de pura manifestação de cretinice. O que há a fazer aqui é ganhar dinheiro e cada um que viva como lhe apraz aos instintos».

IDADE DO OSSO — Antes de viver a **Idade da Pedra** o homem pré-histórico viveu a **Idade do Osso**, abrindo a cabeça do parceiro a porretadas de fêmures, tibias e perônios, acaba de revelar na África do Sul o Dr. Raymond Dart, professor de Anatomia na Universidade de Joanesburgo. Nós não concordamos. «Idade do Osso», não pode ter sido aquela. «Idade do Osso» é a nossa : **Idade-do-osso-duro-de-roer**.

A instalação dos Institutos Tecnológicos — uma das fecundas realizações da administração Clóvis Salgado em 1958



Minas Gerais foi contemplada com de Mineração e Metalurgia, na Prêto. A foto é um aspecto tomado vênia, vendo-se, além do Ministro sidade do Brasil, Professor Pedro Prof. Oliveira Júnior, e o

COM a finalidade de melhorar os cursos básicos, onde se ministram as ciências fundamentais ao aprendizado da engenharia, o Ministério da Educação e Cultura instituiu a Comissão Supervisora do Plano dos Institutos, que vem firmando convênios em várias Escolas do País. Com essa medida pretende-se sanar uma das deficiências atuais.

Para coordenar esse novo plano educacional, o Ministério criou a Comissão integrada pelos Professores Ernesto Luiz de Oliveira Júnior, Otávio Cantanhede e Flávio Lacerda. Dedicados estudiosos do problema, vêm dando cabal desempenho às funções de que foram incumbidos, visitando as escolas e discutindo pessoalmente as providências a serem tomadas com os interessados diretos. Essa orientação tem produzido os melhores frutos, pois, o programa do Governo vem recebendo plena cooperação das escolas.

Através da criação, em cada centro universitário brasileiro, de um alto instituto de pesquisa e ensino, espera-se melhorar, de pronto, a estrutura e a qualidade de nosso ensino. Serão centros de preparação do magistério, de aperfeiçoamento do pessoal técnico, de pesquisas desinteressadas (formação de

cientistas) e de alto valor para melhorar a produção regional. Não podemos pensar em ter uma indústria forte e emancipada, enquanto não explorarmos nossas próprias invenções. E o espírito inventivo só poderá florescer em tais organizações, de amplos recursos humanos e materiais.

Pensam as autoridades do ensino através da implantação dos Institutos, abrir uma nova fase à cultura brasileira, contribuindo para sua maior autenticidade e eficiência no que concerne ao objetivo do desenvolvimento econômico, meta principal do Governo.

Constam do Plano de Metas Educacionais do Governo a criação dos seguintes Institutos :

- 1 — Economia Rural (Estado do Rio de Janeiro — Universidade Rural).
- 2 — Geologia (Recife-Pernambuco) Instituto de Geologia (Universidade do Recife)
- 3 — Mecânica (Curitiba-Paraná — Universidade do Paraná)
- 4 — Mineração e Metalurgia (Ouro Preto — Universidade do Brasil)
- 5 — Química (Salvador-Bahia — Universidade da Bahia)
- 6 — Tecnologia Rural (Universidade do Ceará)
- 7 — Física e Matemática (Uni-

versidade do Rio Grande do Sul)

- 8 — Genética (Piracicaba — Universidade de São Paulo)
- 9 — Eletrotécnica (Belo Horizonte — Universidade de Minas Gerais)
- 10 — Química (Distrito Federal)
- 11 — Economia (Distrito Federal)
- 12 — Mecânica (Belo Horizonte — Minas Gerais)
- 13 — Mecânica Agrícola (Curitiba — Paraná)

14 — Física (Rio Grande do Sul)
Dêstes os 8 primeiros tiveram dotações no presente exercício e se acham em andamento. Os 6 restantes serão contemplados com verbas no orçamento de 1959.

2 — Plano de melhoria do ensino da Engenharia.

O orçamento de 1958 consignou a verba de 100 milhões para ampliação, equipamento e manutenção de cursos de Engenharia.

Essa verba foi distribuída, em plano elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura e aprovada pelo Presidente da República do modo seguinte :

Obras	Cr\$ 110.212.000,00
Pessoal	32.958.000,00
Equipamento	79.030.000,00
Diversos	2.600.000,00
Total	Cr\$ 230.000.000,00



um dos Institutos Tecnológicos, o Escola de Minas e Metalurgia de Ouro por ocasião da assinatura do com- Clóvis Salgado, o Reitor da Universidade Calmon, o Presidente da COSUPI, diretor da Escola de Minas.

Universidade do Paraná, para cursos de engenharia, além do Instituto já citado, de Cr\$ 25.000.000,00; da Universidade do Brasil, para a Escola Nacional de Engenharia, Cr\$ 10.000.000,00; Universidade do Ceará, para a Escola de Engenharia, Cr\$ 5.000.000,00; Escola Fluminense de Engenharia, Cr\$ 5.000.000,00; Escola Politécnica da Paraíba, Cr\$ 5.000.000,00; Escola de Engenharia Industrial da Fundação Cidade do Rio Grande, Cr\$ 5.000.000,00; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Cr\$ 20.000.000,00; Universidade de São Paulo, Escola Politécnica, Cr\$ 3.800.000,00; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para a Faculdade de Engenharia Industrial, Cr\$ 8.000.000,00; Escola de Engenharia de Juiz de Fora, Cr\$ 5.000.000,00; Universidade Católica de Pernambuco, para a Escola Politécnica, Cr\$ 5.000.000,00. Um convênio para a concessão de Cr\$ 5.200.000,00 ao Instituto Técnico São José dos Campos está em estudos.

A instalação dos Institutos de tecnologia é mais uma idéia feliz da administração do Ministro Clóvis Salgado.

IN-DE-FOR-MÁ-VEL

Alumínio Panex em baterias completas,
ou peças avulsas



Panex

— a mais completa
bateria de utensílios de
alumínio para
a cozinha...

Panex

...distingue-se pelas linhas
modernas, pelo desenho prá-
tico e funcional e, sobretudo,



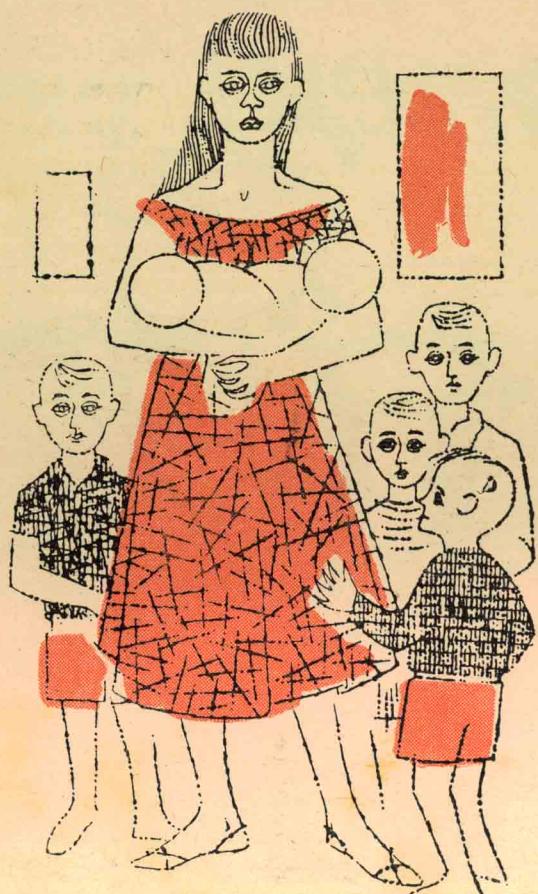
pela alta qualidade do alumínio:
resistente...
indeformável...
dura uma
vida inteira!

Panex - o 1º nome em alumínio!

S. PAULO: R. João Adolfo, 118 - Tel: 37-1276 - RIO: R. Visconde de Inhaúna, 134 - Tel.: 43-7329 - PÓRTO ALEGRE: R. Vigário José Inácio, 391 - Tel: 7809 - B. HORIZONTE: Pç. Zacarias, 36 - Tel: 3728

Dinah Silveira de Queiroz
(Do "Diário de Notícias")

QUANDO DEUS É INJUSTO



DESTA estadia na Fazenda recolho esse episódio que ilustra bem a nossa noção sobre a "injustiça de Deus". A história é forte, mas bem que explica essa nossa mania de pôr na conta da Fatalidade, do Destino, e, principalmente de Deus, umas tantas "erratas" de que somos, afinal, os únicos responsáveis. Guardadas as proporções, classificadas as faltas, os pecados veniais, separados, de um lado, com nossa compreensão, nossa instrução, e do outro essa pobre mulher analfabeta que nos proporciona a crônica de hoje, eis um exemplo da eterna calúnia feita à Divindade.

Pois começemos, já, com o caso. Um empregado da fazenda se chega à fazendeira, e lhe sugere:

— A dona se queixa que não tem cozinheira? Eu sei de uma muito boa. É viúva de um meu parente. Ele morreu faz sete anos. A pobre cozinha tão bem — que dá gôsto! A senhora manda a passagem, e ela vem...

A fazendeira aceitou o alvitre. Mandou o dinheiro pelo Correio, e esperou a cozinheira. E ela não demorou. Três dias, depois, chegava. O empregado foi buscar a patroa:

— A viúva está aí, dona!

A fazendeira ficou satisfeita. Seu problema estava resolvido! Ao chegar à cozinha, deu com a viúva. Era uma cabocla sadia, decepcionada; vestida de chita viva, com duas rodas de tinta na face. Mas... era um cacho de crianças! Trazia dois gêmeos — um em cada braço, pimpolhos que teriam os seus seis meses. Um pequeno de dois anos lhe segurava a saia. E mais três crianças que andariam, respectivamente, nos três, nos quatro e nos seis anos, se conservavam agrupados a seu redor — esquisitos meninos hostis, de cara fechada e gestos desconfiados:

— Mas... então você... você é a cozinheira... você é viúva?

— Está falando com ela, dona.

A fazendeira ficou perplexa. Mesmo com as larguezas da fazenda, não poderia tomar uma empregada assim, que não teria tempo senão de se ocupar dos próprios filhos.

— E' — disse ela. — Quando meu empregado falou... não explicou que você tinha tantos filhos.

— Ele não sabia, dona. Ele me conheceu do tempo do defunto, quando eu vivia em paz e não tinha filho.

— Mas... me diga uma coisa — fala a fazendeira — quanto tempo faz que seu marido morreu?

— Ah, o defunto passou desta para melhor vai já p'ro mês fazer oito anos, dona!

A patroa começou a sentir-se mal. Por fim, disse claramente que estava desolada, mas não podia ficar com uma cozinheira tão cheia de filhos. Pagaria a passagem de volta, daria mais uma ajuda pela canseira da viagem... mas, não era possível ficar com ela na fazenda...

A cabocla caiu em abatimento, porém, concordou:

— A dona tem tôda a razão. Esses sacis não me dão tempo!

Deu ela um adeus com mão molenga, pondo em equilíbrio difícil os dois gêmeos no lado esquerdo, um sobre o outro. Pegou a nota de cem cruzeiros e foi saindo escoltada pelas crianças de cara braba, que se voltaram da porta, onde a mãe também estacionou, e disse, num grito d'alma:

— A dona tem tôda a razão... Eu não me zango. A culpa é de Deus. E' uma grande injustiça Nossa Senhor dar tanto filho a uma pobre viúva... que já não tem marido prá sustentar a família! Ah, com isso eu não me conformo.

Economia! Facilidade! Sucesso!



Volume com 544
págs., cartonado,
\$ 150,00

...eis o que as senhoras
doras de casa conseguirão
com o livro

COMER BEM

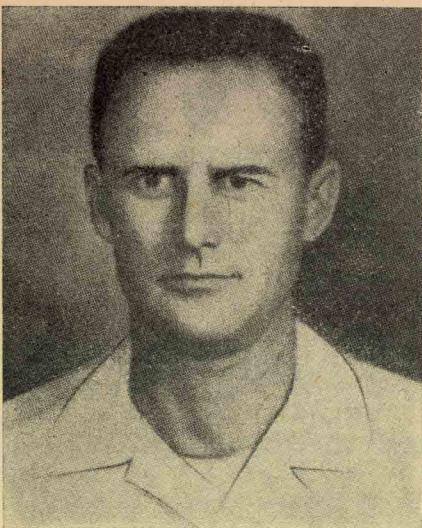
por DONA BENTA

Receitas excelentes e experimen-
tadas de salgados, doces,
bolos, cock-tails, sorvetes, etc.
Pratos saborosos, econômicos,
fáceis de serem preparados.
Sucesso garantido mesmo pa-
ra as mais inexperientes do-
nas de casa. Confie em *Dona
Benta* e resolva para sempre
os seus problemas de cozinha.

UM LIVRO QUE VALE POR UMA BIBLIOTECA DE ARTE CULINÁRIA!

À venda em todas as livrarias do Brasil
edição da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo



O técnico Cecil W. Kelley.

PANORAMA DO MUNDO

RADIAÇÃO ATÔMICA: MAIS UMA VÍTIMA

NUMA das salas do edifício do Laboratório Científico de Los Alamos, nos Estados Unidos, o técnico Cecil W. Kelley, de 38 anos, estava recentemente ocupado na elaboração de uma mistura. Era uma operação rotineira, fazendo parte de um processo para recuperar o plutônio de matérias residuais. Durante a sua permanência em Los Alamos ele já havia executado o serviço cerca de 75 vezes, sem o menor incidente. Mas desta vez, as coisas seriam outras. Quando ele pôs a aparelhagem em funcionamento um grande clarão azul resplandeceu em volta do tanque.

Roderik Day, um outro técnico que trabalhava na sala contígua, viu o clarão, recebeu um pequeno choque, ouviu um leve rumor e depois um estrondo fortíssimo. Dirigiu-se para o compartimento de onde vinham os ruídos e observou que Kelley havia corrido para fora e estava caído a poucos passos da porta. «Estou me queimando!», gritou Kelley. Em seguida, Day carregou-o para debaixo de um chuveiro, tendo o cuidado de desligar alguns interruptores no caminho, e ensopou-o com a água. Logo depois, uma ambulância conduzia-o para o hospital.

No hospital nada pôde ser feito pelo técnico Kelley. Segundo informaram, ele havia recebido de 6.000 a 18.000 roetgen (unidade internacional dos Raios X) de radiação. Esta quantidade significa pelo menos duas vezes mais

do que a dose considerada mortal. Transcorridas algumas horas depois do acidente, Kelley recobrou os sentidos ficando apto a explicar os detalhes do ocorrido. Disse haver pensado que o clarão azul era proveniente de um curto circuito na instalação elétrica, mas as principais causas do desastre não ficaram esclarecidas. Um dia depois ele morria.

O Dr. Thomas Shipman, chefe da divisão da saúde do laboratório, afirmou que a radiação produzira estragos fatais no sistema nervoso de Cecil Kelley. Embora as verdadeiras causas do acidente não tenham ficado bem esclarecidas, sabe-se que tudo proveio da desintegração do plutônio, colocado no tanque para uma reação. Disto resultou a ionização do ar e consequente relâmpago.

Este foi o terceiro acidente fatal de radiação atômica ocorrido em Los Alamos, e o único desde 1946. Considerando-se o trabalho desenvolvido pelo laboratório (projetando e efetuando explosões nucleares) o Dr. Shipman alega que a cifra de acidentes é «fabulosamente boa». «Muitas pessoas exageram o perigo da radiação atômica», conclui o médico, ao passo «que caminhamos para uma época em que teremos de viver cada vez mais em contacto com ela. A radiação atômica não deve continuar sendo envolvida por uma aura de mistério... A gente tanto pode morrer de radiação, como atropelado por um táxi».

A queda de Fulgêncio Batista repercutiu sensivelmente no Paraguai, apesar da grande distância que separa este país de Cuba. Dias depois dos decisivos acontecimentos que culminaram com a vitória de Fidel Castro, a emissora oficial do Paraguai, irradiando diretamente do Ministério do Interior, exortava o presidente Alfredo Stroessner a servir-se de «execuções preventivas a fim de evitar que o país se transforme no mar de sangue de Cuba». Momentos depois, numa noite dessas, a polícia, poderosamente armada, investiu contra o bairro sulino de Assunção, e ai prendeu dois rapazes que, servindo-se de pequenas porções de argila, estavam inscrevendo nas paredes das casas da redondeza, apelos em favor da liberdade de prisioneiros políticos.

Essa providência da polícia originou-se de uma denúncia feita por Ante Pavelic, o organizador de uma grande rede de espionagem que trabalha para Stroessner. Criminoso de guerra foragido, Pavelic é um antigo fanático fascista que governou a Croácia durante os primeiros anos da ocupação da Iugoslávia pelos nazistas, e que era chamado de «poglavnik» (líder) por Hitler. Responsável pelo extermínio de 800.000 patrícios seus, o iugoslavo Pavelic escapou para a Argentina após a guerra, onde vive tranquilamente.

JAPÃO:

É sabido que o coeficiente de suicídios no Japão sempre foi assustadoramente elevado — segundo cifras recentes, 24,2 por 100.000 no espaço de um ano, contra 10,2, nos Estados Unidos. Mas, não faz muitos dias, um famoso psiquiatra de Tóquio atraiu as atenções gerais, com a divulgação de um estudo em que estatística ainda mais desoladora é apresentada. Segundo o Dr. Tsunehisa Takeyama, é no período que vai dos 15 aos 24 anos, onde se registra a maior incidência do auto-extermínio. E a percentagem de adolescentes e jovens adultos que se matam no Japão é, segundo o Dr. Tsunehisa, de 54,8 por 100.00. E, estabelecido o suicídio como a principal causa-morte nesta idade de transição, (54,8) os aciden-



Alfredo Stroessner.

PRESIDENTE STROESSNER: CEDO PARA UMAS FÉRIAS NO CARIBE

No ano passado começou a trabalhar para Stroessner.

Mas aquela diligência policial não ficou apenas na prisão dos dois rapazes. Depois de cercar dez quarteirões de ruas calcadas com pedras irregulares, os policiais invadiram e rebuscaram residências, fizeram vítimas, na maioria estudantes, e levaram para a prisão várias pessoas, agredindo-as e desmantelando-as pelo caminho.

Vizinhos que observaram os acontecimentos através das janelas semi-cerradas de suas casas receberam um lacônico aviso da polícia: «Fechem essas janelas, ou nós atiraremos». Um jovem médico não deu muita importância àquela ameaça e foi, primeiro, prestar socorro a um homem derrubado por um cassetete irresponsável. Foi o bastante para cair varado no tórax por uma bala.

A principal ameaça contra Stroessner é representada por uma colônia de refugiados paraguaios opositores — um terço dos 1.600.000 habitantes do país — que, na maioria, vive do outro lado da fronteira, na Argentina. Em dezembro último esses refugiados causaram muita apreensão a Stroessner, a ponto de obrigá-lo a fazer «blak-out» no seu palácio, enviar tropas para a fronteira, e pedir que o Governo argentino apreendesse dois aviões Beechcraft que aparentemente se destinavam a bombardear o

Paraguai. Enquanto isso, em Buenos Aires, exilados paraguaios anunciam que estavam preenchendo uma lista de «criminosos de guerra» para serem executados depois da libertação.

A censura que o presidente Stroessner impõe à imprensa de seu país é tão rigorosa que os jornais recusam-se a imprimir até mesmo necrológios que não tenham sido antes aprovados pela polícia. Comícios públicos não são permitidos em hipótese alguma e, recentemente, a polícia impedi a realização de uma festa de casamento planejada por um oposicionista.

Os 23.000 homens componentes das Forças Armadas do ditador sustentam este poder, mas não se pode negar descontentamento entre as tropas. Os oficiais mais novos acham-se desgostosos porque sua carreira tem sido retardada devido a abundância de oficiais superiores. Por exemplo, para duas canhoneiras, o Paraguai tem sete admirantes. Em janeiro deste ano, Stroessner prendeu vários oficiais inferiores do exército, transferindo outro tanto para remotos postos no deserto do Chaco. No entanto, apesar de constituir um dos últimos ditadores da América do Sul, o presidente Stroessner não se tem mostrado disposto a se transferir para uma distante e bem freqüentada ilha das Caraíbas.

1º LUGAR EM SUICÍDIOS

tes vêm em segundo lugar, com a causa-mortis mais freqüente, com 42,8. Em seguida vem a tuberculose, com nada menos do que 21,3. Observa-se ainda que nada menos do que 34% dos 22.000 suicídios anualmente cometidos no Japão estão restritos a essa idade de 16 aos 24 anos. Além disso, o suicídio ocupa o 3º lugar como causa-mortis na quadra que vai de 25 a 34 anos, declinando para 10º lugar no período que vai de 55 a 64 anos.

Analizando a mentalidade japonesa a fim de verificar as causas desse grande desejo de morrer mostrado por seus jovens, o psiquiatra Tsunehisa declara: o preceito de Confúcio da obediência cega aos mais velhos e superiores foi deliberadamente pervertido du-

rante o governo dos xoguns (que dirigiram o País de 1603 a 1868), com o fim de ser mantido o espírito de casta. «A obediência é ainda muito difundida na moderna juventude japonês, mas, diz aquela autoridade em psiquiatria, enquanto constitui um princípio básico na estrutura de seu inconsciente, essa obediência choca violentamente com o esforço de seu consciente para conformar-se com o moderno sistema ocidental de vida. Entre outras coisas diz o Dr. Tsunehisa: «De universitários e estudantes secundários japoneses, 40% já pensaram no suicídio pelo menos uma vez. Jovens delinqüentes raramente pensam nêle porque elas compensam as suas frustrações com atos criminosos contra a sociedade».



Psiquiatra Tsunehisa: a distância que vai de Confúcio ao suicídio.



O investigador Iviglia — «As etiquetas, meu caro, são falsas».

PANORAMA
DO mundo

NA SUÍÇA VIOLINO É NEGÓCIO DA CHINA

CONGO: A INDEPENDÊNCIA AFINAL

NO decorrer de um discurso recentemente proferido em Bruxelas e, horas mais tarde, retransmitido no Congo belga, em caminhões equipados com autofalantes, o rei Balduíno anunciou o seu programa, há muito esperado, de conceder independência àquela colônia. A maior parte da população da Bélgica, que se encontrava em seus lares, fazendo sossegadamente o seu lanche, quedou-se em silêncio a fim de melhor ouvir aquela voz jovem e ligeiramente emocionada que vinha no rádio. Um tanto curvado sobre o microfone, e usando óculos, o rei Balduíno encarregava-se de divulgar os propósitos do Governo de conceder liberdade àquela vasta região, equivalente a 80 vêzes o tamanho da Bélgica, e que, antigamente, constituía feudo de seu tio-bisavô. Uma semana antes, nacionalistas congueses haviam exigido sua independência, no mais sangrento tumulto já havido na capital do território: Leopoldville.

O rei não disse exatamente quando essa independência virá, mas, segundo prometeu, já no fim do ano o Congo contará com Conselhos municipais e rurais livremente eleitos pelo povo, como

os já existentes em suas grandes cidades. E nos fins de 1960, novos conselhos deverão ser instalados em seis outras províncias. Finalmente, instalar-se-ão uma câmara de representantes e um senado para assumirem as atribuições até agora desempenhadas pelo chamado Conselho do Governador, em Leopoldville, e o Conselho Colonial, em Bruxelas.

Além disso, o rei Balduíno declarou desejar ardorosamente o fim da discriminação racial no Congo, pretendendo reformar a Justiça, incrementar a instrução e a assistência social. Expressou também sua esperança de que, uma vez livre, o Congo não esquecerá a Bélgica e manterá boas relações com ela, da mesma forma como tem acontecido com as antigas colônias francesas em relação à França. «Agora, nossa firme resolução», continuou o rei, «é conduzir o povo congues, sem fatais delongas e sem precipitações, na direção de sua independência».

Apesar da calma aparente e da fala do rei haver sido bem recebida no Congo, muitos observadores assinalam que tais providências governamentais foram tomadas demasiadamente tarde. Segundo dizem, a oferta da indepen-

QUANDO Antônio Stradivarius morreu em Cremona, Itália em 1737, deixou para o mundo uma herança de aproximadamente 1.100 instrumentos de corda, magistralmente construídos. Dentre os instrumentos hoje existentes que têm a pretensão de terem sido fabricados pelo mestre cremonense, talvez 600 sejam de fato legítimos. E' sabido que todo violinista virtuoso, concertista ou amador exímio, de qualquer parte do mundo, sente grande vontade de possuir um desses instrumentos. Mas estranhava-se que, embora não tenha sido muito grande o estoque deixado pelo famoso fabricante de rabecas, ele não tivesse se esgotado até hoje. Agora, porém, parte da questão parece ter sido esclarecida quando um tribunal suíço acaba de demonstrar a causa de tal milagre: compradores de supostos Stradivarius e de outros instrumentos que ostentam grandes etiquetas de Cremona, vi-



Rei Balduíno: alforria para a antiga propriedade dos avós.

dência devia ter sido feita há mais tempo, antes das violentas manifestações últimamente promovidas em Leopoldville e que resultaram em graves consequências. Recorda-se que nos distúrbios ali verificados, cerca de 175 pessoas perderam a vida, todas assassinadas no curto espaço de dois dias.

Agora, depois de passado o clímax da agitação, pára-quedistas belgas ainda patrulham sem cessar as ruas de Leopoldville, enquanto centenas de guardas brancos e pretos ostentam arrogantemente os seus revólveres. Este aparato serve de argumento para se prever dias ainda difíceis para o Congo.

nham sendo ludibriados por um espantoso tráfico de violinos falsos.

O responsável pela ação judicial recentemente julgada é um italiano, conhecedor de violinos, chamado Giovanni Iviglia. Vinte anos atrás, por ocasião de uma exposição de violinos do velho mestre, levada a efeito em Cremona, cerca de 2.000 «Stradivarius» foram apresentados e, segundo Iviglia, apenas 40 provaram ser genuinos. Descobrindo que o centro do comércio de violinos falsos era a Suíça, Iviglia, com o beneplácito do Governo italiano, fundou em Zurique o «Bureau Consultativo para os Proprietários e Compradores de Instrumentos de Corda Italianos».

Com a colaboração do laboratório da polícia local, o «bureau» examinou centenas de violinos trazidos a él por proprietários preocupados com a sua qualidade. A maioria dos instrumentos mostrava indícios de modernas cama-

das de verniz, ou etiquetas com tinta e papel de recente manufatura. Num destes violinos o laboratório da polícia encontrou até partículas de nylon.

Certo concertista trouxe a Iviglia um «Stradivarius» (pelo qual havia pago cerca de 4 milhões e quinhentos mil cruzeiros) com uma etiqueta dizendo: «Antonius Stradivarius Cremonenses faciebat Anno 1703». Abaixo desta, encontrava-se outra etiqueta em que se lia: «Pietro della Costa, Treviso, Anno 1764». Ambas eram falsas.

Certo colecionador suíço, que levou um «Stradivarius» de 1716, pelo qual havia pago 30.000 dólares, foi informado pelo escritório de Iviglia que possuía um instrumento verdadeiramente formoso, fabricado por volta de 1800 e que não valia mais de 4.000 a 5.000 dólares.

Iviglia criou um rumoroso caso com o afamado negociante de violinos de Berna, Henry Werro,

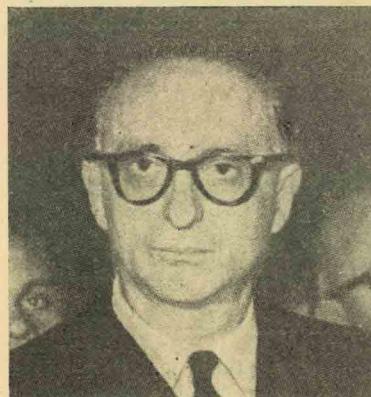
antigo presidente da Associação dos Vendedores de Violinos da Suíça. Quando o suíço Werro notou que as coisas para si não estavam ficando muito boas, tratou de readquirir, pela quantia de 60.000 dólares, cinco violinos e um violoncelo comprados por fregueses seus que já haviam descoberto o lôro. Werro fez isso apressadamente, antes que fosse levado às barras do tribunal, por vinte outras acusações de falsificação de nomes e etiquetas.

Não faz muitos dias, as acusações de Iviglia foram apoiadas por cientistas e especialistas designados pelo tribunal, a fim de estudar o caso. Levado a julgamento, o suíço Werro foi condenado por «falsificação de etiquetas e invenção em dois casos», à multa de 5.000 francos e um ano de prisão condicional. A sentença baniria a corrupção do comércio de violinos antigos.

ARGENTINA — ESTADOS UNIDOS

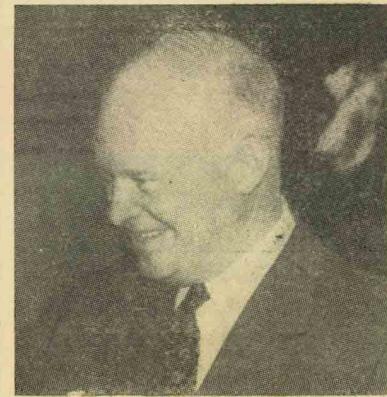
Para reforçar a amizade entre americanos.

DIRIGINDO-SE para o avião presidencial «Columbine III», o presidente Eisenhower caminhou vivamente ao longo de um tapete vermelho estendido no chão, passando sob uma extensa fila de umbrelas sustentadas por soldados fardados de azul. Do avião, que acabara de aterrissar no Aeroporto de Washington descia outro presidente: o ilustre Sr. Arturo Frondizi, primeiro chefe de Estado Argentino a visitar os Estados Unidos. Ike e o secretário de Estado John Foster Dulles receberam o presidente com calorosos apertos de mão, enquanto a esposa de Dulles, Janet, sorrindo, oferecia à senhora Frondizi um buquê de rosas vermelhas. Em seguida, e de acordo com as rígidas disposições do protocolo, visitantes e anfitriões dirigiram-se para o hangar nº 10



do Aeroporto Nacional, a fim de cumprir as solenidades de praça.

Tratava-se de uma visita amistosa, segundo afirmou o próprio Frondizi, e assim sendo os dois presidentes tinham poucos negócios oficiais a tratar. Na noite desse mesmo dia, Ike ofereceu aos visitantes um jantar na Casa Branca, encontrando-se novamente com Frondizi, dois dias mais tarde, numa conferência que tratou das relações americano-argentinas. Numa sessão conjunta do congresso, Frondizi expressou, através de um intérprete, a sua opinião de que os Estados Unidos não se negariam a lutar contra a ameaça de um caos econômico na América Latina, combatendo-o tão denodadamente como a um ataque «de uma força extra-continental».



Antes de deixar Washington, para realizar uma viagem através de Williamsburg, Chicago, Detroit, Nova York e Miami, Frondizi ofereceu, em retribuição, um jantar a Ike e Mamie, na embaixada da Argentina, situada em Q Street. Durante o transcorrer do banquete, o presidente Frondizi, notando que Eisenhower estava sorrindo disfarçadamente, perguntou-lhe qual era a piada. Ike respondeu, então que estava pensando em como iria levantar o brinde: decidi-me a falar em espanhol, explicou, mesmo apesar de ser um péssimo lingüista. Ao fim do jantar, Ike pôs-se de pé e anunciou que iria exibir o seu melhor espanhol de Kansas, e começou: «Brindo por el presidente y la Señora Frondizi y las buenas relaciones entre nuestros dos países».

RUGOL

2 cremes em 1

Limpaa e embeleza a cútis Dá maravilhosa branura e esplendor de juventude.

CREME

RUGOL

MANTEM EM SIGREDO SUA IDADE

ORFANATO SANTO ANTÔNIO DE PADUA

Mantido pelas Irmãs Franciscanas, com quase uma centena de meninas órfãs, necessita do auxílio de todos os corações bem formados, para realizar a sua elevada missão cristã.

Envie o seu donativo, colaborando na manutenção e educação de uma centena de brasileirinhas.

**Avenida Queiroz Júnior
ITABIRITO — MINAS GERAIS**



LEVE SEU RÁDIO
e espere consertá-lo.

RÁDIO TÉCNICA SANTA CRUZ
Avenida Brasil, 73 - Tel. 2-2983
Santa Efigênia — Belo Horizonte

A PRINCESA QUER SOSSEGO

O SEU nome é Maria Gabriella Giuseppa Aldegonda Adelaida Margherita Ludovica Felicita Gennara di Savoia. O fundador de sua dinastia foi Humberto, rei que governou a Savoia no XIº século. Entre seus ancestrais encontram-se santos, imperadores romanos e bizantinos, antipapas, príncipes franceses e belgas, nobreza italiana e balcânica e reis de terras tão separadas umas das outras como por exemplo a Espanha, Chipre e a Inglaterra. Há poucos dias, a Itália estêve em efervescência devido a notícias anunciando que a princesa Gabriella iria se casar com um rei com o dôbro de sua idade, cujo pai havia sido um príncipe do exército.

Em 1946, a princesa, então contando seis anos, deixou a Itália, em companhia de seu irmão Humberto II, conhecido como «O Rei de Maio», porque governara apenas neste mês. Gabriella foi para uma casa de campo à beira-mar, em Cascais, Portugal e, ao completar 17 anos, despediu-se de seu irmão destronado e de sua governanta inglesa a fim de juntar-se à sua mãe, rainha Maria José, na Suíça, e freqüentar a Universidade de Genebra.

Chamada Ella, por seus íntimos, a princesa fazia breves e fortuitas visitas à Itália, onde seus antigos súditos procuravam adjetivos para descrever-lhe a altura (1 metro e 80, sem salto). Com lindos olhos, fala cinco línguas, anda a cavalo, canta, toca guitarra, caminha desempenadamente e sorri como uma rainha. «Com aquêles olhos e aquêles longos cabelos castanhos, quando a gente pronuncia «Ella» o eco responde «bela», dizia um repórter.

Durante essas estadas na Itália, a princesa compareceu nas manchetes, ao lado dos nomes de Don Juan Carlos, filho do pretendente ao trono da Espanha, e do desportista duque de Kent. Acércia de Don Juan Carlos o semanário «Época» disse: «Ele foi feito para ela». Quanto à princesa preferiu nada dizer a respeito desses dois pretendentes, simplesmente voltando a seus estudos na Suíça.

Por fim surgiu o nome do gri-

salho Xá do Irã, que conta 39 anos de idade e exibe um grande nariz aquilino. Sabe-se que o Xá, atraído pelas fotografias de Ella, publicadas nos semanários, foi a Genebra, com a desculpa de cuidar dos dentes. Uma vez aí, foi convidado para um jantar, na espaçosa «vila» Merlinge, onde Ella vive com a ex-rainha Maria José. Depois da partida do Xá, a imprensa italiana fêz tanta «onda», que a princesa viu-se obrigada a visitar outra vez a terra natal. Numa entrevista com a imprensa, afirmou para os repórteres: «Não me liguei com nenhum dos homens aludidos, nem com o duque de Kent, nem com Don Juan, nem com o Xá Reza Pahlevi, com quem me avistei apenas uma vez, por dez minutos. Contesto as notícias divulgadas acerca de algum compromisso entre nós». A amigos ela disse: «Ele é tão velho que poderia ser meu pai, e parece meu avô». Mas o Xá conta com uma vantagem a seu favor: é um dos poucos reis que ainda possuem um trono.

Por sua vez, a imprensa italiana afirma que o casamento é absolutamente impossível, a despeito das previsões iranianas de que haverá uma «declaração» oficial nos próximos dias. A «Época» berrou: «Nada de complicações de Estado. O Xá é um homem triste e cansado, 20 anos mais velho do que a princesa. Mora numa enfadonha e distante Capital, à entrada de um mundo atrasado e selvagem. Sua corte é oriental, seu país incivilizado. A radiante Gabriella necessita de juventude, muito sol e risos. E, além disso, como uma princesa de Savoia, cujos títulos se perdem em milhares de anos, poderá se casar com um homem cuja dinastia começa em 1930?». Ao mesmo tempo, uma fonte do Vaticano declarava: «Aos olhos da Igreja o Xá é um infiel».

Entretanto, círculos ligados à Corte iraniana não se conformam com as diversas razões invocadas para impedir o casamento e afirmam, entre outras coisas, que Maria Pia, irmã de Ella, é casada com Alexandre da Iugoslávia, pertencente à igreja



A princesa Gabriella.

ortodoxa grega. No caso presente, porém, de casamento de uma católica com um muçulmano, o problema, como facilmente se deduz, é mais grave.

Além dessas razões de ordem moral e religiosa, a exigência da Constituição iraniana de que o herdeiro do trono deva ser filho de uma mulher iraniana, representa também um grande obstáculo para o casamento, apesar de entendidos ligados ao Xá sugerirem que essa junção explícita não deve ser interpretada tão rigidamente, contanto que a princesa Ella permita que seus filhos sejam educados no sistema muçulmano. Há poucos dias, a irmã casamenteira do Xá, princesa Cham estêve em Genebra, para tratamento do nariz, segundo alegou. E, enquanto o Xá se mantém em silêncio, a princesa Gabriella passa tranquilamente os dias na «vila», como qualquer princesa.



As Origens do Universo

Os cientistas estão agora preocupados em descobrir como começou o Universo já tendo sido criadas duas poderosas correntes, cada qual defendendo mais ativamente a sua teoria. A primeira corrente é a da Evolução, que defende a tese de que toda a matéria existente no Universo achava-se concentrada em um único bloco, cujo tamanho não ultrapassava ao da órbita terrestre. Com uma densidade de cerca de 1 bilhão de toneladas por centímetro cúbico, este «átomo» primitivo levou de 20 a 60 bilhões de anos para desintegrar-se. Sua matéria tornou-se quente e ele começou a expelir gases, ficando nesse estado durante cerca de 9 bilhões de anos. A partir daí, o gás condensou-se em bilhões de galáxias, cada uma contendo bilhões de estrelas, que formam o Universo dos nossos dias. Por essa ocasião, apareceu uma poderosa e misteriosa força, uma espécie de anti-gravidade, que trabalha apenas quando os objetos estão separados por uma distância considerável, e separou as galáxias umas das outras.

Para todos aqueles que associam o Universo ao poder criador de Deus, a criação do primeiro átomo é um ato exclusivamente divino, que escapa aos limitados conhecimentos humanos, bem como a quaisquer investigações científicas que se possa pretender realizar. Entretanto, há um sem-número de pessoas que pensam de maneira diferente, como o cosmógrafo George Gamov, da Universidade do Colorado, que acredita ser o átomo primitivo mero produto da contração máxima de um universo que existira prèviamente.

A verdade é que não só o espaço, mas o próprio tempo começou com o átomo primitivo, e perguntar, agora, o que existiu antes dêle, talvez seja ignorância.

A segunda teoria é conhecida como o «estado seguro de universo» e defende o ponto de vista de que a matéria ainda está sendo misteriosamente criada, em forma de gás hidrogênio, havendo constante formação de galáxias.

O rádio-astrônomo britânico, A. C. B. Lovell, da Universidade de Manchester, disse que o único caminho para se descobrir a maneira como se tem desenvolvido o Universo é estudar o seu desenvolvimento no passado. Entretanto, não é isto que têm feito os astrônomos, pois elas recuam no tempo, mas não fazem o mesmo com relação ao espaço. Adiantou o Dr. Lovell que dentro de um futuro muito próximo estará pronto o novo e gigantesco rádio-telescópio, cujo alcance no plano inter-estrelar é muito maior e muito mais profundo do que o do maior telescópio ótico, estando, por isso mesmo, capacitado a dar um grande impulso nos estudos astronómicos relacionados com o desenvolvimento do Universo.

Segundo o Dr. Lovell, a rádio-astronomia irá esclarecer todas as dúvidas levantadas, uma vez que o poderoso rádio-telescópio pode descobrir galáxias (que emitem poderosas ondas hertzianas) a uma distância muito maior que a que pode ser alcançada por um telescópio ótico. Em poucos anos os cosmógrafos estarão habilitados a enxergar tão longe no espaço ou tão recuado no tempo, a ponto de conhecer a origem do Universo que estão contemplando.

Aí então, dar-se-á a César o que fôr de César.

Ó C U L O S !

AVIAM-SE RECEITAS
OS MAIS MODERNOS E VARIADOS TIPOS
DE ARMAÇÕES

BRASÓTICA

Rua Tupinambás, 688 — Belo Horizonte
Atende-se pelo REEMBÓLSO POSTAL

O Preparo Para a Maternidade

Não obstante o adiantado da Ciência no campo médico, não existe nenhum método capaz de possibilitar um parto completamente isento de dores, mas apesar dessas dores o parto natural é o que há de mais sublime, quando a futura mãe é devidamente preparada, pois elle subentende apenas uma soma de dor perfeitamente suportável e um máximo de alegria e satisfação.

Evidentemente, nem sempre as coisas terminam tal e qual se planejou e há vêzes em que, por uma razão ou outra, a mãe devidamente preparada é incapaz de, na hora necessária, pôr em prática tudo aquilo que aprendeu. Isto, na maioria dos casos, acontece justamente quando ela recebe mais ajuda do que esperava na realidade. E, neste caso, são grandes e muitas vêzes incontroláveis os sentimentos de culpa e de inadequação que assaltam algumas mulheres, especialmente aquelas que são idealistas e mais sensíveis.

A mãe inteligente treina para a maternidade quando se lhe oferece ocasiões, procurando aceitar a situação com o máximo de boa vontade possível conservando-se feliz e natural e aceitando com gratidão a grande recompensa — um perfeito e bonito nenê.

Para as futuras mães é de grande interesse possuir alguns conhecimentos ainda que simples, a respeito do crescimento e desenvolvimento da criança durante os meses que precedem o seu nascimento, bem como saber como é que o seu próprio corpo se adapta a este desenvolvimento. De posse de tais conhecimentos, a ansiedade e a apreensão que teimam em atormentar a mãe em perspectiva são substituídas por uma doce confiança, pois ela sabe e comprehende o que se passa em cada fase da gestação e como se deve cooperar com a natureza e com o médico ou a enfermeira para tornar as coisas tão simples quanto o possível durante o parto. Algumas são capazes de adquirir tais conhecimentos através de livros escritos especialmente para este fim, mas é de mais proveito que a futura mãe aprenda tudo o que lhe fôr necessário em algum curso dirigido por uma parteira ou por um ginecologista.

O parto natural exige uma preparação física e mental também. A psicologia moderna chegou à conclusão de que muitos casos psicológicos são originados, na mãe ou na criança, exatamente na hora do parto, quando aquela não teve a devida e necessária preparação mental.

Os exercícios físicos são de grande utilidade, mas só devem ser levados a efeito quando tiverem a permissão do médico ou da parteira encarregados dos cuidados pré-natais, justamente porque, em algumas circunstâncias, tais exercícios podem ser prejudiciais.

Cápsulas

* Estão sendo levados a efeito relevantes estudos no sentido de dotar a vacina Salk do poder cem por cento imunizante, uma vez que até hoje ela tem agido positivamente só em setenta por cento dos casos. * A anosmia (falta de olfato) pode ter as suas causas na diabetes, nas doenças nervosas e nas doenças nasais e são indicadas para o seu tratamento as vitaminas B1 e termais (água sulfurosa ou salgadas). Não se deve contudo dispensar os conselhos de um bom especialista e de um neurologista capacitado. * Entre os diversos medicamentos empregados atualmente no combate a doenças da pele devidas ao fungo, o que goza de maior confiança é a Griseofulvina, antibiótico que se identifica bastante com a penicilina, e que é ministrado oralmente.

Conclusão da pag. 4

Felizmente, para todos nós, o tenebroso plano de «autofinanciamento» está morto e enterrado, graças à atitude corajosa do grande Prefeito que foi Celso Azevedo, do íntegro magistrado Edésio Fernandes, e de tôda a imprensa livre como ALTEROSA, cujas tradições saíram mais engrandecidas dessa memorável batalha contra o poder econômico da Light.

EVARISTO ANTUNES DE SIQUEIRA — BELO HORIZONTE

Preciosas Lições de Língua Pátria

SUGERI, há tempos, e volto agora a lembrar-lhes a conveniência de ser criada uma seção para melhorar os conhecimentos de Língua Pátria dos leitores dessa revista. Seria mais um bom serviço que ALTEROSA prestaria à cultura popular, já que nada é mais importante que o perfeito conhecimento de nosso próprio idioma.

MANUEL ALVARENGA — GOIÂNIA — GO

• A seção sugerida pelo leitor já se acha em preparo. Aparecerá em breve.

A Opinião do Leitor

GOSTARIA que se dedicasse mais um pouco ao serviço do nosso glorioso Brasil, com um nacionalismo puro e esclarecedor da opinião pública. Os brasileiros precisam de lições cívicas.

CELSO DE ALVARENGA — RECIFE — PE

CONSIDERO ALTEROSA uma revista muito instrutiva, uma das melhores do Brasil. Desejaria, entretanto, encontrar em suas páginas mais notícias esportivas e políticas da nossa Capital.

CIRO LUCIANO BULHÕES — UBERABA — MG

DISCORDANDO da opinião de outros leitores, considero interessante a publicação de paisagens históricas ou pitorescas do Brasil, mas não na capa, que está muito bem com «close-ups» das mais belas artistas do cinema.

ANTONIETA CASSIANO — FORTALEZA — CE

Somos como uma vasta extensão de cumes de montanhas. Temos alguns, a mente sempre nas nuvens, acima das neves eternas. Rugem os trovões por cima de nossas cabeças, fendum os raios, fustigam-nos as tormentas e o granizo. Está trovando num pico distante, e só exergamos que chove por lá. É tudo o que percebemos. Não temos certeza quando nossos vizinhos são felizes ou desgraçados; se luz o sol, ou vergasteia a borrasca mais adiante. As forças secretas do interior das montanhas trabalham incessantes. E a distância tudo encobre. Jamais nos aproximamos bastante de outro pico, para verificar-lhe as feridas da superfície, para tomar conhecimento do leito das torrentes que secaram, das marcas deixadas pelas avalanches e degelos, dos precipícios e fossas encobertas, das destruições e ruínas. A tão grande distância tremeluzente os picos velados dir-se-ia que são todos belos, com exceção do nosso. (Myrtle Reed)

De Mario Newton Filho — Olha as árvores: tua mão as plantou e frutos colheu — têm um anseio de luz que se assemelha ao teu. Olha os animais que volteiam no céu e caminham na rua: a morte de um cão é exatamente a tua. Olha e admira os homens de aparência calma — drama maior que o teu éles carregam n'alma. Olha o céu, a terra, o mar, a vida e o mundo, sem desdém: és filho da vaidade, flor do pó, ningüém.

Na paixão física por outra vida, mal pressentimos, muitas vezes, que, simplesmente, obscuramente, apenas amamos a nós mesmos, demarcados pela nossa natureza. Julgamos atingir a curva desconhecida, que é o começo de outra alma, quando estamos, ainda, em nosso país interior, deslumbrados e atentos aos seus panoramas. (Oliveira e Silva)

Hermínio Pereira da Silva, sobrevivente do desastre de Mangueira, no qual perdeu uma perna nos diz: «enquanto se vive e se pode ver o sol nascer, uma noite de lua, ou um riso de criança, nada de verdadeiramente mau nos aconteceu...»

Ela descobrira que, quando você está em aguda dor física a vida se torna extraordinariamente simples. Que a dor passe, não há outro propósito na vida. Que a dor passe, que a dor passe, por favor, meu Deus, pare esta dor! E quando ela passa, a alegria vem numa grande onda

Fuga

LEONOR TELLES

"Tudo vem, tudo vai, do mundo é a sorte..."



de desafogo, e o espírito é inundado de um contentamento suave, o qual está tão próximo à pura felicidade quanto qualquer experiência na Vida... (Mary Lutyens)

De Delore Gurgel — Eu sou a sombra que passa sem deixar vestígio... Ou a nuvem que flutua, sem rumo, no espaço... Ou a brisa que sopra indiferente... Ou a fumaça que sobe sem cessar... Ou o perfume que se evola... Ou a luz que se escoa pelos vitrais de um templo.

Sou a chama que se apaga... A lágrima que seca... O queixeira que se extingue entre os clamores do universo.

Sou um pensamento que se agita nas plagas do desconhecido... uma alma que perambula, esquecida, no roteiro da vida... uma forma anônima, que se confunde e se perde no meio da massa humana...

Depois, afinal de contas, ainda mesmo quando as coisas vão mal para a gente, o mundo não se acaba por isso. Tudo o mais subsiste: o sol, a floresta, o ar, o perfume do ar depois de um aguaceiro; é indescritível... (Vicki Baum)

Do diário de Amiel — Para as coisas capitais da Vida estamos sempre sós, e a nossa verdadeira história jamais é decifrada pelos outros.

Quem fêz ao sapo o leito carmesim de rosas desfolhadas à noitinha? E quem vestiu de monja a andorinha, e perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrélas no jasmim? Quem deu êsbes cabelos de rainha ao girassol? Quem fêz o mar? E a minha alma a sangrar? Quem me criou a mim?

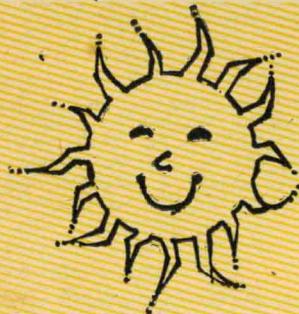
Quem fêz os homens e deu vida aos lôbos? Santa Teresa em misticos arroubos? Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de rastros? Quem nos deu olhos para ver os astros — sem nos dar braços para os alcançar? — (Florbel Espanca)

Da «mensagem de infância» de Jaime Balão Júnior — O menino já não chora, já não queixa, nunca mais. Nem sempre os lírios estão em flor mas são lírios. Nem tudo é triste na tristeza. E o fim da sabedoria é ser, simplesmente, menino, perseverar, sentimentalmente, como menino, realizar, no menino, evangélicamente o homem eterno para encontrar o reino do silêncio e da santa paz onde não se chora mais, não se gème nunca mais — a voz ficou estrangulada na garganta — e as últimas lágrimas, dolorosamente humanas, para perpétua lembrança dos humildes, cristalizar-se, enfim, nas confissões e nas cinzas de um coração sensível de menino...

Eu canto como a cigarra que não pensa na invernia. Pouco me importa o amanhã — hoje apenas é o meu dia... (Walter José Faé)

Quitandinha



**E era tal o
o calor naquela
cidade que um
homem resolveu
fritar um ôvo
no asfalto.
Resultado :
— Foi multado por
não ter
licença da
prefeitura,
para trabalhar
no ramo
de restaurantes.**

— Pedrinho — perguntou o pai — que é que você acha que eu lhe daria, se você me dissesse que vai, de boa vontade, à escola ?

E o menino, muito vivo :

— Uma boa surra, para eu não falar mentira !

* * *

— Mamãe, mamãe — grita o garotinho, todo aflito — derubei a escada.

— Ah ! menino ! — esbraveja a mãe. — Deixa quando o seu pai souber...

— Ora, êle já sabe, mamãe. Ele ficou preso em cima do telhado.

crianças INTELIGENTES

O garotinho estivera brigando no pátio da escola, e a professôra comunicou o ocorrido a sua mãe. Chamado à prestação de contas, êle explicou-se :

— Ora, mamãe, a professôra enganou-se, pois quando ela se aproximou nós não estávamos brigando, estávamos era tentando separar-nos um do outro...

* * *

Trecho da composição de um garotinho, sobre o coelho :
«O coelho é muito amoroso, êle arranca o pêlo de sua bariga para forrar a cama dos coelhinhos. Agora me digam : que pai faria isto ?»



QUE CALMA !

Na escuridão do cinema, ouviu-se uma voz reclamando :

— Ei ! O Senhor está sentado em cima do meu chapéu.

E outra voz, com muita calma, respondendo :

— E daí ? O senhor não vai sair agora, vai ?



ELAS SÃO DE MORTE

INFLAÇÃO

Impressionado com o preço do corte de cabelo, um freguês metido a importante virou-se para o barbeiro e disse :

— Isto aqui é mesmo de abismar ! Imagine que cheguei recentemente de Brasília e posso afirmar que corte o meu cabelo lá por pouco mais de uns 10 cruzeiros.

— Muito bem — replicou o cabeleireiro. — Mas... e a passagem, nada ?

À saída da igreja, logo depois do «conjugo vobis», a noiva virou-se para o noivo e disse :

— Agora, Camilo, que já estamos casados, espero que sejamos bons amigos, sim ?

* * *

E aquela mocinha que era muito cortejada, respondia a um dos seus milhares de fãs :

— Sinto muito, Eleutério, mas acabo de aceitar o pedido de casamento do Crisóstomo, há quinze minutos. Se você tivesse telefonado antes...

* * *

Ele :

— Amo-a muitíssimo, querida, mas reconheço que sou muito feio para você.

Ela, carinhosamente :

— Ora, isto não tem a mínima importância, meu tesouro ! E além de tudo, como caixeteiro-viajante, você estará sempre fora, não é ?

RISCO

Quando John Barrymore alcançou o seu primeiro triunfo na Broadway, fez construir uma elegante casa no bairro Greenwich, em Nova Iorque, e gastou muito para mobiliá-la. E para embelezá-la, mandou construir um jardim no teto. Depois de pronto, o próprio construtor advertiu-o :

— Você está maluco, homem ? O teto não pode aguentar tamanho peso ! Que pensa fazer ?

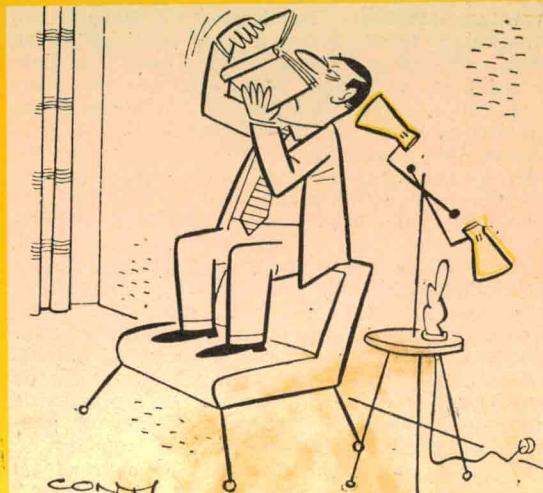
— Ora, vou mudar-me. — Você não vai querer que eu more numa casa condenada, vai ?

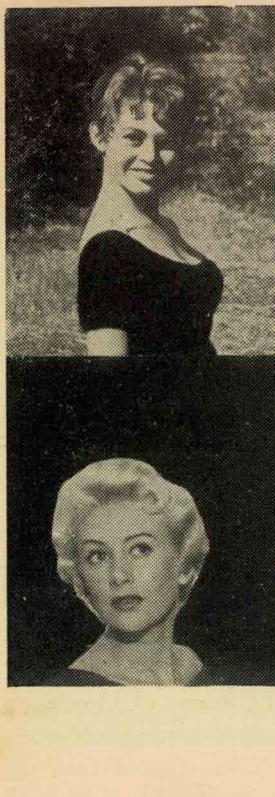
Depois de dar uma freia rápidamente e de ter ouvido uma série de impropérios, o pedestre continuou impassível, na frente do automóvel. O motorista então berrou a todos os pulmões :

— Como é ? Será que você vai ficar muito tempo aí no caminho, hein ?

— Depende do senhor, uai — respondeu o pedestre calmamente. — Pois tem uma roda em cima do meu pé...

ARGUMENTO





GRANDES ARTISTAS DE NERVOS GASTOS

U MA chuva gelada caía sobre Paris: era novembro. O pessoal do filme "Elevador Para o Cadafalso" escolhera para quartel general "A Casinha do Caviar", na Rua do Coliseu. Tôdas as noites, às dez horas em ponto, Louis Malle, o jovem realizador do filme, empurrava Jeanne Moreau, para fora, repetindo: "És Florência e procuras Juliano, o homem a quem amas..." Então Jeanne Moreau, sem maquilagem, os olhos com olheiras, o rosto pinganudo de água de chuva, punha-se a andar pela noite luminosa dos Campos Elíssios. A câmara fotografava-a de improviso, dissimulada sob um portão ou colocada num telhado.

Por vêzes, pessoas a reconheciaram, faziam-lhe sinal, interpelavam-na. Jeanne Moreau, vivendo seu personagem a fundo, passava sem vê-las. "Ela se encontra num estado espantoso" — diziam. Um passageiro solitário, espantado com a fixidez do olhar dela, chegou a advertir um policial: "Há uma louca em liberdade diante da tabacaria Renault".

Assim foi durante quatorze noites consecutivas, das dez às primeiras luzes da aurora. A derradeira foi considerada satisfatória: Jeanne Moreau desmaiou no Rond-Point, esgotada. Hoje, os espectadores de "Elevador Para o Cadafalso" dizem entre si, acompanhando-lhe a marcha trágica: "Uma mulher que não sofreu não pode caminhar da maneira como caminha essa..." Mas ignorarão sempre que, terminado o filme, Jeanne Moreau levou vários meses para se refazer dessa caminhada sob a chuva de outono. Entretanto, não é ela a única atriz a ser vítima de sua profissão. O cinema — derradeira profissão de senhores — é uma arte monstruosa que devora, pouco a pouco, como um câncer mental, aquelas ou aquelas que a escolhem? Que roda de engrenagem se estraga na mecânica nervosa dos comediantes? Por que tôdas essas neuroses?

Em Hollywood, a bela Gene Tierney, apôs duas tentativas de envenenamento com barbitúricos, passou largo tempo num asilo psiquiátrico. Marlon Brando declara: "Meu melhor amigo é meu psiquiatra. Passo com élê tôdas as minhas horas livres. Tenho necessidade de alguém a quem possa confiar todos os meus dramas". Enquanto que James Dean encontrou na morte o refúgio supremo, Montgomery Clift, fugindo de Hollywood, passa oito meses sobre doze no campo e, quando volta à metrópole do cinema, é perseguido pelo que os norte-americanos chamam "o complexo do estúdio". O próprio Sinatra, o "duro", o couraçado, o indestrutível, exige de seus cenaristas que não escrevam mais papéis em que deva élê levar a introspecção até seus limites extremos.

Esse flagelo dos tempos modernos, o colapso nervoso, ao qual se deu o nome de novo "mal do século", exerce também suas devastações na França. Por três vêzes, em dezoito meses, Martine Carol teve de procurar no sono artificial o indispensável esquecimento. A beira do desmoronamento, Brigitte Bardot deixa o palco de "Em Caso de Desgraça", quando o filme ainda não está acabado, paga 5 milhões de multa à sua firma, acredita-se feia e acabrunhada por tenaz complexo de melancolia; engole cinco comprimidos de gardenal, dorme dezesseis horas e vai repousar na montanha.

Extenuada pela filmagem de "Deserto de Pí-galle", Annie Girardot deixa a Comédia Francesa e prefere partir em giro na província e através da Europa, em vez de recomeçar outro filme. Em suma, no total, oito atores em cem foram, depois da guerra, submetidos a tratamentos neuro-psiquiátricos. Não é mais o reino das "estrélas", mas dos comediantes trágicos.

* * *

Se, de tôdas as profissões, é o cinema a que rende mais (algumas "estrélas" chegam a ganhar vários milhões por filme, como é o caso de Audrey Hepburn), também é a mais desgastante. Em que consiste esse desgaste? Há, em primeiro lugar, um prodigioso esforço físico a empregar. E' preciso uma média de oito a dez semanas para realizar um filme de duração normal; são semanas durante as quais os atores trabalham sem interrupção, durante oito e dez horas. "Exceto por não nos arriscarmos a receber uma bala, um ano de cinema — diz Jean Gabin, que faz quatro filmes por ano e ganha 120 milhões — é uma provação tão terrível quanto um ano de guerra". O potencial nervoso dos comediantes acaba, cedo ou tarde, por abalar-se. Fatigados, procuram excitantes. Gabin fuma seis maços de cigarros por dia. Robert Mitchum bebe até quatro litros de café.

Quando se pergunta a Sophia Loren quais as três qualidades mais importantes para lograr êxito no cinema, responde: "Uma boa vista, memória, paciência".

Um eminentes especialista californiano, o professor Broone, notou que as neuroses de atores tinham,

muitas vezes, como origem direta, um "traumatismo ocular". Numa tese recente, explica que um dia passado sob o fogo dos refletores — êsses braceiros circulares que rebatem a luz no rosto dos artistas — é mais prejudicial para os olhos dêles do que seria "um dia sob o equador, a olhar o sol de frente".

Broone fez o seguinte cálculo: no palco, uma "estréla" de Hollywood, durante cinco a sete horas por dia, é submetida a uma iluminação, à queimarrupa, de 12.000 lux. Isto é, cem vezes mais que a iluminação normal duma sala, doze vezes mais que nos vastos vestíbulos das grandes lojas mais pródigas em luz. E' o que se chama a grande prova do nervo óptico. (Na França, 17% da gente de cinema usa óculos em casa. Nos Estados Unidos e na Itália, 28%. O cômico Danny Kaye mandou arranjar na sua casa de campo uma câmara negra, na qual se encerra duas horas por dia, toda a vez que tem de enfrentar as luzes cegantes dos projetores).

Desde alguns anos, os grandes diretores de Hollywood — e, na Europa, Fellini — exigem de todos os seus intérpretes, qualquer que seja a importância do papel que lhes cabe, que saibam de cor, não sómente suas réplicas, mas todo o diálogo do filme. Donde uma média de 170 páginas de texto datilografado para aprender. (James Dean, pouco tempo antes de sua morte, contou como estivera a ponto de renunciar à sua vocação de comediante, quando era aluno do famoso Estúdio do Ator, de Nova York, no dia em que lhe impuseram recitar, no decurso do exame do fim do ano, um monólogo de 330 linhas).

* * *

Na sua maior parte, os diretores são maníacos da perfeição que exigem de seus artistas verdadeiras proezas de paciência, de sujeição, de resignação. Para "Os Espiões", Clouzot fez sua mulher Vera Clouzot repetir vinte e sete vezes a cena da loucura, no curso da qual ela rasga o travesseiro e cobre o rosto de penas. O exemplo mais impiedoso permanece, entretanto, o da célebre cena dos adeus em "Um Lugar ao Sol", cena que imobilizou durante dezenas de dias toda a turma do filme e foi cento e onze vezes recomeçada. Elizabeth Taylor fazia a Montgomery Clift, condenado à morte, uma última visita na sua cela. Só tinha de dizer estas palavras: "Não te esquecerá jamais".

— Por que as diz tão mal? — perguntou-lhe seu diretor, Georges Stevens, descontente.

— Porque tenho medo.

— Desengane-se, você não tem medo bastante.

No dia seguinte, Stevens obteve do Ministério da Justiça o favor especial de deixar Miss Taylor visitar o parlatório duma penitenciária; depois, do departamento da Policia de Los Angeles, a autorização de fazer Clift ouvir arquivos sonoros — confissões de condenados à morte, registradas em faixas magnéticas. Terrivelmente impressionados, os dois heróis conseguiram ser bem sucedidos, afinal, em sua cena.

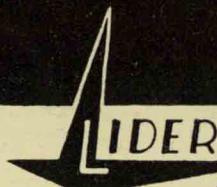
* * *

Mas, na maior parte das vezes, êsse medo de que falava Elizabeth Taylor é o pesadelo permanente do comediante na tela. O medo do estúdio é o pior de todos. Ao contrário do teatro ou da televisão, o ator é entregue, sózinho, sem ninguém para socorrê-lo, para distrair sua apreensão, ao mais cruel de todos os olhares, o da câmara, que vai multiplicar, como uma lupa fantástica, o menor êrro de mímica, o mais leve defeito de fisionomia.

Sobre todos êsses elementos já mais do que favoráveis a uma ação dissociante, vem-se enxertar o que o grande psiquiatra alemão Bonohefer chama a "psicose obsessional dos assuntos tenebrosos". O cinema, como todas as artes modernas, é um refle-

(Conclui na pag. 60)

**TAXI AÉREO
PARA TODO
O PAÍS
SEMPRE À SUA
DISPOSIÇÃO**



TAXI AÉREO

**PILOTOS
PROPRIETARIOS**

José Afonso Assumpção
Juvenal Cabral Nunes
Aroldo Reis Paiva
Hélcio Reis Paiva

AGÊNCIA: AV. Amazonas, 507 — Edif. Dantés — Loja 9-C — Telefone: 4-9662 (de 7 às 22 horas).

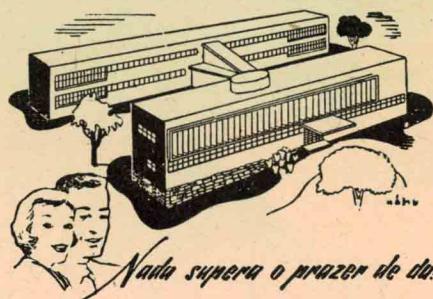
A qualquer hora da noite — Tel 2-4689

AEROPORTO DA PAMPULHA

**Clinica e cirurgia de
OUVIDO, NARIZ E GARGANTA**

DR. JOSÉ CHIABI

Edif. Banco Crédito Real — 13º pav. — Sala 1.302
Rua Espírito Santo, 495 — Telefone: 4-4040.



A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos mais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

Hospital Espírita «André Luiz»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34
Fone: 2-8360 — Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte



Era teimosa e covarde, ele sabia. Mas sabia também ser mais, muito mais teimoso do que ela.

RANULFO BOMFIM

Ilust. de Pinho



Piranha

PREMIADO NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

A QUELA calma! Só quem não conhecesse o velho rio acreditaria. Coisa de instantes. Fugaz. Nesses instantes, o velhaco transudava sómente paz e calma, cumprindo como um velho hipócrita sua líquida missão de deslizar e esconder as tragédias que lhe escureciam as águas. Tragédias temporárias como manchas numa consciência levana. As tragédias dos peixes. Súbitamente, o estardalhaço subia até à superfície e submergia a paz inconsistente e falsa. Chapado metálicamente ao sol, um corpo — peixe, irmão de outros peixes — traçava no ar a curva molhada que ia agonizar num berço afiado de dentes rápidos e ponteagudos, e dali, num pânico doloroso, tentava repetir a fuga. Tentava, sómente. O rilhar dilacerante das mandibulazinhas impiedosas dava exatamente o tempo necessário. Depois adquiriam a imobi-

lidade do descanso, as barbatanas flectiam levemente sob a água e as piranhas afastavam-se, desfaziam o cardume. Afastavam-se nadando rápidas, em volteios ágeis, precavidos, o ar cruel e insensível preso na curva da boca, os olhinhos glaucos brilhando malignos. Mas ainda famintas, ainda inquietamente vorazes.

«Porque as piranhas, estranhos peixes, são assim vorazes e vivem a entredevorarem-se cruelmente?» O homem fazia a pergunta a si próprio enquanto aguardava o esticão na linha. O acôrdo tácito entre homens e peixes que o faria retesar a vara, puxar, usar seus truques e sutilezas, desmembrar daquelas águas o peixe ou senti-lo escapar. Era, contudo, um homem paciente e o que existia entre ele e os peixes não era propriamente inimizade. Eram, isto sim, eternos contendores, um em cada extremidade,

fazendo valer a sua astúcia, o seu jôgo. O velho jôgo do peixe e do pescador.

Tinha seus cinqüenta. Mas rijos, vigorosos. Fincado à margem do rio, dentro de suas botas altas de um havana gasto, observava o anzol, o braço estirado, prolongado pela vara gomada e flexível. Seus braços ainda eram fortes, de veias salientes, cipós enleando troncos. O sangue parecia fluir dentro delas com estranha força que as mantinha sempre in tumescidas, a lhe conferir aquéle ar de vigorosidade animal, apesar do apergaminhado de sua pele. Tinha um rosto informe, inexpressivo e comum, mas havia decisão nas rugas cavadas nos cantos da boca. Diziam que ele era capaz de fazer o que lhe desse na telha. Porém, nos olhos de uma côr líquida de folha-séca é que se lia plenamente a obstina-

ção que o caracterizava. Teimoso. Mas de uma teimosia paciente e calma que ele tinha por virtude, cultivada em longos e exaustivos anos, como algo a burilar ininterruptamente.

— Peixes excomungados, belisquem, vamos!

A mercê de suas emoções, assim falava sózinho. De quando começara não guardava lembrança. Sestro, afirmação de sua vivência, no silêncio arranhado de sons do mato, bem tempo havia. Às vezes monologava, outras construía diálogos inteiros. As coisas indo bem punha-se a assobiar entredentes uma velha e gasta modinha praieira aprendida em menino.

A linha deu um esticão violento. Deixou-a correr. O peixe disparou, mergulhou, debateu-se, cansou. Então, avaramente, o homem recolheu a linha estreitando mais e mais a distância entre eles, plenamente divertido com o jôgo. O peixe então saltou e ficou por um instante fugaz reluzindo ao sol, o dorso salpicado de pintas escuras.

— Piau!

Riu selvagemente, mas sem expansão, um riso mais para si próprio, satisfeito, integralmente satisfeito por haver fisigado o piau, um belo peixe, dois bons palmos bem medidos com a sua mão larga.

Era realmente um belo piau, com suas manchas escuras decrescendo para a cauda. E era um peixe diferente das piranhas. Ah! como estava farto delas! Acorriam em bandos ao anzol disputando a primazia de serem fisiadas. Praga. Verdadeira praga. Às vezes cortavam as linhas, levando os anzóis, e ele as imaginava rindo zombeteiras, depositando seus anzóis no fundo areiante do rio. Vinham sorrateiras e ele as sentia sob a água, beliscando o anzol, esticando a linha, e quando puxava vinha sómente a linha gojeante, dilacerada. Sim, aborreciam-no as piranhas. Por serem desleais e por não se respeitarem. Viviam naquela ostentação voraz, comendo-se umas às outras.

Desenrascou o piau do anzol. O apergaminhado áspero da pele da mão desaparecia quando tensa nas flângas, apertando o peixe. Tinha cicatrizes em ambas. Antigas, a maioria. Outras mais recentes, como aquela no dorso do polegar. Piranha. Desenrascada de mau jeito ferrara-lhe a serra dos dentes, nem tempo houve de esquivar. O pedaço do dedo saltou longe, sangrou. O cicatrizante, porém, estava à mão. Desborbitou um dos olhos da fera e es-

magou-o no ferimento. Aprendeu aquilo como se aprende na vida as coisas úteis ou inúteis. Restou a cicatriz.

Ou muito depressa ou muito devagar. Galopando ou rastejando, assim é como rolam os fatos, acontece a multidão de coisas na aspereza do mato. Padrões estúrdios de cronometragem é o que o tempo parece usar para deixar cair a sua areia, girar seus ponteiros. Inconsequente e volátil. Não é o mesmo, sempre. O de ontem foi longo. O de hoje, curto. Ontem as árvores dispuseram de tempo vão para o ritual de todas as manhãs. As cabeleiras verdes agitaram-se na densidade morna e integral da manhã, recompondo-se da lassidão noturna. Algumas penteavam-se mütuamente, na solidariedade dos longos galhos nodosos. Outras molhavam-se antes no velho rio. Marulhando, o velho rio parecia o pai a rir complacente da vaidade das filhas. Hoje, porém, o tempo destranbelhou. Notou-o o homem. Os peixes, talvez. Não

so luzidio, listrado. O tucunaré perdera a partida e estava já para ser colhido das águas quando aquilo aconteceu. Tão subitâneo que o deixara sem ação, apalermado. Emergindo na esteira respingante do tucunaré, a piranha negra saltou, equilibrou-se no ar, tensa, as mandíbulas escancaradas e ferrou o serrilhado dos dentinhos navalhantes no tucunaré fisigado, trincando-o pelo meio. Era tôda instinto, ferocidade e avidez, dois negros palmos chapados na prata do rio, reluzindo o escamado na oblíqua do sol. Depois volteou no espaço, fendeu as águas, buscou o fundo.

Atabalhoadamente, o pescador recolheu a sobra do peixe. Disse nada e agora tentava pensar, fitando a metade pendente do anzol. Estúpidamente fixos, os olhinhos do tucunaré pareciam haver aprisionado nas pupilas o terror que o imobilizara quando a fera do rio fendeu-lhe a carne irremediavelmente. O sol que se elevava tão alto e tão rapidamente nestes últimos instantes, era um disco candente a derramar um calor pegajoso e contínuo. O homem, contudo, não sentia o sol que era menos combustível que sua ira. Ira que vinha estalar-lhe as temporas, ascendente, vertical, mas pobramente impotente. Lançou o anzol à água, um pedaço sangrento do tucunaré firmemente escado. Lançou-o bem no sítio onde supunha estar a piranha negra, deglutiindo velozmente o bom peixe, e nêle botou a carga de sua ira surda, penetrando a água em busca do alvo.

Roça-roça na linha, leve e quase imperceptível. Não afobou. Esperou. Não houve repetição. Ainda esperou um bom pedaço de tempo, dando uns esticões rápidos, maliciosos, à linha. Nada. Impacientou-se e içou o anzol para um exame na isca. A linha subiu sem peso e sem esforço. Não havia mais anzol. A ponta do cabresto, aço duro, oscilava no ar, gotejante.

— Maldiçoada!

Alto, gritado, estertorado, o som rouco de sua maldição galgou o ar quente, fragmentando-se porém na espessa indiferença do mato agreste, diluindo-se nas águas do velho rio, onde, certamente, a piranha negra, inviolável, era imune à sua cólera e a seus atos de pescador. Atarantado sim, era o que estava. Falho de decisão como se sentia falho em sua hombridade. E trapaceado, roubado. A parceira fazia traças no jôgo, exibia cartas da manga em sua cara. E então sen-

A liberdade não é coisa que se possa manejar com a prata da casa. Ao contrário, é preciso que cada geração lute para reconquistá-la. — Lucille Milner.

houve tempo para o ritual das árvores frívolas. Só existe tempo para coisas essenciais. O sol subiu e já está muito além, galgando altura, soltando fogo. Tudo acontece muito depressa, hoje.

O homem o notou. Como quem segue um destino incoercível, descambou rio abaixo, a bandeira de suas esperanças começando a se esfarrapar. Aconteceram coisas em vertiginosa marcha, como se algo tivesse se partido no mecanismo do tempo e ele disparasse, libertando o celeiro de fatos que não esperaram o devido minuto de seu acontecimento. Depois que fisiara aquêle belo piau, ainda no morno da manhã, o tucunaré mordera a isca. Também um bonito peixe. E leal. Joga um jôgo limpo até encontrar o fim da asfixia, na relva que lhe é estranha. Não é como a piranha, desleal e cruel. Caro vendera a sua vida, insistira, debatera-se, riscando a água com sua carreira rápida e afundando-se, buscando no fundo escuro e silencioso do rio a paz perdida num instante de irreflexão. Salvava, emergindo por instantes, estremecendo penosamente o dor-

tiu uma impotência algida afrouxá-lo por dentro, e era como se lhe desatassem os fios interiores que o ligavam a si mesmo.

Batendo de leve em suas fibras, onda mansa e tépida a obstinação — tão sua e conhecida — chegou em fluxos. E era algo bom, aquela calor a diluir o gêlo, misturar-se líquido e escorrer dentro das veias, em seu sangue, aticando fagulhas em sua vontade. Sorriu quase e não mais se sentiu velho e derrotado e em seus olhos líquidos fulgurava uma chispa nova, como a dos olhos de impertinente jogador que pedisse novas cartas. Encastou, com mão firme, um novo e afiado anzol.

Mas, nas horas que se seguiram, perdeu mais quatro anzóis.

A trapaceira às vezes aflorava. Brandia os dentinhos num resto de isca flutuante, parecia ironizá-lo exibindo-se e afundava. Reaparecia lá adiante. Tornava a mergulhar para sair mais além. Assim o homem havia descido um bom estirão rio abaixo, calçando com suas botas uma trilha de decepções. Descera até atingir o remanso. Incentivo inesperado do velho rio aos pescadores desalentados. O rio estirava um braço abrindo e formava um pôco, águas fluindo mansas, amigas.

Ah! piranha dos infernos, agora vou lhe dar o que você quer!

Iscou dois bocados do piau nos anzóis das varas — ambas fortes mas de diferentes tamanhos. Das pequenas piranhas «barriga-vermelha» fêz cinco linhadas que distribuiu em volta do pôco. Finchou com gana as varas nas beiras e atou as linhas nos paus marginantes.

— Agora venha, piranha, verna comer aqui...

Humilhava-se extremamente em fazer tal pedido, ele o sabia. E sabia também que desejava ardenteamente que a piranha negra trincasse um dos anzóis.

Teve que esperar muito tempo. Mas era teimoso e paciente. Ultimamente não estava tão paciente como o fôra outrora. Seria a idade? Talvez os trancos, o esmerilhamento contínuo a que a vida submete as pessoas. E o pior é que aquela espera punha tudo a rastejar. Sentia duramente o sol. O foguento rolava lá no céu, agora mais devagar, esfera preguiçosa sólta no espaço. Viscoso, integral, o calor lhe penetrava, escorrendo de cima como um xarope lento. Cheirando a fôlhas podres, vinha do chão um bafo quente, hálito malcheiroso que a terra expelia. Tirou o fâncão da bainha e deslizou a lâmina.

(Conclui na pag. 52)

TAPÊTE
MÁGICO

MARROCOS diante do futuro

DESDE que a França, a 2 de março, e a Espanha, a 7 de abril de 1956, reconheceram a independência e soberania do Marrocos, o extenso país do norte africano está entregue a si mesmo, para progredir, estacionar ou retroceder.

Hoje, somente uma parcela das forças armadas francesas e espanholas conservam-se no seu território, onde ficarão enquanto o Marrocos não forma o seu próprio exército nacional, disciplinado como os outros exércitos ocidentais. Porque, se não falta aos povos que habitam o Marrocos o espírito guerreiro, falta-lhes tudo o que é indispensável para a constituição de um verdadeiro exército, desde a indispensável orientação até o treinamento eficaz.

Entre esses povos, citam-se, inicialmente, os mouros, de sangue árabe e bárbero, que foram, durante séculos, os dominadores da Espanha e depois viveram dominados por ela. São supersticiosos, conservando todo o fanatismo religioso recebido dos árabes, a ponto de acreditarem, como é corrente entre os muçulmanos, que a loucura é sinal de santidade.

Os árabes, descendentes dos bravos maometanos que, há séculos, na sua guerra santa, conquistaram o norte da África, também estão presentes no Marrocos, vivendo nas grandes cidades, ou nas planícies, ao lado dos bárberos, nativos do País, de tez branca e olhos cintos. Existem também os indômitos guerreiros do Rife, que tanto trabalho deram aos espanhóis, no primeiro quarto deste século — e que teriam alcançado, então, a desejar independência, se não houvessem feito incursões nos domínios franceses, obrigando-os a participar da guerra.

Em menor escala, há negros e judeus, estes, até há pouco tempo, vivendo como se pertencessem a uma espécie inferior, tratados com requintes de crueldade e confinados nos bairros judeus das grandes cidades. Para se dar uma idéia de como eram oprimidos, basta dizer que não tinham permissão para andar a cavalo, porque os mouros consideravam esse animal nobre demais para ser montado por um judeu.

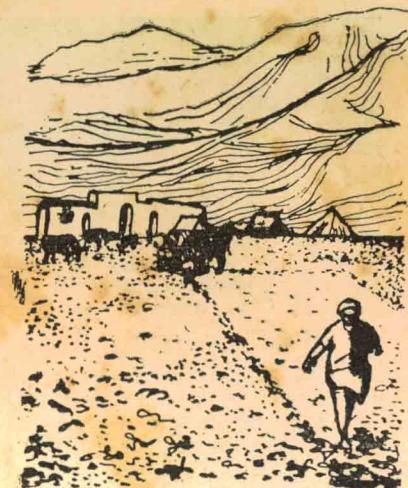
A principal cidade do Marrocos é Casablanca, que os franceses ocuparam em 1907, submetendo-a a tais reformas que, hoje, não se sabe o que mais admirar, se o seu esplendor antigo, se a sua beleza moderna.

Marrakesh, importante centro comercial, é um magnífico monumento do passado, quando foi capital do Império Mourisco. Fêz, que já teve também a condição de capital, é outro monumento, conservando muitas das 800 mesquitas que dizem ter havido entre os seus muros de cidade santa, onde o infiel não podia penetrar. Também são importantes as cidades de Rabat, antigo centro da administração francesa, e Tetuan, que foi sede da administração espanhola.

A Alhambra, de Granada, uma das maiores jóias arquitetônicas da Europa, foi erguida pelos marroquinos que dominaram a Espanha, numa época em que o país — como toda a Europa — era ainda semi-bárbaro. De então a esta parte, as coisas mudaram a tal ponto que hoje é um problema saber se o Marrocos vai continuar progredindo com o mesmo impulso com que os seus antigos filhos fizeram progredir os vassalos da Península Ibérica. E' que a preocupação de decorar o livro sagrado dos muçulmanos impede o povo de pensar por si mesmo, fazendo-o decidir tudo segundo as prescrições do Alcorão.

A agricultura é a sua principal fonte de renda, e há também quantidade bem considerável de recursos minerais, incluindo os fosfatos, o carvão, o cobalto, o ferro, o minério de manganes, zinco, cobre, antimônio, etc. Todavia, o próprio espírito das várias raças, todas de religião maometana, que se encontram dentro das fronteiras do Marrocos, autoriza a pergunta: dentro do novo "status", irá o País progredir, estacionar ou retroceder?

Um aral maroquino,
ao pé das
montanhas do Rife.

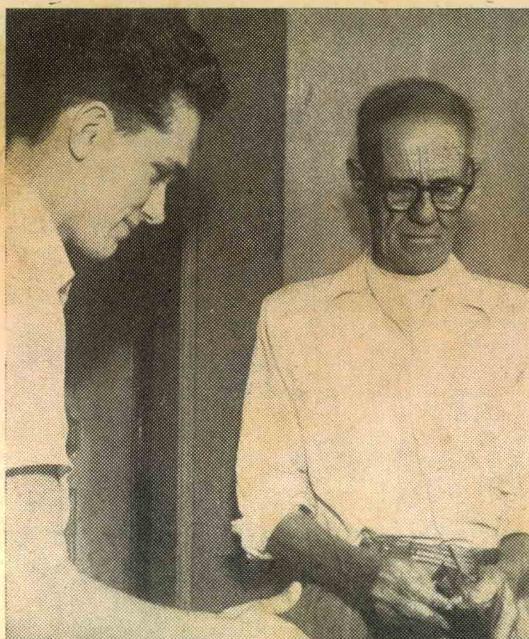




Viveram juntos como fazendeiros, comerciantes e donos de pensão. Agora são Senhor e Sr^a Prefeito de Jaguarassu.

**Apesar de
mudo e velho**

ENTRE TRÊS



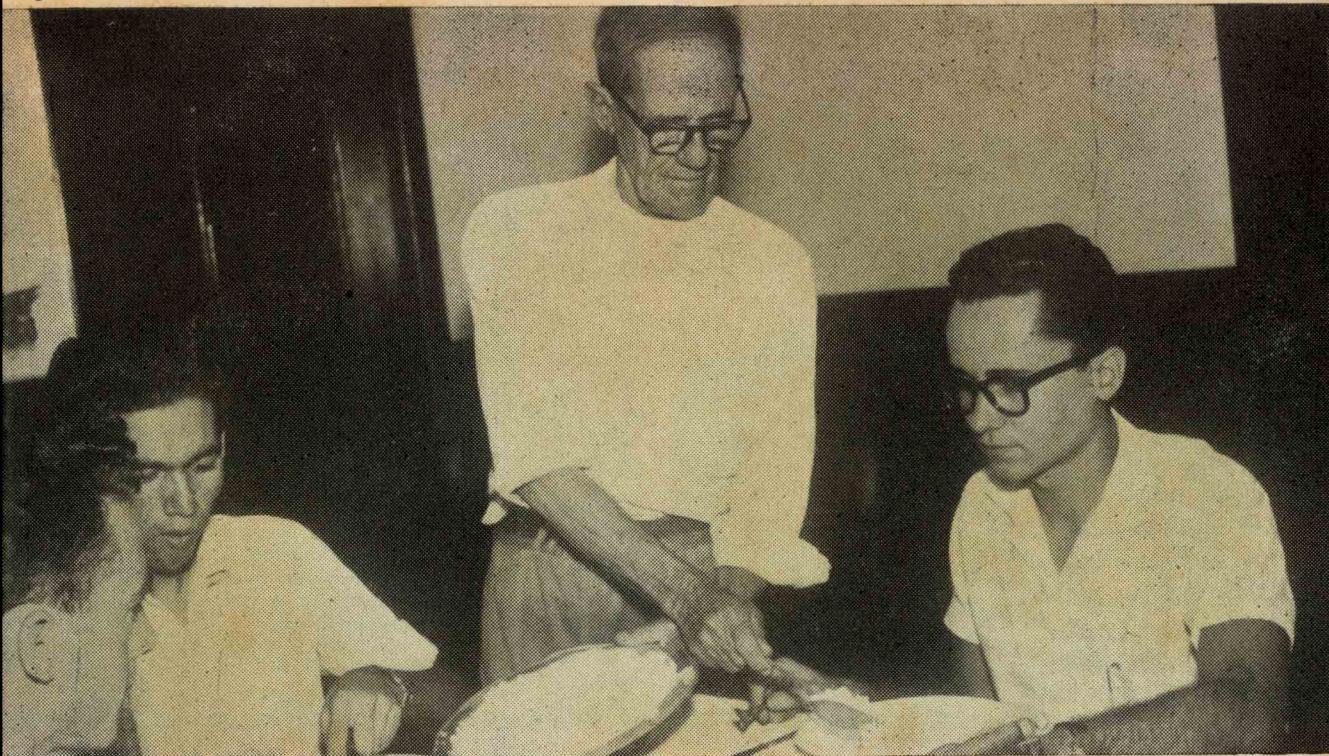
NA Zona do Vale do Rio Doce, entre São Domingos do Prata, Marliéria, Cel. Fabriciano e Antônio Dias, há um pontinho preto no mapa, que mostra a cidadezinha de Jaguarassu, com seus 800 habitantes na sede urbana e cerca de 3.000 em todo o Município.

Desde 1953, o antigo distrito de São Domingos do Prata, apesar de seu parco comércio e nenhuma indústria, de suas insignificantes possibilidades financeiras, e de sua população em muito inferior à exigida para a emancipação de um Município, passou a cidade e, como cidade que se preza, tratou de eleger seus vereadores e prefeito.

E vem, de lá até aqui, lutando para sobreviver, quase asfixiado entre quatro municípios senão ricos, pelo menos maiores e mais civilizados, sem renda

(Conclui na pag. 28)

**Amigo da estudantada que mora
em sua pensão, velho de coração
bom e grande, nunca negou a um
dêles um empréstimo para ser
pago no fim do mês.**



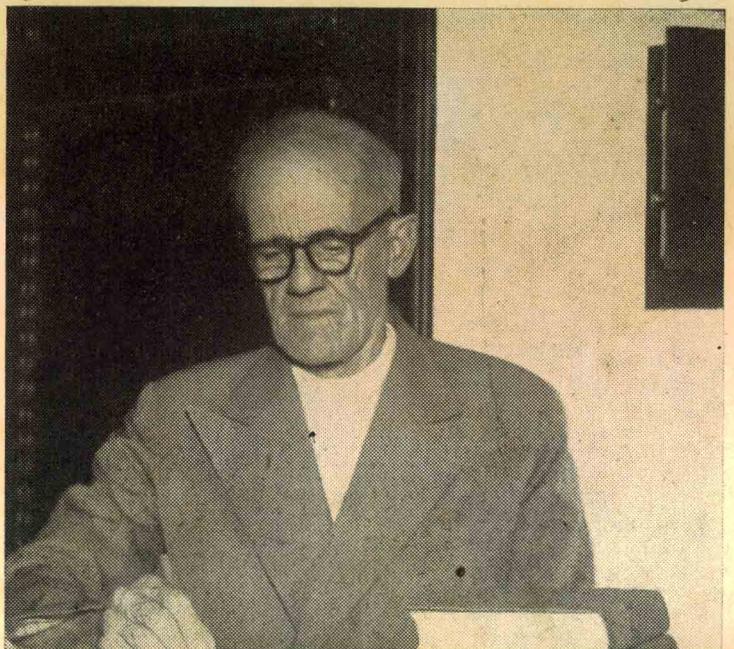
O Prefeito de Jaguarassu em suas funções de garçom, numa pensão da Rua São Paulo, em Belo Horizonte.

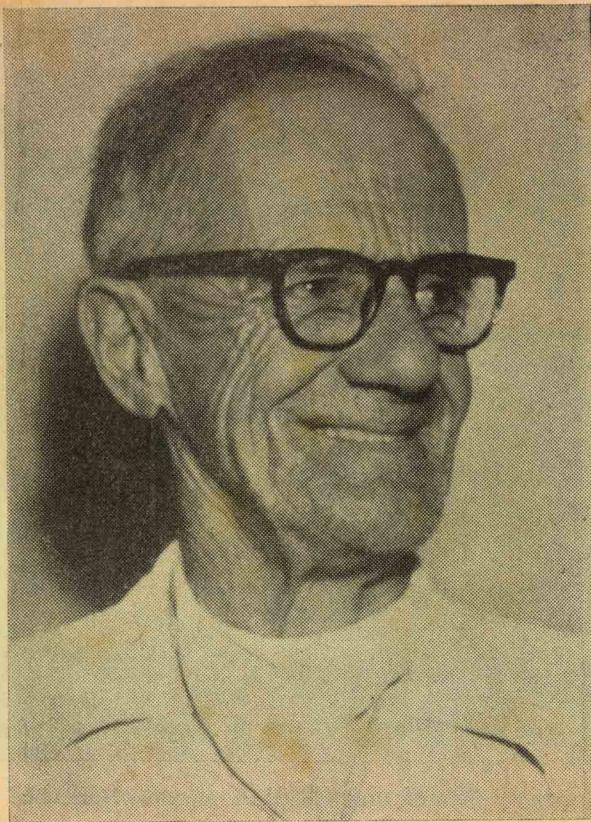
MIL ÉLE É O PRIMEIRO

Reportagem de
André F.
de Carvalho

Fotos de
Nivaldo
Corrêa

Despachando na Prefeitura de Ja-
guarassu, aonde vai uma a duas
vêzes por mês, o velho Teodolindo
pretende muito fazer pela cidade,
honrando o mandato que seus
conterrâneos lhe outorgaram.





ENTRE TRÊS MIL...

CONCLUSÃO

Entre três mil habitantes da cidadezinha de Jaguassu, este foi o escolhido para governá-la: Teodolindo Moreira Miranda, um velho mudo de 72 anos de idade.

suficiente para progredir, enfrentando o duro problema do êxodo de seus habitantes de maior descontentamento, que não mais encontram nêle lugar para expansão.



Paralelamente à história de Jaguassu, distrito e depois cidade, há a do Sr. Teodolindo Moreira Miranda, que lá nasceu em 1886, tendo, portanto, já seus setenta e dois anos.

Teodolindo foi menino moleque, brigador nas ruas e respeitado, por ser filho do chefe político do antigo distrito. Moço ainda, entrou no comércio, deixando de comprovar mais uma vez o velho ditado, "filho de peixe, peixinho é", pois seu pai toda vida dedicou-se à agricultura e à criação. E quarenta e dois anos vendeu e comprou, tendo, contudo, nesse espaço de tempo, um intervalo muito importante, no qual se casou (1914) com dona Judite Quintão Miranda, nascendo-lhes vários filhos, que estão por aí, espalhados nessas Minas Gerais, todos bem de vida.

Seu ingresso na política deu-se antes da emancipação do distrito, tendo sido vereador e vice-presidente da câmara de São Domingos do Prata.

Há oito anos, pelos azares da sorte, sofreu uma doença nas cordas vocais, que o deixou impossibilitado de falar, fazendo-se entender apenas por sons guturais e gestos.

Foi quando, quatro anos após, veio a separação de Jaguassu. Em meio às festas do dia, aos discursos esperançosos, à certeza de progresso, teve ele a grande tristeza de não poder exprimir pelas palavras o seu contentamento — ele que tanto trabalhara para a emancipação.

E o novo Município, talvez o mais minguado em população de Minas, ficou nas mãos de um intendente quase um ano, quando se processou a pri-

meira eleição. Teodolindo Moreira Miranda, mesmo mudo, sem discursos de propaganda, o vice-prefeito.

Depois, mudou-se para Belo Horizonte, por imposição da família, já que algumas de suas filhas moram aqui. Pediu licença de seu cargo e a câmara não concedeu. Ficou, assim, exercendo daqui as suas funções de vice-prefeito que, aos demais, são quase só figurativas.

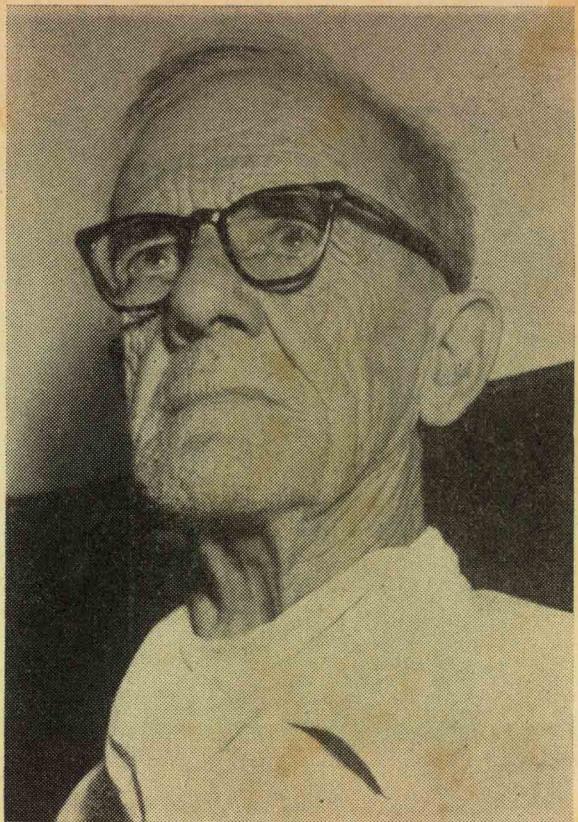
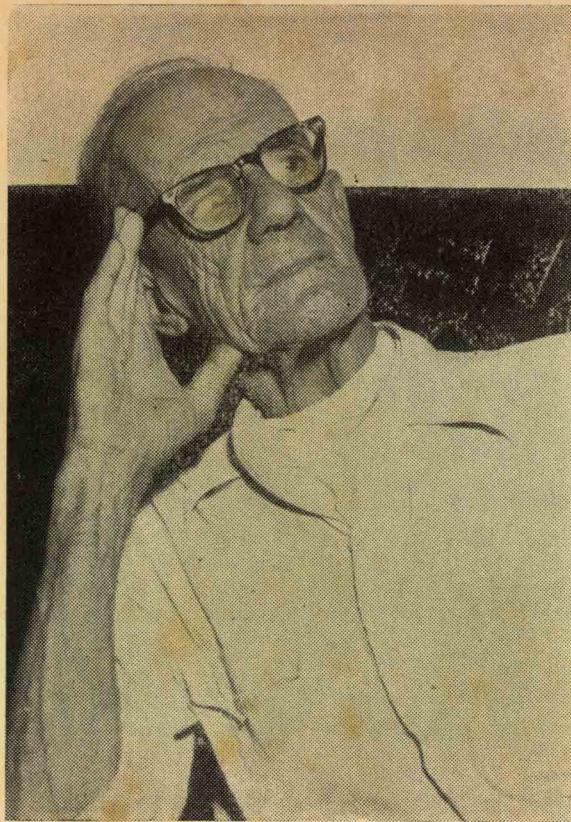
Meses antes das eleições de 3 de outubro passado, alguns amigos de Jaguassu procuraram-no na pensão que mantém na rua São Paulo e que, segundo nos disse sua senhora, nenhum lucro lhes deixa, senão a satisfação de poder estar junto às filhas. Vieram dizer-lhe que seria ele o candidato do PSD à Prefeitura.

E foi eleito. De braços cruzados, sem nenhum trabalho, comícios ou propaganda pessoal.

Tornou-se, por esse fato, o político mais *sui-generis* de todo o Estado: um velho mudo, alto e magro, com apenas o curso primário feito em escola rural, dono de uma pensão de estudantes em Belo Horizonte, onde trabalha servindo aos hóspedes, eleito quase que à sua revelia, prefeito de sua cidadezinha natal, no Vale do Rio Doce.

Continuará morando aqui, mas mesmo assim, espera fazer muito pelo lugar onde nasceu. Suas primeiras providências serão ligar Jaguassu a Aceita por uma estrada melhor e mais moderna, já que é intenso o intercâmbio comercial entre as duas cidades, e construir a rede de esgotos, fazendo, posteriormente, o calçamento. Para isso, conta com a própria renda da Prefeitura (trezentos e oitenta contos anuais) e a cota federal, que espera atingir a um milhão de cruzeiros.

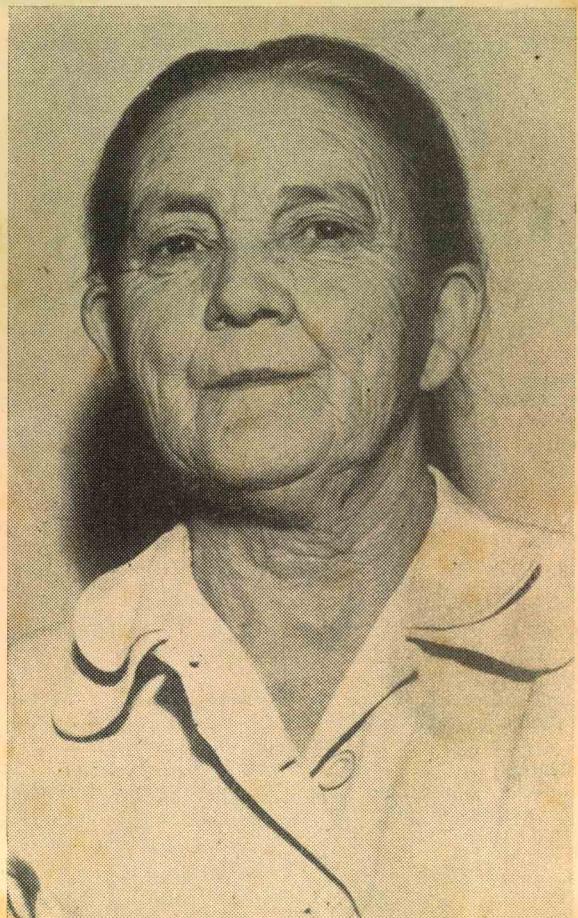
Confia plenamente na ajuda do Governo do Estado que, aliás, é de seu partido, mas, nas próximas



eleições para governador, se o Magalhães Pinto fôr candidato, não o deixará de apoiar.. A propósito, faz questão de ressaltar sua enorme admiração pelo pró-cer udenista, a quem Jaraguassu deve o seu único Grupo Escolar.

No Município, não terá problemas de ordem política. Quase todo mundo é pessedista, a maioria na câmara é esmagadora e, mesmo assim, os dois oposicionistas da UDN, já lhe ofereceram apoio. Acresce notar que no PSD de Jaguarassu, nunca haverá dissidência, pois quase todos são ligados a él por laços de parentesco.

Teodolindo Moreira Miranda tem outro título em sua bagagem : é o menos demagogo dos políticos brasileiros, no sentido em que nós entendemos demagogia — conversa de engôdo, discursos inflamados e sem essência. Isto porque é mudo, e é melhor assim, mesmo porque em bôca fechada não entram môscas.



**Dona Judite Quintão Miranda —
primeira dama do Município de
Jaguarassu.**



O tiro ao alvo faz parte dos intensivos treinamentos da polícia feminina de Formosa. Estas moças conhecem perfeitamente a sua responsabilidade.

NA escuridão da noite, a elegante jovem espreitava, através das areias desertas de uma praia da ilha Formosa, um barco que se aproximava rápido da costa. Tratava-se de um contrabandista de narcóticos que ia desembarcar. Ignorando a sua situação, ele cumprimentou interessadamente a jovem, mas, num fechar de olhos, viu-se preso.

A jovem em questão era membro da valente polícia feminina de Formosa, especialmente treinada para fazer o patrulhamento da ilha e ajudar na manutenção da paz. Elas trabalham lado a lado com os membros masculinos da força policial, mas muitas têm atribuições secretas, sendo a apreensão de contrabandistas de narcóticos uma de suas funções específicas.

As componentes da polícia feminina de Taiwan (Formosa), muitas das quais não passam de moças de 20 anos de idade,

foram recrutadas principalmente no ano passado. Depois de receberem intenso treinamento e instruções, semelhantes às ministradas aos rapazes, elas tomaram aulas de execuções legais, assim como de exercícios de tiro e de judô — tudo isso como arma de legítima defesa e para a captura de criminosos. Perguntada sobre a razão de ter abraçado uma carreira tão temerária, uma delas respondeu-nos:

— Nós, mulheres, podemos fazer perfeitamente o que os homens fazem. E acrescentou: — Queremos dar nossa contribuição para a causa da lei e da ordem.

Outras, ingressaram na polícia só por uma questão de curiosidade em saber como funcionaria o organismo policial, e pelo prazer de levar uma vida «mais excitante». Mas, depois de absorverem as lições e os ensinamentos ministrados, todas elas se

(Continua na pag. 32)

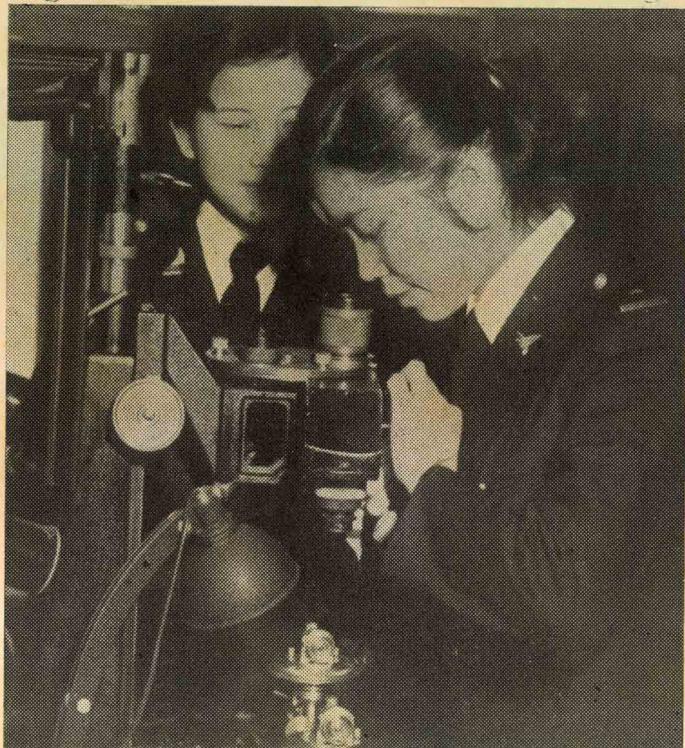
EVA NA POLÍCIA DE FORMOSA



Colaborando para maior segurança e rapidez do trâfego, as moças da polícia feminina impuseram-se ao respeito de todos.

FOTOS I.N.P.

Nos laboratórios, as abnegadas jovens aprendem a fazer testes microscópicos, ajudando na elucidação dos crimes mais complicados.





A patrulha feminina está vigilante para que as crianças possam atravessar as ruas com perfeita segurança.

EVA NA POLÍCIA...

Continuação

distinguiram de tal maneira que alguns oficiais, antes céticos quanto à viabilidade da mulher no serviço policial, ficaram cheios de otimismo em face dos alvisareiros resultados obtidos.

Trajando um bonito uniforme, constituído por túnica preta guarnecida de botões metálicos, com insígnias douradas nos ombros, as 65 mulheres que compõem a unidade feminina da força policial de Formosa podem ser vistas guardando cruzamentos, nas movimentadas ruas de Taipé e de outras cidades, ou protegendo as crianças em seu trajeto para a escola. Além disso, nos laboratórios policiais, colaboram nas investigações microscópicas e aju-

(Conclui na pag. 50)

O telefone facilita consideravelmente a tarefa da polícia.



...encontro
com os entes
queridos



...novos clientes,
melhores
negócios



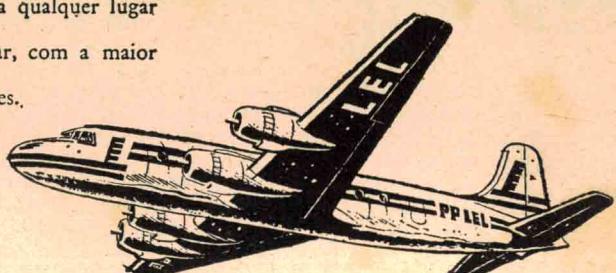
...férias
bem
aproveitadas



credi Lóide

**passagens aéreas a crédito
longo prazo-nenhum acréscimo**

Viajando na hora certa você aproveita os melhores momentos da vida e utilizando o Credi Lóide, novo sistema de venda de passagens a crédito do Lóide Aéreo, você viajará a qualquer lugar do Brasil no momento que precisar, com a maior facilidade e sem outras preocupações.



— peça
informações na agência do

 *Lóide Aéreo*

RUA GOIÁS, 65 — ESQ. DE BAHIA
FONE 2-0372 — B. HORIZONTE

O tempo é algo mais que dinheiro

-A PONTUALIDADE não estaria mal se não fizesse perder tanto tempo.

O «Mister» deixou cair a frase com a maior naturalidade. Mas entre o grupo de amigos, sentados cômodamente em cadeiras de vime, em redor de uma larga mesa de pinho, perto da praia, houve imperceptível agitação. O «Mister», que havia aproveitado este breve parêntesis para tirar, com visível deleite, uma boa baforada de seu cachimbo, continuou no mesmo tom, lançando uma compacta fumarada :

— Se se contasse o tempo, e algo mais, que perde cada pessoa que cronometra sua vida por minuto, deixaria de considerar-se uma virtude o fato de chegar a um lugar no momento mesmo em que o ponteiro dos minutos coincide com um dos numeraozinhos do quadrante...

O sorriso que apareceu simultaneamente no rosto dos que o escutavam sublinhava com força seu desacôrdo, como um mudo e eloquente «Ora essa, homem!». Até Chimet, o servente e dono da taberna, que se havia aproximado para tornar a encher os copos com aquêle vinho seco e espesso que tanta fama tinha nos arredores, ficou de garrafa na mão, olhando com curiosidade para o «Mister», sem entender claramente suas últimas palavras. Mas, inclinando-se, aguçou o ouvido.

— E não é só isso — continuou o do cachimbo. — O perder tempo em si não tem nenhuma importância. Se se fizessem estatísticas das úlceras e transtornos nervosos que aparecem por causa do mau costume de viver com um relógio dentro do crânio, não sorriram vocês com êsse ar de suficiência. Quando os médicos estudarem sériamente o problema, descobrirão que os nervos dos homens ritualmente pontuais estão submetidos à mesma tensão que

a mola de um relógio a que se acaba de dar corda e que seu coração bate em uníssono, com o tique-taque mecânico. Quando menos se espera... paf! Um de menos... Não um relógio de menos, porque levando-se ao relojoeiro, põe-lhe êste uma corda novinha, dessas que vêm da Suíça, tão azuis e reluzentes, e ei-lo a funcionar outra vez. Mas, enquanto não tivermos outra Suíça, onde fabriquem corações e nervos tão eficientes como as peças do relógio, é uma tolice trágica empênhar-nos em fazer concorrência à precisão e exatidão das máquinazinhas que costumamos usar, presas no punho esquerdo. A exatidão é uma coisa mecânica, desumanizada.

As derradeiras palavras soaram como um ponto final. Ou pelo menos como um ponto e comêço de parágrafo, porque o «Mister» pôs o cachimbo na bôca e ali o deixou. Inclinou a cadeira para trás e voltou os olhos para o mar, que ficou a contemplar. Aproveitou Chimet o silêncio que se seguiu para verter, com habilidade, todo o vinho da garrafa nos copos e para tornar a encher o prato do centro com amêndoas torradas, essas amêndoas salgadinhias que tão bem se irmanam com o vinhozinho.

Era uma dessas tardes únicas da costa de Majorca, luminosa e otimista. O sol começava a ocultar-se por trás dos morros e, dentro em pouco, os pescadores do pequeno povoado preparariam suas pequenas embarcações para a pesca noturna. As casinhas, azuis e brancas, estendiam sua sombra, como se quisessem tocar a água, e a brisa se carregava de intenso cheiro de maresia, que comunicava certo vigor à paisagem, até eliminar a nota triste que costuma acompanhar a alma a tais horas. «Mais do que a morte do dia, era um amanhecer

da noite» — como costumava dizer o «Mister».

Nosso bom homem achava-se ali havia mais de um ano. Ninguém o sabia com exatidão. Um belo dia, a gente do povoado viu-o descer do incrível ônibus que aparecia por aquêle rincão quando bem entendia ou quando o motor lho permitia. Alugou uma casinha e, desde o momento em que pôs os pés no lugar, ficou incorporado à sua vida, aceitado por pequenos e grandes. Com poucas semanas parecia que um e outro, o povoado e o «Mister», tivessem crescido juntos. Como não se sabia seu nome, nem a ninguém importava sabê-lo, ficou batizado assim às sécas, o «Mister». Sómente o carteiro tinha visto seu nome escrito, mas era tão arrevesado, que nem lhe ocorreu tentar pronunciá-lo. O professor presumiu ter descoberto que se tratava de um escritor de Nova York, que enviava tôdas as semanas para o estrangeiro uns envelopes grandes, amarelos, com seus artigos. Mas podia ser um mexerico mais e a ninguém ocorreu verificá-lo. O barbeiro cortava-lhe o cabelo e fazia-lhe a barba tôdas as tardes. E, em algumas noites, acompanhava o tio Quico, o velho lôbo do mar, à pesca pelo simples prazer de conversar com êle, em alto mar, sob as estrelas.

Assim transcorreu uma boa temporada. O «Mister» e o povoado viviam tranqüilos e quase felizes. Mas, nas últimas semanas, tudo havia mudado. Foram aparecendo por ali tipos estranhos, turistas desviados, talvez atraídos pela placidez daquelas tardes diáfanas. Primeiro foi um casal francês que chegou de motocicleta; gostaram do local e ficaram. Depois, de uma só vez, irromperam três ingleses, seguramente atraídos pelo casal francês... Agora os «intrusos», como os chamava o «Mister», chegavam

Na bôca de um americano, aquelas palavras causavam uma estranha impressão. Mas era impossível negar que tivessem fundamento.

MARCELINO C. PENUELAS

Ilust. de Wilma Martins

quase a uns vinte. E, apesar de serem tão poucos, algo estranho ocorria. Sentia-se a imperceptível mudança, talvez pelo pressentimento de que aquele pequeno grupo de turistas fosse apenas a guarda-avançada de uma iminente invasão. Assim se dera em outros pequenos povoados da ilha.

Quem primeiro acusou a mudança foi Chimet. Ao ver sua taberna freqüentada por aquela gente, que pagava com cédulas grandes e deixava gorjetas que lhe alegravam o coração, acordou em si o fenômeno que dormitava lá no fundo de sua alma. Como primeira medida, elevou o preço do vinho, que os estrangeiros bebiam com tanto deleite. Seu fino instinto indicava-lhe que isto era muito melhor que batizá-lo. Já sonhava com o dia em que poderia transformar sua taberna em bar. Via-se com paletó branco e gravata preta de laço, como os garçons da capital, rodeado de garrafas de conhaque e vinhos engarrafados, e sentia inefável prazer ao imaginar-se passando o pano úmido pela suave superfície do balcão de mármore e das mesas, que também iriam ser de mármore... Viu claro que o futuro do negócio dependia daqueles sujeitos que chegam de terras longínquas com muito dinheiro no bolso, e procurava estar a par de suas conversas. O pior é que freqüentemente não falavam em língua de cristão.

Por isso, depois de encher os copos, ficou ali junto da mesa, a ver se pescava alguma coisa. Felizmente, naquela tarde, estavam também no grupo, convidados pelo «Mister», o professor e o secretário da prefeitura, e a conversa se fazia num espanhol pitoresco, com estranhas inflexões, por trás das quais se podia adivinhar o inglês, o francês e o majorquino.

Todos estavam pendentes das palavras do «Mister». Costumava falar pouco e nunca de si mesmo. Por isso, a expectativa subiu de ponto, diante do comprido parágrafo que acabara de soltar num tirada. Os copos de vinho que havia bebido, seguidamente, podiam ter despertado sua loquacidade.



— O senhor não fala a sério, não é? — disse um inglês alto e magro, com uns calções curtos, coloridos, por cujas pernas se escapavam umas incríveis canelas.

— Tão esquisitas lhe parecem minhas idéias? — replicou o «Mister», esboçando um sorriso.

— Absurdas. E perdoe-me a franqueza. Totalmente absurdas. Não têm pés nem cabeça. Com sua teoria, o mundo regressaria ao caos.

— Em primeiro lugar, o mundo não pode regressar ao caos de que o senhor fala porque nunca saiu dêle. O que ocorre é que sua idéia do caos e a minha são muito diferentes.

— Assim é. Vá contra o sentido comum — acrescentou um francês rechonchudo e calvo, piscando repetidamente o olho esquerdo. — Porque... Vamos por partes. Diz o senhor que a pontualidade faz perder o tempo e ao que parece, não está brincando.

— Nem nada — replicou o «Mister». — Digo-o muito a sério.

Acentuou-se o tique nervoso do francês. E sua calva, como que de cera suja, adquiriu um tom róseo, com o qual se refletia sua ligeira indignação. Quis acrescentar alguma coisa, mas o «Mister» continuou:

— Em questão de pontualidade, creio que posso falar com certa autoridade. Por sua culpa, perdi, além de tempo precioso, boa parte de minha saúde...

A expectativa aumentou ainda mais. Talvez não fosse tanto o interesse de ouvir o «Mister» explicando suas estranhas teorias, mas a curiosidade de saber algo de sua vida. Chimet entrou na taberna precipitadamente e, meio minuto depois, já estava ali outra vez, com a garrafa cheia até o gargalo.

— Creio que nenhum dos senhores teve de viver tão escravo do relógio quanto eu — continuou o «Mister», com ligeiro toque de tristeza. — Oito anos... sabem o que são oito anos, dia após dia, tendo que fazer muitas coisas, a horas exatas?... Ainda o recordo, como se tivesse estado todo aquele tempo numa prisão. Trabalhava como locutor numa emissora de rádio e dava também o programa das notícias. E cada coisa tinha de fazê-la medindo o tempo exatamente, segundo a segundo. Era algo horrível.

— Sim, mas que tem que ver tudo isso com a perda de tempo de que o senhor fala? A única consequência que tiro é que o

senhor aproveitava melhor o seu tempo, que fazia mais coisas, que seu trabalho era mais eficiente...

Os demais olhavam o francês, incomodados pela sua interrupção. Sem dúvida, temiam que a conversa se desviaisse de rumo. Sua esposa atalhou-o:

— Mas, homem, deixa-o falar e não o interrompas.

O «Mister» continuou, sem mudar de fisionomia nem de tom de voz:

— Aproveitar o tempo, fazer mais coisas, ser mais eficiente... Tudo isso tinha um valor sagrado para mim, como o tem ainda para os senhores. Bem! Tinha de estar na estação de rádio às sete da manhã, hora de minha primeira emissão. Para estar completamente seguro de chegar a tempo, (já conhecem os senhores o tráfego louco e os contratempos das ruas de Nova Iorque), não me restava remédio senão sair de casa às seis e dez. E fazer tôda a viagem nervoso, pelo temor de que uma interrupção de tráfego me fizesse chegar tarde, como algumas vezes ocorreu. Mas o normal é que chegava vinte minutos antes, tempo que perdia miseravelmente esperando. A tarde, repetia-se a coisa. O de me-

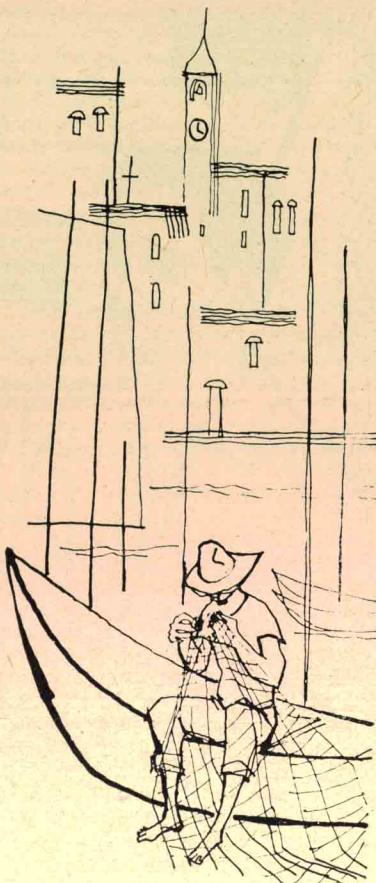
nos era o trabalho propriamente. O que me indisponha eram as exigências da estrita pontualidade. Porque o pior é a tensão continua a que obriga. E quando essa tensão se apodera de alguém, quando se mete nos ossos e se converte em hábito, aí começa a tragédia, quando os nervos principiam a fraquejar. Então se faz tudo, absolutamente tudo, às pressas, e como não se pode descansar às pressas, então... não se descansa. O homem exato, que mede o tempo constantemente, desliza por um plano inclinado para sua própria destruição. Isto é, perde esse mesmo tempo que tencionava aproveitar segundo a segundo. Pode assim ser mais eficiente no seu trabalho, ter mais êxito em seus negócios, isto é, ganhar mais dinheiro. Mas, por sua vez, perde esse mesmo tempo para o que verdadeiramente vale a pena na vida. Em resumo, perde sua vida... Sim, meus amigos. A pressa, inimiga do gôzo, chega a envenenar a alma. Creio que um dos males de meu país é a obsessão de querer medir o tempo em dólares ao citar a célebre frase: «Time is money», tempo é dinheiro. Ao chegar esta fórmula ao extremo, a única coisa que às vezes se consegue é ganhar dinheiro, mas à custa de perder outras coisas mais valiosas...

— Sim, mas a isso se deve o fato de ter-se colocado seu país à frente do mundo. E por isso mesmo, este povoado está tão atrasado. O que devemos fazer, ao contrário do que o senhor diz, é infiltrar essa filosofia prática na alma dessas pobres gentes — disse o secretário da Prefeitura.

O professor assentiu com expressivo gesto.

— Crêem os senhores que as farão mais felizes? Pelo contrário. A única coisa que conseguiram é destruir esta radiante paz, que já é raro encontrar no mundo. E que é o que tenho estado procurando e os senhores também, ainda que não se dêem conta disso. Mas já vejo que, desgraçadamente, tudo está mudando. Chimet, que nunca sabia a hora, nem lhe importava saber, regressou de sua última viagem à capital com um flamante relógio. E o pior é que não se dá conta de que ele próprio se prendeu a uma argola mais forte do que a que cingia os tornozelos dos escravos. Essa leve corrente de cromo que lhe rodeia o pulso é o símbolo da escravidão do homem moderno. Cromos é seu amo e senhor.

Chimet ruborizou-se levemente e não sabia que fazer com sua



mão esquerda, em cujo punho luzia um relógio novinho.

— E menos mal que o relógio por aqui ainda não domina, e, funciona mais lentamente que em outras partes: «anda» sómente e não «corre» (runs, em inglês, corre), como em alguns países. Estas palavras têm um efeito psicológico muito interessante, e por isso, porque o relógio «anda» devagar, não há ainda perigo de que faça muito dano a Chimet e a seus compatriotas. Mas, na minha terra, a obsessão da pressa faz todo mundo correr, a maior parte das vezes sem necessidade. As pessoas, embora não vão a parte alguma, conduzem sempre o automóvel à máxima velocidade, com impaciência. E nesta absurda carreira que nunca acaba, chega o homem a criar a vã ilusão de que domina o tempo. E o faz de uma maneira curiosa: adiantando o relógio e até o calendário, que é o relógio do ano. E isto sim, é que é um disparate.

— Como é isso, como é isso?... Não o entendo bem — interrompeu de novo o francês.

O «Mister», sem olhá-lo continuou:

— Não sei se os senhores sabem que os jornais norte-americanos da manhã saem para a rua na noite anterior e os da noite às primeiras horas do dia. As grandes revistas aparecem uma, duas ou três semanas antes da data que está marcada na capa. A Saturday Evening Post não sai aos sábados, como seu nome indica (Saturday: sábado), mas na terça-feira anterior; e os senhores mesmos podem comprar aqui na Espanha a revista Time, vários dias antes da data da edição... Não lhes parece absurdo? Isso é a destruição do tempo, pelo menos uma intenção disso. Ou uma falsa e trágica ilusão.

Acendeu de novo o cachimbo, que se havia apagado, e prosseguiu:

— Quer dizer que, em meu país, deixa-se de ser pontual por excesso de pontualidade. Isto não é um paradoxo, mas uma loucura. Porque, como lhes dizia antes, a pontualidade exata é coisa de máquinas e não de homens. Mas continua havendo algo em que todos, sem remédio, temos de ser exatamente pontuais. E' o último encontro, o ineludível, com a parca. Com antibióticos e filigranas da ciência, cremos atrasá-la; ela, porém, para que o encontro marcado não falhe, vale-se de meios rápidos, infalíveis e eficientes: ataques cardíacos, acidentes de automóvel...

Ninguém tinha ouvido antes o «Mister» falar tanto. Havia até

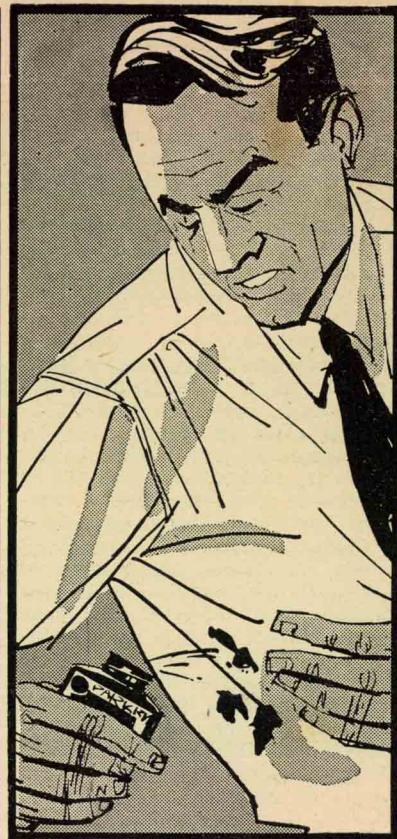
algo de veemência nas suas palavras, possivelmente porque aquilo lhe tocava no íntimo. Mas suas estranhas idéias eram recebidas com frieza, especialmente pelo secretário e pelo professor, que já haviam forjado planos para «modernizar a comunidade e educá-la de acordo com as normas dos países mais civilizados» (Estas palavras tinham agradado tanto ao prefeito e aos vereadores, que as receberam com nutridos aplausos). Mas o «Mister», ao notar a reação de surda hostilidade nos olhos e feições de seus ouvintes, continuou, sem se alterar:

— Já sei que não irei convencê-los; nem sequer o estou tentando. Mas seria uma verdadeira pena estragar o encanto desse povoadozinho. Aqui, as únicas divisões do tempo — manhã, tarde e noite — são as que recebemos de Deus. Claro é que, por muito que tudo mude, nunca chegará ao extremo de outros lugares, porque neste país estão convencidos, no fundo de sua alma, de que, ao desprezar o tempo, realmente o dominam. Lembro-me de que, inclusive em Madrid, onde passei umas semanas, as pessoas marcam encontro: «Esta tarde ver-nos-emos no café». E o que chega primeiro, senta-se tranquilamente. Se não está fazendo frio, preferirá uma mesa na calçada, e apenas com ver passarem as moças bonitas, sentir-se-á senhor do mundo. Normalmente, travará conversa com alguém e falarão tanto do divino como do humano, sem olhar para o relógio nem uma vez. Que o raio parta a pressa. Não notaram os senhores como se mostram felizes os espanhóis, quando podem «matar» o tempo no café?... Diria que, inconscientemente, o fazem em legítima defesa.

— Mas, devido a essa filosofia, a Espanha não está à altura de outros países, onde esse assassinato ou perda de tempo é inconcebível — objetou alguém do grupo.

— Tudo depende, em primeiro lugar, da idéia que se tenha do que quer dizer «perder o tempo». A coisa não é assim tão fácil como parece, e tem-se de ter alma de artista para saber fazê-lo. E não me negarão os senhores que os espanhóis dominam esta arte com perfeição. E' verdade que este país não segue o ritmo de outros, sob certos aspectos. Mas, se analisarmos bem a coisa, veremos que, sob outros aspectos, muito mais importantes afinal, são os outros países que estão em atraso. E, como amostra, basta

(Continua na pag. 52)



Um acidente... mas não se preocupe... é Quink Lavável!

Um pouco de água e sabão... e pronto! Quink Azul Real Lavável não mancha a roupa nem as mãos. Para sua segurança, use sempre PARKER QUINK LAVÁVEL!

— a única tinta que contém solv-x; limpa e protege a caneta à medida que escreve.



PREÇOS:
59 cm3 Cr\$ 25,00
473 cm3 Cr\$ 100,00
946 cm3 Cr\$ 170,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

COSTA PORTELA

INDÚSTRIA E COM^o S. A.
Av. Presidente Vargas, 435 - 8.^o and. - Rio
Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE
Rua dos Caetés, 652-1.^o
Belo Horizonte

STB - 1021

HA' UM SÉCULO ATRÁS, Louis Braille, um francês, criou o alfabeto para cegos. O Louis Braille americano de hoje é um jovem elegante, com o cabelo cortado à escovinha e que toca jazz ao piano, ensina matemática superior na Universidade de Detroit — e é também cego.

Seu nome é Abraham Nemeth e o seu «Código Nemeth de Matemática em Braille» tornou o conhecimento mundial técnico e científico acessível a milhares de cegos estudantes em colégios e universidades. E isso num momento em que a nossa própria sobrevivência pode depender da ciência e da matemática.

Além de seu revolucionário impacto na matemática superior, o Código de Abe Nemeth está também auxiliando escolares cegos a aprender aritmética. Pois dedicados voluntários não cegos, como o Grupo Braille da Irmandade do Templo Bethel, em Great Neck, Nova Iorque, e grande número de igrejas semelhantes, sinagogas e grupos de clubes femininos, através dos E.U.A., estão transcrevendo livros didáticos para o Braille, como parte do programa local de «integrar» crianças de escolas para cegos em classes regulares de escolas públicas com alunos não cegos.

Cego desde quando tinha seis semanas de idade, Abe Nemeth compareceu desembarracadamente às classes especiais para cegos em Nova Iorque. Estudou todas as matérias, exceto uma: a aritmética. Aprendeu com seus professores a falar fluentemente o francês e o hebreu com seu avô — por circunstâncias econômicas açoqueiro em um bairro de Nova Iorque, mas, no coração e no aspecto um patriarca do Velho Testamento, integrado em sua antiga fé, que humildemente se dirigia a seu Deus todos os sábados, com um menino cego a seu lado.

«Brincando no piano», em momentos despreocupados, o menino também ensinou a si próprio a tocá-lo, usando livros de música em Braille, retirados da biblioteca. (Recentemente compilou e publicou o «dicionário» americano de símbolos musicais em Braille).

Com um QI de 148 — nível de «gênio» — Abe Nemeth aprendia tudo aquilo que resolvesse aprender. Mas o que desejava mais do que tudo era especializar-se em matemática. E isto, conselheiros bem intencionados lhe disseram, era, para um cego, um objetivo «inatingível».

Aceitando a alternativa «sensata», Nemeth entrou para a Universidade de Colúmbia, para di-

plomar-se em psicologia. Esbarrou então com uma muralha de pedra. Não havia colocação para psicólogos cegos. Com dois diplomas no bolso, aceitou um emprego de esforço de guerra: costurar fronhas.

Em outra parte de Brooklin, o destino parecia tratar duramente uma bonita moça cega chamada Florence Weisman. Através de um amigo, na Associação para Judeus Cegos de Nova York, Abe e Florence se conheceram. Casaram-se dezoito meses depois e mudaram-se para um apartamento no terceiro andar de um edifício sem elevador, o qual, Abe, ótimo carpinteiro, imediatamente arranjou com novos móveis de cozinha.

Embora ainda «legalmente cega», Florence gradualmente recuperou a visão parcial de um olho, o suficiente para ler trabalhos sobre matemática ao microfone do gravador de fita de seu marido, auxiliá-lo a manter seus assentamentos escolares em ordem para ler os trabalhos dos alunos.

Abe Nemeth tinha agora dois amores; sua esposa e a matemática; mas as agências de emprego continuavam a receber friamente seus oferecimentos.

— Prefiro ser um matemático cego desempregado a ser um psicólogo cego desempregado — disse a si próprio, e voltou para o Colégio de Brooklin, como estudante noturno de matemática.

— Se você deseja ser um professor universitário — sua esposa ponderou judiciosamente — terá de aprender a escrever.

Até então, as únicas formas de comunicação por escrito que Nemeth sabia eram a datilografia e os pontos em relevo do Braille, perfurados com um estilete ponteagudo. Florence tratou-o como uma professora primária faz com uma criança de sete anos, auxiliando seus dedos a aprenderem a fazer linhas não vistas sobre o papel e no quadro-negro.

Todas as escolas superiores dos E.U.A. automaticamente dispensavam os estudantes cegos dos cursos de matemática e de ciência em laboratório. Até escolas especiais para cegos davam álgebra sómente até o nível secundário. Além deste ponto, não havia livros em Braille, nem meios de os escrever, ainda que alguém o desejasse.

A fim de dominar a matemática superior, Nemeth tinha de inventar um meio de expressar símbolos e conceitos incrivelmente complicados em Braille, à medida que prosseguia nos estudos. A matemática superior não depen-



É
L
E
F
Ê
Z

2+2= :

Por criar o primeiro
código de Matemática
em Braille,
o cientista cego
Abe Nemeth recebeu
o cognome de
«Einstein dos Cegos».

de só de algarismos, mas de letras dos alfabetos romano, grego e outros. Centenas de símbolos são necessários.

Nemeth primeiramente concebeu meios de os 63 símbolos em Braille cumprirem funções tripli-
ces e quádruplas. Depois, transformou todos os problemas em pequenos orifícios uniformes espaçados regularmente, ao longo do nível de uma linha — tudo, desde frações simples e sinais de adição e subtração até raízes cúbicas e tábua-
de logaritmos.

Por exemplo, no Código Nemeth, $2 + 2 = 4$ seria grafado assim:

Para o curso de física em laboratório, Abe veio para a sala de aula com um punhado de instrumentos especiais, «todos equipados para serem lidos pelo tato ou pelo som». Tinha um micrômetro em Braille, por exemplo, e um voltímetro que registrava por meio de um vibrador, em lugar de um mostrador. Seu favorito, todavia, era uma régua de cálculo em Braille, que inventou com um amigo da Fundação Americana para Cegos, onde então trabalhava como funcionário de escritório.

A grande oportunidade surgiu quando um professor de matemática adoeceu repentinamente, e o representante da diretoria, o professor assistente J. M. Wolfe, calmamente solicitou a Nemeth que substituísse o enfermo no semestre seguinte. Naquele período, Abe lecionava duas noites por semana e comparecia às aulas como estudante outras duas noites. Nos dias úteis, trabalhava no escritório e, nos sábados, à noite, tocava piano num conjunto para dançar, numa parte distante da cidade.

Quando teve de reinscrever-se como estudante de tempo integral na Universidade de Colúmbia, a fim de completar seus estudos de matemática, Florence pagou-lhe os estudos, trabalhando como datilógrafa de ditafone. E os dois mantiveram o orçamento doméstico equilibrado, agenciando seguros de vida — com sucesso — nas horas vagas.

Quanto ao seu primeiro encargo no magistério, Nemeth dedicou-se à tarefa com tanto afínco que as boas referências lhe conseguiram duas outras substituições, a segunda numa escola católica para moças. O Colégio de Manhattanville, dos Sagrados corações, estava situado no su-

(Conclui na pág. 40)

NOSSAS CRIANÇAS

O Problema da Televisão

ACHEGADA da televisão veio pôr fim a um problema cruel — diz o papai, satisfeito. — Agora ninguém se preocupará mais em vigiar crianças que querem brincar na rua, ou que teimam em desarrumar a casa, ou ainda que vivem a brigas umas com as outras por não poderem andar a um só tempo no mesmo velocípede ou carregar a mesma boneca. Nada disso aconfererá!

E a mamãe respira satisfeita, porque poderá fazer o seu trabalho na mais completa paz, ou ler o seu romance sem interrupções e receber as suas visitas tranqüilamente, enquanto as crianças permanecem mudas e embevecidas diante de um programa de televisão.

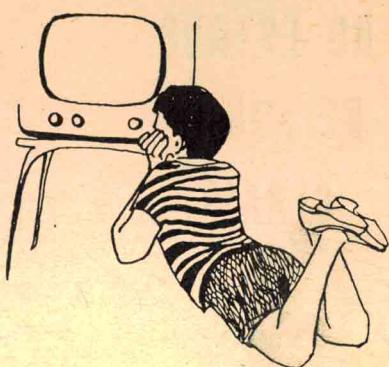
Não sou, é óbvio, contra o fato de as crianças assistirem a programas de televisão. Acho mesmo até bom que elas o façam. Entretanto, desejo fazer uma pergunta: será de todo benéfico deixar as crianças por horas a fio diante do vídeo, permitindo que elas mesmas escolham os programas de sua predileção, sem dar conta de que, muitas vezes, elas não passam de apresentações policiais, pontilhadas de tiros e de outras violências humanas?

A verdade é que muitos pais, e não vai aqui nenhum exagero, satisfazem-se apenas com o fato de os filhos não estarem nem na rua, nem brigando, mas sentados, quietinhos, assistindo a um programa que eles não têm o trabalho de verificar se lhes pode ou não pode ser prejudicial. A criança deve assistir à televisão, mas os pais devem ter o cuidado de selecionar-lhes os programas.

Um outro aspecto do assunto que não pode ser abandonado é o fato de se fazer da televisão um meio para prender a criança em casa, quietinha e muda, tomando consciência da sua presença apenas na hora das refeições ou de dormir. Ora, todo mundo há de convir comigo que a criança tem necessidade de passar algumas horas brincando com outras de sua idade, imaginando e criando coisas, enfim, divertindo-se ativamente. É próprio dela fazer barulho e ninguém deve impedir os seus movimentos; deve, isto sim, orientá-los. Ela tem necessidade também de conversar com os outros, de fazer as suas perguntas, às vezes absurdas para nós, mas que precisam ser respondidas.

E para tomar parte nesses diálogos, tão interessantes e tão do seu gôsto, ninguém melhor que os pais, dotados de capacidade de entendê-las e de agradá-las melhor que qualquer outra pessoa. Por que, então, perder a oportunidade de dedicar algumas horas à criança e usar outros meios para não cumprir o nosso dever para com ela?

E' evidente que atentar para as necessidades da criança e satisfazê-las requer tempo, mas é bastante evidente também que os pais cuidadosos sempre encontrarão um tempinho para dedicar às suas crianças. — Dr. Garry C. Myers.





**A Loteria do Estado
faz novos milionários
toda semana**

ÀS SEXTAS-FEIRAS

**LOTERIA
DO ESTADO
DE MINAS
GERAIS**

a nossa loteria

búrbio de Westchester. Abe ainda morava em Brooklyn. Entre os dois, há uma distância percorrida com uma viagem de trem de duas horas, incluindo baldeações no **subterrâneo** e um pequeno pulo de ônibus.

No domingo anterior ao dia do início das aulas, fêz êle o percurso com um companheiro não cego, estudando a Estação Central de Nova York, para memorizar a localização dos trilhos em ambos os lados. Daí por dian-te, fêz a travessia em hora de mais movimento, duas vêzes por dia — sózinho — e jamais deixou de dar uma aula, embora reconheça que as freiras se preocupavam com êle nos dias de nevasca. Ele carrega uma bengala branca, dobrável, na pasta, mas raramente se dá ao trabalho de usá-la. E jamais usou um cão de guia.

— Tenho bom senso de direção, sei aonde quero ir e tenho paciência — diz êle confiante mente, acrescentando que esta filosofia se aplica tanto a seu modo de viver quanto ao ganha-pão diário.

Mas não é sómente pelo pão que Abraham Nemeth palmilha êste caminho. Nascido num dedicado lar judeu ortodoxo, Nemeth, quando criança, se impregnou da doutrina bíblica e talmúdica, ouvindo seu avô hora após hora. Pois, como é evidente, não havia também livros religiosos. Sômente em 1950 é que o Instituto Judeu de Braille da América, trabalhando em conjunto com grupos de rabinos no exterior, completou a edição em hebreu das Escrituras para leitores cegos. Nemeth pagou uma dívida de amor à memória de seu avô, servindo como revisor da primeira Bíblia-Braille em hebreu do mundo.

Um dia, a mãe de um menino cego chegou afobada ao Instituto Judeu de Braille. O menino, como todos seus amigos não cegos, estava chegando à idade de «Bar Mitzvah», ou confirmação. Mas os rabinos de vista estavam com dificuldades na tarefa de preparar um menino cego para as cerimônias de confirmação. Deveria êste menino ser também privado de sua herança religiosa?

— Não — disse o velho Nemeth. Arregou as mangas, preparou transcrições em Braille, do material de instrução necessário, em hebreu, e suou meses a fio com o menino. Ano e meio depois, Nemeth assentou-se numa si-

lenciosa sinagoga e ouviu seu brilhante aluno cego recitar o ritual de «Bar Mitzvah» em impecável hebreu. Desde então preparou outros meninos cegos para o mais solene momento religioso na vida de um jovem judeu.

Em 1950, o Comitê Americano Unido de Braille, constituído de categorizados educadores de cegos ingleses e americanos, tanto cegos quanto não cegos, ouviu Nemeth explicar seu código. Um ano mais tarde, uma conferência nacional adotou o Código Nemeth por aclamação e, desde 1954, todos os livros didáticos de matemática impressos para os cegos neste continente o foram com o Código Nemeth.

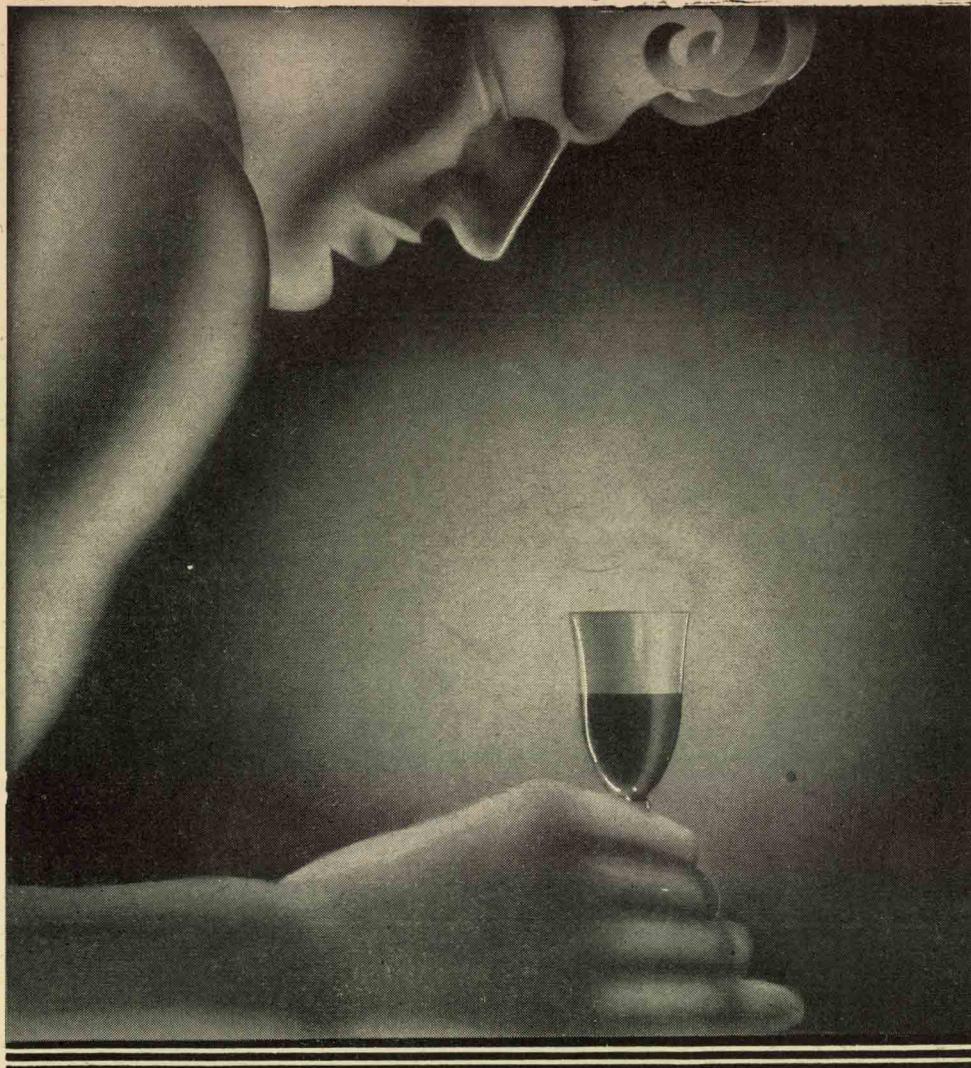
Em 1955, a Universidade de Detroit contratou Nemeth para ensinar matemática teórica para alunos não cegos, algo que outra pessoa cega jamais fizera. O programa percorre a escala do exame de matemática para calouros até o cálculo diferencial.

— Colocar os problemas no quadro-negro não é difícil — explica Nemeth. — A primeira linha será no alto do quadro, ao nível do alto de minha cabeça. A segunda linha será à altura dos olhos, a terceira à altura do queixo, a seguinte à altura do tórax. E só descer pouco a pouco. Elementar.

A poder de talento, coragem e de um inextinguível amor, um pelo outro, Abe e Florence Nemeth constituem um casal admiravelmente normal e feliz. Mas ambos são os primeiros a reconhecer que isto não seria fácil sem os excelentes amigos não cegos, velhos e novos, que mágicamente aparecem sempre que a situação dêles careça.

Nemeth em breve receberá o seu título de doutor em matemática, um doutorado científico fundamental, conseguido por menos de 250 americanos anualmente. Agora, completando sua tese de doutorado sobre a matemática dos «cérebros eletrônicos», êle está operando um grande comutador digital I. B. M. no curso de um original projeto de investigação que, êle reconhece, está «exatamente na fronteira» da pesquisa básica.

Num mundo que força a maioria de nós a compromissos e a segundas escolhas, Abraham Nemeth, que está fazendo o único trabalho que sempre desejou, considera a si próprio «um homem afortunado». — Richard Match.



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

À venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol





Nádia Tiller, ex-«Miss Áustria», hesitou em aceitar o papel de Rosemarie.



ZURIQUE (VIA PANAIR) — A produção cinematográfica da Alemanha de após-guerra não ofereceu ainda ao público estrangeiro nenhum celulóide de grande classe internacional como o famoso «Anjo Azul», que levou Marlene Dietrich ao estrelato; mantém um estilo sentimental ou um humorismo de um nível pouco elevado, acreditando agradar assim ao espectador médio — érro bastante comum e tantas vezes desmentido. O filme «Rosemarie» é seu primeiro grande sucesso: está fazendo casas cheias na Suíça, na Áustria e na própria Alemanha, e antes ainda de ser apresentado fora dos países de língua alemã, a não ser na Bienal de Veneza onde ganhou o «Prêmio Pasinetti» da Crítica Italiana, é desde já uma das novas fitas em que mais se fala pelo mundo a fora.

A sua maior publicidade foram os protestos indignados que se elevaram no país de origem contra sua exibição no grande certame cinematográfico — protestos oficiais do Ministério das Relações Exteriores de Bonn, protestos dos meios industriais ridicularizados pelos autores, protestos de um grande hotel de Frankfurt onde se desenrola parte da ação, protestos de uma empresa de bombas de gasolina, uma das quais aparece numa cena do filme. Não protestou a única pessoa real, cujo nome nem foi mudado, e que é o protótipo da triste heroína, a mundana Rosemarie Nitribitt. Nem podia protestar: foi assassinada um ano antes de se iniciar a rodagem da fita. Pois a história de Rosemarie é baseada num caso policial que de fato aconteceu.

(Continua na pag. 45)

Para caracterizar a personagem, Nádia Tiller virou loura e adotou um «make-up» carregado.

*Protestos oficiais não conseguiram suspender a
a carreira de um grande filme*

o caso Rosemarie

Olga Obry (Especial para ALTEROSA)



Rosemarie suplica a um pobre estudante que encontrou vendendo livros na rua, que esconda as fitas comprometedoras. Ele aceita, sem saber de que se trata, pensando salvar Rosemarie da perdição.



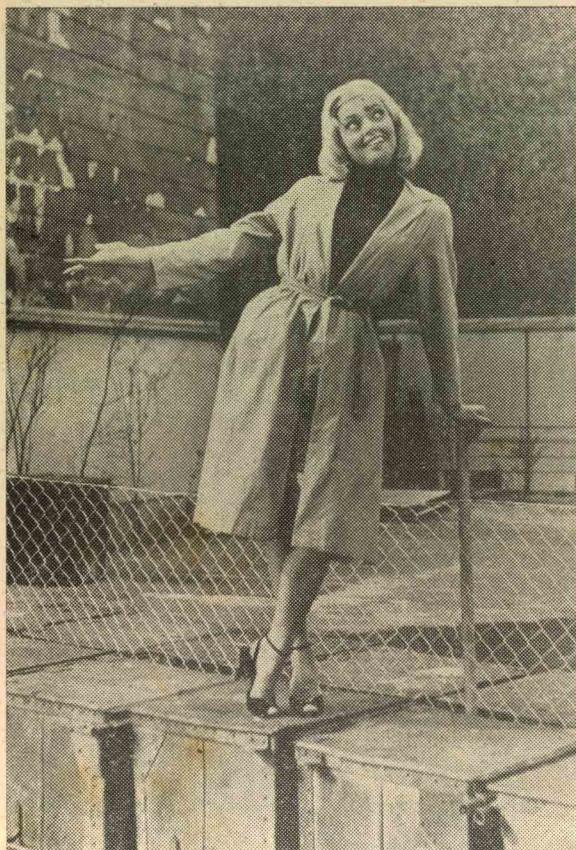
Rosemarie não escapou ao seu destino: morreu estrangulada no seu banheiro por um desconhecido. Sem entender a lição, a mocinha Do está cobiçando o lugar que ficou vazio.



O CASO ROSEMARIE

CONTINUAÇÃO

Peter van Eyck, no papel do francês Fri-bert.



Estendendo a mão para apanhar as moedas que caem das janelas, a moça Rosemarie canta na rua.



Rosemarie acostumou-se a passeios em carros de luxo e vestidos elegantes.

A protagonista da fita é a linda atriz austríaca Nádia Tiller, que já foi, há alguns anos, «Miss Áustria». e fez vários pequenos papéis em outros filmes, sem atrair maior atenção. Agora, está com nome feito, com contratos para contracenar, na França, com Jean Gabin. Hesitara, porém, em aceitar o papel de Rosemarie, por achar o assunto escandaloso. Mas acabou convencendo-se de que se tratava de uma obra de arte honesta, de uma sátira corajosa, e não de mera exploração de situações duvidosas na intenção de criar o que se chama um «filme forte». Para caracterizar sua personagem, Nádia, que é morena, virou loura e adotou um «make-up» que transformou sua distinção natural em vulgaridade. Fêz uma caricatura que se enquadra bem no estilo caricatural do cenário, da «mise-en-scène», do diálogo, que lembram, inclusive nas melodias das canções, os «musicais» de Brecht e Weill — a «Ópera de Três Tostões», «Mahanonny» etc.

A carreira de Rosemarie, no filme como na vida real, começa na miséria. Com seu irmão, malandro sem-vergonha, e outro rapaz do mesmo tipo, ela anda pelas ruas da cidade, cantando ao som do violão e da sanfona, para apanhar umas moedas que caem das janelas dos edifícios dos bairros de luxo. Sua beleza impressiona um grupo de industriais que estão reunidos em conferência no «Salão Azul» do Palace Hotel. Um deles convida a pequena para um passeio de automóvel.

Aos poucos, Rosemarie acostuma-se a passear em carros de luxo, usar vestidos de alta costura, peles de «vison» e jóias vistosas, muda-se da miserável barraca onde vivia com o irmão para um apartamento maravilhoso, sem perceber que acaba sendo um brinquedo, num jôgo perigoso cujas regras mal entende. Ela tem o dom de fazer com que seus novos «amigos» se sintam à vontade e, exaustos com a vida irrequieta que levam, sempre preocupados

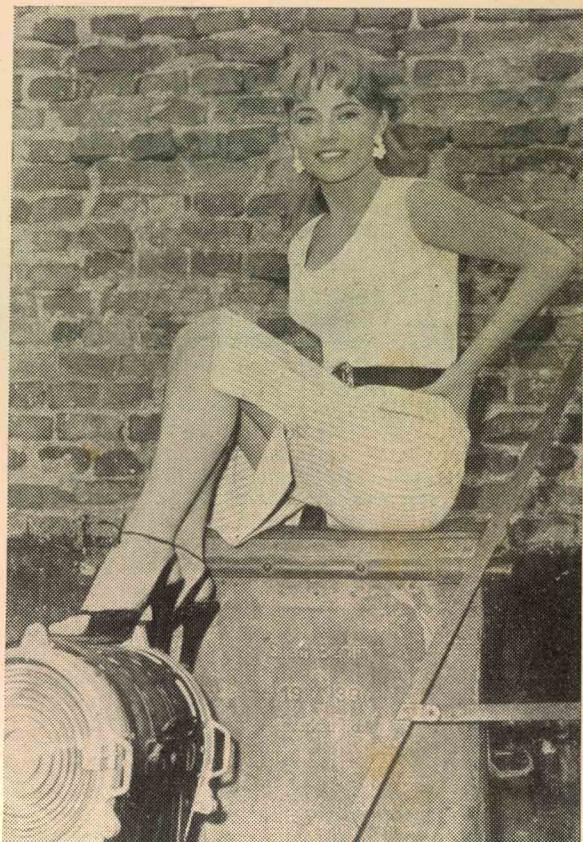
com seus negócios, contem para ela suas mágoas e seus problemas. O elegante francês Fribert (muito bem interpretado por Peter van Eyck), desejoso de desvendar os segredos dos seus parceiros teutônicos e conhecer o mecanismo do chamado «milagre econômico» alemão, tem a idéia de colocar no quarto de Rosemarie, dissimulado debaixo de um móvel, um aparelho de fita magnética, que grava todas as confissões, sem que os interessados o suspeitem.

Não demora muito, porém, e a coisa fica descoberta. Rosemarie esconde as fitas magnéticas comprometedoras, recusa o preço elevado que um dos implicados no escândalo lhe oferece, exige mais, o impossível: que ele case com ela, depois de se divorciar. Como o aprendiz feiticeiro, acaba arrastada pelas fôrças que desencadeou. E, um dia, encontram a desgraçada, que voltou à noite, sózinha, de uma festa onde ninguém quis falar com ela, morta no seu ba-

(Conclui na pag. 50)



A antiga cantora de rua conseguiu ingresso para um baile «grã-fino».



A menina Do, sucessora de Rosemarie no trio de cantores de rua.

O CRIME NÃO
COMPENSA

AS ÁGUAS

NAO LAVARAM

O ASSASSÍNIO



NORMAN ABBOTT (*Do New York Mirror Magazine*, distribuído pelo King Features Syndicate)

NAQUELE ponto do estado do Texas, o delegado Will Sheffield se encontrava fora da sua jurisdição, que compreendia uma vasta região do território do Novo México, desde a divisa até o vale de Tularosa. Aquelle janeiro de 1903 tinha sido marcado por copiosas chuvas, que haviam feito com que o Rio Grande deixasse o seu leito, inundando as proximidades da cidade de El Paso e levando o desconforto aos seus 17 mil moradores. Agora, passado um mês, o rio havia tornado ao seu curso normal, e, entre os escombros deixados pela inundação, foi encontrada uma velha arca de madeira. Dentro da arca, carregada de pedras, estava um corpo de mulher e tudo levava a crer que ela havia morrido várias semanas antes, vítima de uma bala que lhe atravessara a cabeça.

O xerife Ed Horne, do condado de El Paso, tendo lido notícias de desaparecimentos, achou que o delegado Sheffield poderia identificar a morta. O delegado realmente o podia, e identificou-a. Então, dois policiais foram encarregados de procurar o assassino da mulher, no que foram materialmente auxiliados por um burro perdido, que encontraram a zurrar em tom de protesto, perto do local onde, a julgar pelas aparências, teria sido a arca atirada à correnteza. Do burro, foi fácil, mas não rápido, alcançar o assassino da mulher.

* * *

Spindletop, o primeiro poço de petróleo do Texas, havia dado o seu primeiro jorrão fazia menos de dois anos, mas já muita gente imaginava que o futuro do Estado da Estréla Solitária estava aberto daquela enorme superfície de terra, e não acima dela.

Tal não se dava com Elvira Teagle. Como a maioria dos texanos ricos daquele tempo, o dinheiro que ela possuía fôra obtido em bons negócios de gado. Seu primeiro marido, já falecido, tinha sido boiadeiro, e, embora, após a morte dêle, ela se houvesse transferido para Houston, onde se casara de

novo, Elvira ainda tinha vontade de viver em horizontes mais amplos. Seu segundo marido, Jeremias Teagle, era vendedor de imóveis, e tinha bem fundamentadas esperanças de ver dobrar-se a população de Houston, então de 50 mil almas. Para ela, porém, a vida na cidade não tinha muitos atrativos.

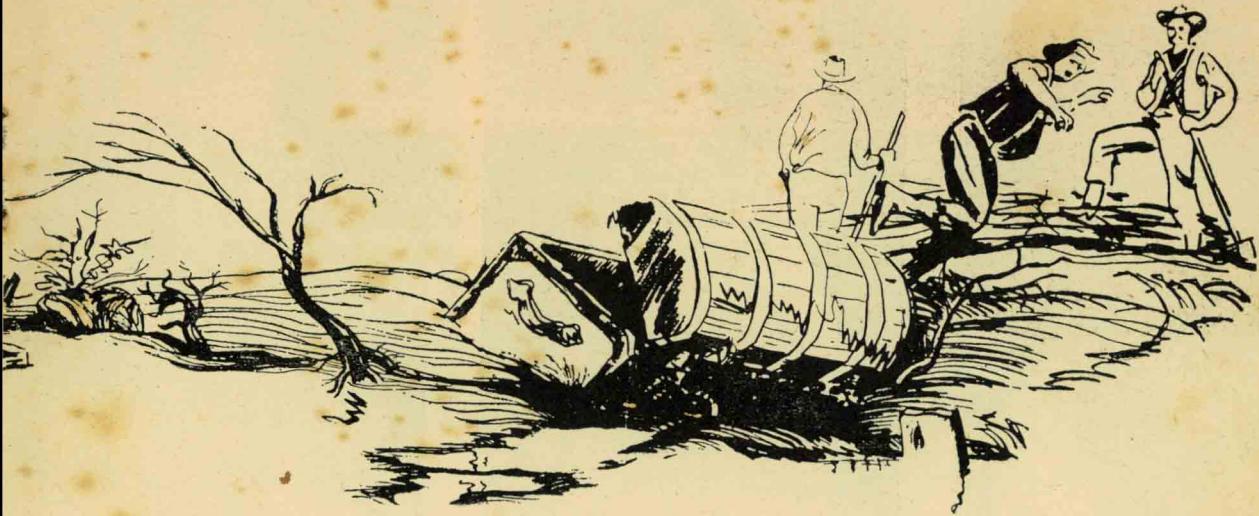
Embora fôsse uma mulher decidida, Elvira Teagle nunca dava um passo antes de discutir o assunto com o marido. Contou a êle seus planos, e Jeremias, talvez relutando um pouco, concordou com ela. A única filha de Elvira, Clara — casada com um homem chamado Will Sheffield — vivia em Albuquerque, no território do Novo México, onde seu marido era delegado federal, encarregado de viajar por vasta região do sul dos Estados Unidos. As pastagens eram boas naquele território — que só nove anos depois haveria de ser elevado à condição de estado — e Elvira queria fazer lá uma grande fazenda de gado. Havia ela partido, a fim de visitar a filha, levando 25 mil dólares para comprar as terras, ainda baratas; a quantia era suficiente para a aquisição de uma larga parcela da região de criação. Possivelmente, Will Sheffield, que ela estimava, demitir-se-ia do seu cargo federal a fim de dirigir a fazenda; Clara haveria de gostar daquela vida nova. De qualquer maneira, essas coisas se resolveriam depois.

A 2 de janeiro de 1903, Elvira Teagle telegrafou para a filha, avisando que estava para chegar e dando-lhe instruções para que esperasse o trem de El Paso — para o qual ela baldearia do trem partido de Houston — em Albuquerque, quatro dias depois. Clara foi esperar o trem, mas Elvira Teagle não desembarcou, como era esperado.

* * *

Um telegrama a Teagle, em Houston, fê-lo aparecer sem demora em Albuquerque, com a informação de que vira a mulher embarcar na hora marcada, conduzindo 25 mil dólares, em dinheiro, numa

Mesmo não falando como os homens, um burro,
às vezes, conta muita coisa.



bôlsa prêsa no cinto. Adiantou que procurara impedir que sair assim, mas que ela se havia rido, assegurando, com o seu jeitão típico, que sabia muito bem cuidar de si.

Como se poderia esperar, a grande mala de roupas de Elvira chegou a Albuquerque, no mesmo trem para o qual sua dona havia comprado passagem. Mas levava apenas roupas para uma longa temporada e fotografias de família, inclusive, naturalmente, uma de Jeremias Teagle. Todavia, ninguém se lembrava de tê-la visto no trem de El Paso para Albuquerque, nem — o que é mais estranho — no que ela teria tomado primeiro, isto é, no de Houston para El Paso.

Não era muito provável que Elvira se houvesse deixado enganar por estranhos interessados em rouá-la, mas, fora disso, que mais se poderia pensar? Poderia ter sido seguida, assassinada e roubada, num ou noutro trem, ou em El Paso, por ocasião da baldeação? Se isso houvesse acontecido, onde estaria o corpo? E como explicar que ela houvesse desaparecido por completo, logo depois de embarcar em Houston e acenar para o marido, ao despedir-se?

Essas perguntas ficaram sem resposta, e uma descrição da mulher desaparecida foi distribuída a todos os agentes policiais do sudeste do País. Apesar do início de uma resposta foi dado quando desceram as águas do Rio Grande, descobrindo a arca com os restos mortais quase irreconhecíveis de Elvira Teagle — identificada por Will Sheffield com o auxílio de uma conta de dentista.

* * *

A arca fôra encontrada num ponto à beira do rio, próximo de um lugar onde o gado o atravessava a vau. A mala teria sido conduzida por aquela passagem, imaginaram o delegado Sheffield e o xerife Horne. Mas como? Transportada de que jeito?

Cêrca de meio quilômetro adiante, foi encontrado o burro, num lugar distante de qualquer habi-

tação. Não muito longe, num bosque de algarobas, encontraram-se uma carroça de madeira, já muito estragada e os restos de um arreio de corda. Com o burro preso por um cabresto, os dois policiais tomaram o caminho de El Paso. Lá, longe do centro da cidade, encontraram o antigo proprietário do animal — um homem chamado Chato Martínez. Semanas antes, havia ele vendido o burro, com uma carroça e uns arreios, para dois irmãos de sobrenome Chavez, que lhe haviam dado bom dinheiro por tudo.

Os Chavez, por sua vez, informaram que tinham agido apenas como intermediários. O verdadeiro interessado, um "gringo" alto que tinham conhecido perto da estação ferroviária, pedira-lhes que guardassem uma arca. Eles a haviam transportado para uma casa desocupada, propriedade de seu pai. No dia seguinte, o "gringo" voltara, pretendendo levar a arca para outro lugar. Instruídos por ele, haviam comprado a carroça de Chato Martínez e, depois, o haviam ajudado a colocar nela a arca. Fôra aquela a última vez que viram o "gringo" maluco — que lhes pagara mais do que havia pago a Chato. Quando acontecera tudo aquilo? Cêrca de um mês atrás.

Além da conta do dentista, estava o delegado Sheffield de posse de mais uma coisa: a fotografia de Jeremias Teagle encontrada na mala de Elvira. Fôra aquêle o "gringo" que lhes havia pedido que comprassem o burro e a carroça? Exatamente, era aquêle o homem, informaram os irmãos Chavez.

Intimado a ir a El Paso, a fim de confirmar a identificação do corpo de sua mulher, Teagle foi acusado de assassinio. Identificado pelos próprios irmãos Chavez, acabou fazendo uma confissão completa. Havia assassinado a esposa ainda na sua residência em Houston, roubado os 25 mil dólares, colocado o corpo na arca e seguido com ele até El Paso, onde, na carroça, a transportara para a beira

(Conclui na pag. 60)

Mariza, filha do Sr. e Sr^a Geraldo Castelo Branco Valedares. "Debutante".



Sandra Lúcia, filha do Sr. e Sr^a Lourival Pinto. O vestido: "Imperial".



Sônia Maria, filha do Prefeito e Sr^a Paulo de Salvo. O vestido: "Rêve".



Sônia Maria, Alda, Mariza, Terezinha e Sandra Lúcia.



Alda, filha do Sr. e Sr^a Viriato Macksonhas Gonzaga. "Extase".



Terezinha, filha do Sr. e Sr^a Sebastião Nagib Salomão. "Chanson de la Nuit".



Os pais (orgulhosos) dançaram a valsa com as filhas (satisfeitas).



Após o desfile, um coquetel às jovens debutantes.



DEBUTANTES

NUMA festa de sorrisos, champanha e vestidos brancos, cinco jovens da cidade mineira de Curvelo foram oficialmente apresentadas à sociedade, na passagem do ano: Alda, Mariza, Sandra Lúcia, Sônia Maria e Terezinha. Com 16 anos (só Terezinha tem 15), as debutantes curvelanas apresentaram-se cheias de satisfação, nos seus primeiros vestidos de baile, rodopiaram ao som da valsa tradicional e sonharam. Sonharam como sonham tôdas as meninas-moças que começam a tomar seus primeiros contatos com uma vida diferente da que viviam no reino das fadas e bonecas. E seus sonhos estavam nos próprios nomes dos seus vestidos — «Extase», «Debutante», «Imperial», «Rêve» e «Chanson de la Nuit» — todos êles obedecendo às mais modernas tendências da moda, numa prova de que as moças de Curvelo não perdem de vista o que vai pelos grandes centros.

A objetiva de Calazans, que é fotógrafo da cidade, andou pelos salões do Curvelo Clube e colheu para ALTEROSA os flagrantes que ilustram estas páginas.

A ciência em dois minutos



É ISTO mesmo, caro leitor! São apenas dois minutos que você gastará para responder às perguntas do teste que apresentamos, e que giram em torno da ciência.

Se você duvida, apanhe o relógio e experimente. Se desejar certificar-se a respeito das respostas, veja-as ao pé da página.

- 1 — Como se chama a unidade que mede o potencial elétrico de um corpo ?
 a) Watt
 b) Ampère
 c) Volt
- 2 — Quantos metros vale uma milha ?
 a) 1.200 m
 b) 718 m
 c) 1.609 m
- 3 — Quem descobriu a teoria pendular ?
 a) Einstein
 b) Mme Curie
 c) Galileu
- 4 — Onde está localizada a glândula pituitária ?
 a) No Baço
 b) No Fígado
 c) Na Base do Crânio
- 5 — Qual o metal que melhor conduz a eletricidade ?
 a) Ouro
 b) Cobre
 c) Prata
- 6 — Como se chama em Química o sal de cozinha ?
 a) Cloreto de Sódio
 b) Nitrato de Prata
 c) Iodeto de Sódio
- 7 — Qual o valor de «Pi» em Geometria ?
 a) 3,25
 b) 3,14
 c) 3,21
- 8 — Que sábio é chamado o Pai da Medicina ?
 a) Galeno
 b) Hahnemann
 c) Hipócrates
- 9 — Em que espécie de vitamina os raios solares transformam as pró-vitaminas ?
 a) Vitamina D
 b) Vitamina C
 c) Vitamina A
- 10 — Quem descobriu o sôro contra a hidrofobia ?
 a) Salk
 b) Pasteur
 c) Mendell

Respostas

1 — Volt, em homenagem ao físico italiano Volta. O ampère mede a intensidade da corrente elétrica e o Watt, a potência elétrica; 2 — 1.609 m; 3 — c; 4 — c; 5 — c; 6 — a; 7 — b; 8 — c; 9 — a; 10 — b.

Eva Na Polícia...

Conclusão da pag. 32

dam no serviço de autópsias. Os operadores de câmbio negro e aquêles que se ocupam de transações ilegais em ouro e notas bancárias dos Estados Unidos têm os seus passos interceptados por essa maravilhosa corporação que, mais de uma vez, prestou inestimáveis serviços ao povo da China Nacionalista, principalmente por ocasião de desastres, inundações e incêndios.

Uma regra, porém, é imposta severamente a tódas que se candidatam a essa temerosa profissão: nenhuma mulher casada poderá ser admitida e a recruta deve prometer que não se casará enquanto não completar dois anos de serviço. Ainda assim, se fôr ao altar, ela deverá pedir demissão imediatamente.



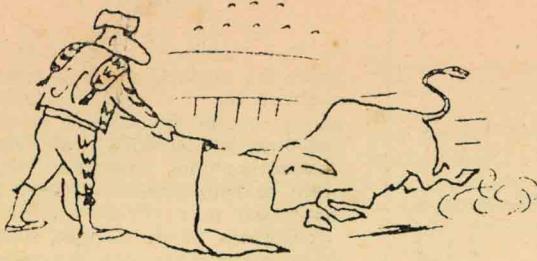
O Caso Rosemarie

Conclusão da pag. 45

nheiro, estrangulada com sua própria meia. Assim foi encontrada a autêntica Rosemarie Nitribitt, em outubro de 1957, e seu assassino ainda não foi identificado.

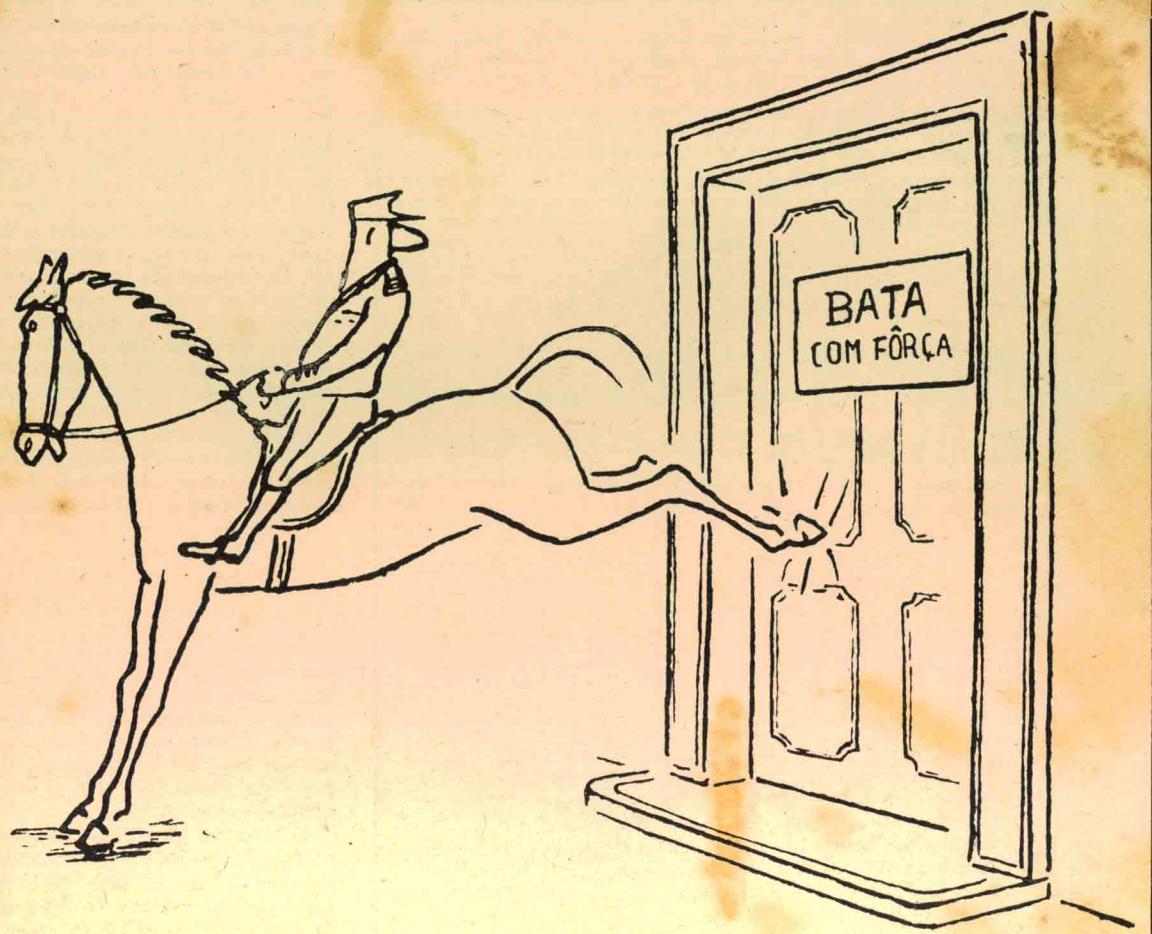
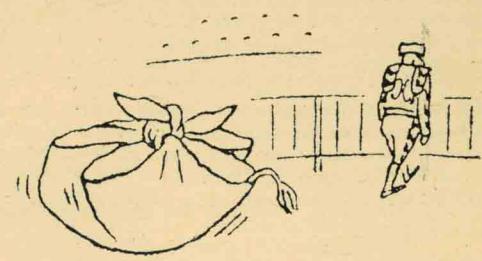
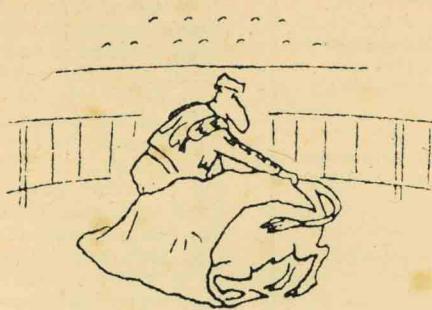
Assim acaba a «Balada da Menina Rosemarie», como a chamaram o autor do cenário, Erich Kuby, e o diretor artístico, Rolf Thiele, com mais uma cena final: uma outra cantora de rua, a menina Do, sem entender a «moral» da história de sua predecessora, já está lá, sob o olhar desdenhoso do porteiro do grande hotel onde começaram as aventuras de Rosemarie, a cobiçar o lugar que ficou vazio, naquele mundo onde os bens materiais estão sendo colocados acima de tudo, e ninguém pensa em outra coisa senão ganhar dinheiro e divertir-se.

Técnicamente, a fita é muito bem feita: boa fotografia, boa «mise-en-scène», ótima interpretação. Os protestos não impedirão seu êxito. Teria sido mais razoável aquêles que se sentiram visados pela caricatura do ambiente não «senfiarem a carapuça» e deixarem a coisa correr. Afinal de contas, também o papel do francês não é nada lisonjeiro. Dêsse lado, porém, não houve reclamações, e «Rosemarie» será projetada nas telas parisienses.



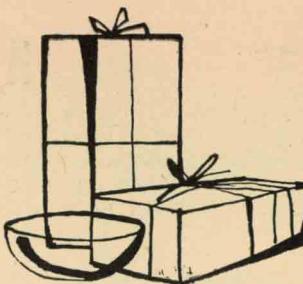
HUMOR

Bosc



Stella Marina

Presentes aos Noivos



QUEM presenteia os noivos? Os pais, os amigos, as pessoas convidadas para a cerimônia oferecem presentes em relação com o grau de parentesco, de amizade, os serviços prestados, as relações mundanas e a fortuna do ofertante. São os parentes próximos que oferecem os presentes mais caros.

OS PRESENTES fazem-se algumas vezes em comum: os presentes dos empregados de uma casa, os operários duma fábrica, os alunos de uma escola, os colegas do noivo, alguns amigos, os membros duma família podem reunir-se, o que permite oferecer coisas mais valiosas.

Os criados de uma casa podem oferecer uma lembrança aos seus jovens patrões.

COMO escolher um presente a se oferecer aos futuros esposos? Pode-se consultar diretamente as pessoas de família. Se se faz parte dos amigos íntimos pode pedir-se a lista de objetos desejados pelos noivos, a qual deve conter objetos de todos os preços.

Cada um dos amigos risca na lista o objeto que tenciona oferecer. Logo que na lista só restar o nome de presentes importantes, devem acrescentar-se objetos de menor valor.

Quando se quer dar um objeto de prata, vale mais perguntar qual é o nome do ourives que fornece as pratas aos noivos; assim se evitam objetos repetidos e o casal terá pratas do mesmo estilo.

OS PAIS e amigos íntimos podem oferecer um cheque, empregado mais tarde pelo jovem casal na compra de mobiliário, de pratas, de um automóvel, etc., ou dar um presente em dinheiro.

OS PRESENTES devem ser diretamente enviados pela casa onde foram comprados, levando um bilhete ou cartão de visita de quem oferece e no qual podem ir expressos votos de felicidades para os noivos. Esses votos deverão ser redigidos com simplicidade, pois é necessário não esquecer que os cartões poderão vir a ser expostos com os presentes. Presentes em dinheiro só são permitidos a pessoas da família, ou a velhos amigos dos noivos ou dos pais dos noivos.

A QUEM enviar o presente? Ao noivo que se conhece mais de perto. Se se conhecem ambos, enviar-se-á o presente à noiva. Se o noivo habita noutra cidade envia-se à casa dos futuros sogros com o nome do noivo.

Um móvel, um objeto frágil, pode ser enviado imediatamente para a cidade onde irá viver o jovem casal.

DEVE-SE agradecer pronta e calorosamente tanto uma simples lembrança como um presente de valor. Aos íntimos escrever-se-á uma carta. As simples relações envia-se um cartão com algumas palavras de agradecimento.

A jovem que não tenha cartão de visita serve-se do da mãe e escreve o seu nome debaixo do nome materno.

Quando se recebe um presente feito coletivamente, agradece-se individualmente a cada um dos ofertantes.

Na recepção do dia do casamento pode um dos noivos agradecer discretamente aos ofertantes um presente que foi particularmente apreciado.

A EXPOSIÇÃO de presentes fazia-se nos casamentos elegantes, mas este uso quase que desapareceu. Os presentes eram colocados sobre os móveis com os cartões dos ofertantes. Os móveis muito grandes eram indicados nos cartões de visita. Um serviço de porcelana ou de vidros era representado por um prato ou copo sómente, perto do cartão do ofertante com estas palavras: «serviço de jantar», «serviço para licores», etc.

Os presentes oferecidos pelo noivo e pelos pais eram expostos à parte.

Esta exposição já se não faz, salvo em casos excepcionais e por ocasião de um casamento muito luxuoso e elegante.

na na na epiderme maltratada do rosto, na intenção de amenizar a canícula que o afogava. A frieza do aço foi um lenitivo e, mais que isso, um apelo à realidade a que se achava submerso, e da qual se distanciara por um momento.

Uma das varas vergou, chianando no ar. A linha deu um esticão estalado e disparou tensa, rasgando a água. Súbito, ficou imóvel. Depois continuou. Por fim bambeou, ficando a oscilar, já sem anzol. O homem compreendeu.

— Leve, leve os meus anzóis, maldita! Eu espero...

Resignado, voltou a atenção às outras linhas e ficou esperando que o mesmo acontecesse a elas. Estranhou que os outros peixes não beliscassem mais seus anzóis. Escafederam-se desde quando a velhaca dera de retinir a dentaria naquele pedaço de rio, numa ameaça premonitória. Ainda esperava. E não era agora uma espera inútil. Esperava e suas mãos tramavam, nervosamente, o velho ardil. Os anzóis sucediam-se encastoados na linha corredia, móvel e fina do sondeiro, ardil manhosso, aperfeiçoado por ele, para peixes velhacos e desleais como aquela piranha negra. Raramente falhava. Sorriu confiante quando, experimentado, acionou o anzol central e os outros fecharam-se sobre ele, inexoráveis. Quando terminou havia apetitosos pedaços do piau fresco espetados na fieira circular de anzóis. E era como se fôssem frutos carnosos e atraentes pendentes da linha fina e forte.

Atirou o sondeiro que submergiu no centro do poço, espalhando água, concentrando círculos. Na mão esquerda conservava a bóia de buriti, onde terminava a linha, amarrada em nó cego. Trançado em dois fios, ma-

O Tempo

um botão. A gente daqui, embora possua muito pouco, é mais feliz — ou menos infeliz, se quiserem — do que em outros lugares onde é muito mais alto o nível de vida. Isto não podem os senhores negar.

Houve um eloquente e breve silêncio e o «Mister» prosseguiu:

— No meu caso, tratando-se da questão que comentamos, não aceito meios térmos. Vou ao extremo, que também é uma ati-

Piranha

Conclusão da pag. 25

leável e forte, o sondeiro era sua última esperança, com seus ponteagudos anzóis móveis.

— Piranha, venha comer aqui, venha...

Sussurrava quase, sublinhando o convite com um leve agitar da linha. Precisava atrair a piranha até às postas do piau sangrento antes que fôsse tarde demais. Antes que ela se saciasse e o deixasse só, dentro de sua ira impotente. Notou então, num espanho, que o dia estava prestes a finar. Lembrou-se também de que não comera nada até aquela hora. Bebera um café solteiro, na saída, contando voltar logo. Dos outros, no acampamento, numa evidência estranha, tomou conhecimento. Estariam com a bôca no mundo, chamando por él. Não prestara atenção. E, porventura, tinha atenção alguma para o que quer que fôsse além daquela maldita piranha? Siderado. Agora sabia o que isto significava, nitidamente. Era simplesmente espantoso.

Em volta do poço, como notas sôltas de uma derrota crescente, mais três linhas boiavam sem anzóis, à flor da água. Ah! a glutona...

Violento e brutal o esticão quase o puxou água a dentro. Não acreditava ante a evidência da corrida desesperada, a linha rasgando a água, o soar frenético das rabanadas vindas lá do fundo, seria tolice. Fisgara-a! Prêsa em um dos anzóis que agora, mais e mais, cravara-se em suas entranhas, a piranha negra debatia-se furiosamente, tentando safar-se. E certamente mordia, raiosa, o cabresto, querendo cortar o aço duro e frio. O homem já estava, sem o pressentir, chafurdado dentro do poço, a água entrando por cima de suas botas, escorregando no declive limoso.

Alternadamente soltava a linha e a recolhia quando a tensão afrouxava. Não a via, mas sabia que lutava desesperadamente no fundo escuro e silencioso.

A cavidade abriu-se na água como um flor súbita de pétalas líquidas. Por ela emergiu a piranha negra. Subia à tona, um dos muitos anzóis da armadilha preso profundamente no ventre. Na bôca aberta os dentinhos em serra eram pontos aterradores subindo em direção da linha. E havia fúria em tôda ela. As mandíbulas fecharam-se estão com um ruído seco e rilhante. Decepou a linha na altura da mão do homem atônito, volteou no ar, as escamas negras respingando, buscou a água. Com um berro o homem chapou-se na água, em seu encalço. O facão deslissou bainha a fora, silvou no ar, um zunido rápido e curto e desceu mordendo a água. Seu aço era fino e afiado. E a mão que o empunhava era forte e teimosa.

— OOO—

A mancha sanguínea é um tom quente gritando alto na frieza verde das águas do poço. Em seu centro, estardalhantes, as piranhas cumprem mais uma vez a lei inexorável do velho rio.

O homem, ofegante e encharcado, à beira do poço, sabe que, quando o cardume silenciar não mais restará daquela velhaca uma só barbatana inteira. E estará, então, de alma lavada, escoimada de iras, reintegrada na antiga paz. Por isso, admite que os quatro dedos de sua mão esquerda levados por ela não foi lá um prego tão injusto, embora a dor continua queira lhe dizer o contrário.

De chôfre é difícil, mas acaba se acostumando com aquêle pôlegar sózinho, pois é um homem bastante teimoso.

E' Algo Mais Que Dinheiro

Continuação da pag. 37

tude muito espanhola. E o extremo é este belo lugarejo, onde a gente chega a dar-se a ilusão de que o tempo não existe. Os senhores não podem chegar a experimentar esta impressão, porque desde que chegaram estão contando os dias que lhes restam de férias, e, é claro, não podem gozá-las plenamente. Mas logrei aqui a conquista desse elemento destruidor. E quando quero certificar-me de que não é uma ilusão,

basta-me contemplar a tôrre do campanário. O relógio, olhem para él! olhem para él! ou está parado ou se anda, marca as horas de forma deliciosamente absurda. Burla-se do tempo.

— Mas, dentro em pouco não ocorrerá mais isso... interrompeu com gesto firme o secretário da Prefeitura, sem poder conter-se.

— Sim, já ouvi falar disso. Que
(Conclui na pag. 80)

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alface "Brilhante", ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

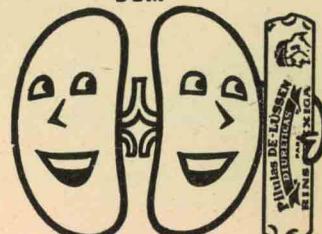
E' um produto do Laboratório Alvim e Freitas S. A.

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta
Edif. Banco Crédito Real — 13º
pav. — sala 1302 — Rua Espírito
Santo, 495 — Telefone: 4-4040.

SEUS RINS VÃO MUITO

BEM



COM AS

PILULAS DE-LUSSEN

A eliminação perfeitamente normal das toxinas ou resíduos venenosos e de todos os impurezas do nosso organismo constitui regra segura para uma vida longa, saudável e feliz.

PILULAS DE-LUSSEN, DIURÉTICAS, desinflamam, lavam e acalman os rins e bexiga. Eliminam o óxido úrico e combatem dores nas cadeiras, reumatismo e irritações das vias urinárias.

PILULAS DE-LUSSEN



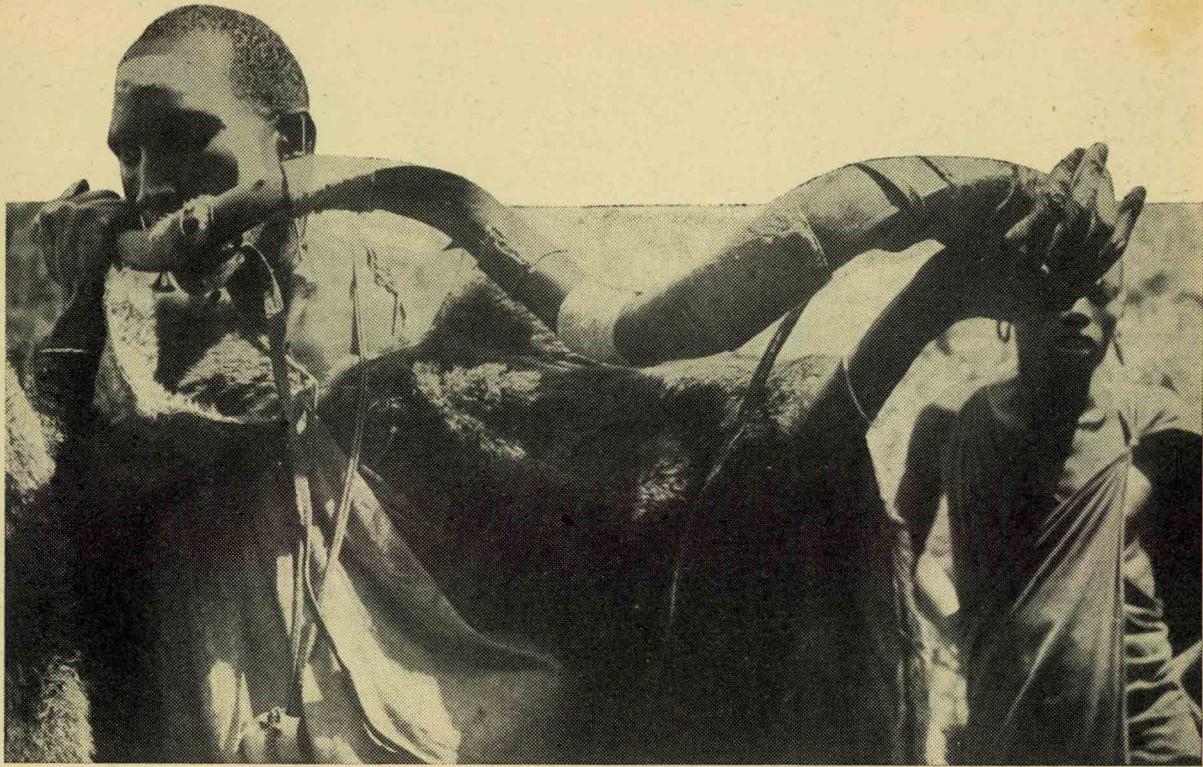
DIURÉTICAS E DESINFLAMANTES

Entre os Nativos Masaís

A TRADICIONAL CERIMÔNIA DO "CHIFRE DO BOI"

Fotos
«Camera Press»

O progresso, que vai sendo aceito vagarosamente entre os nativos de Kênia, não os fez perder ainda o gosto pelos ritos tradicionais.



Para dar inicio à cerimônia ritual, o nativo masai sopra na trompa feita de chifre. Vai começar "O Chifre do Boi".

A TRIBO masaí, «guia de turistas» de Kênia, cujo povo tem os cabelos pretos terrosos e onde os homens medem, mais ou menos, 2,10 m de altura, conta, entre as suas cerimônias rituais, uma particularmente interessante. E' quando os membros da geração masaí que deixam a adolescência são investidos do título de *morans*, termo que equivale mais ou menos ao nosso praça de pré — muito embora já faça muito tempo que a tribo não se dedica à guerra.

Trata-se de uma transferência dos jovens de um para outro grupo de idade mais avançada, e tem muita importância, por causa do seu significado especial. E' que, com a investidura dos mais jovens na categoria de guerreiros, muda-se também o conselho dos anciões, e, entre os que passam a controlar os destinos da tribo, pode esperar-se que se encontrem homens de idéias mais frescas, menos obsti-

nados e conservadores, capazes de manter o seu povo a passo certo com a marcha de Kênia, na direção do progresso.

As cerimônias têm lugar no seio das regiões selváticas de Uaso Kedong, entre as Colinas Ngong e a cratera inerte do Suswa. E' aí que fica o tradicional campo de cerimônias da seção de Kekonyukie, onde, exatamente nove dias antes de se ver pela primeira vez a luna nova, começa o vetusto ritual chamado «O Chifre do Boi».

A figura-chave da cerimônia é um boi especialmente escolhido, fato muito natural no seio de uma tribo cuja atividade mais importante é o pastoreio do gado. Segundo o costume, o boi deve ser posto a correr; depois que está a certa distância, o «ilaviok» (o futuro *maran*) sai a correr atrás, assim como todos os seus companheiros. Aquêle que primeiro alcançar e segurar o seu chifre direito é aclamado líder do novo grupo de guerreiros.

A cerimônia começa ao raiar do dia, depois de preparativos que duram uma noite inteira. São longas horas de danças primitivas, ao som de trompas feitas de chifres e de guizos presos aos pés dos dançarinos, precedendo o clímax. Quando este chega, os *ilavioks* estão de tal forma ansiosos e excitados que caem ao solo, contorcendo-se com violência. Quando a carreira maluca atrás do boi assustado chega ao fim e as coisas voltam à calma, o animal é levado para o interior da floresta e abatido, depois de intoxicado — é o toque de misericórdia — com cerveja nativa.

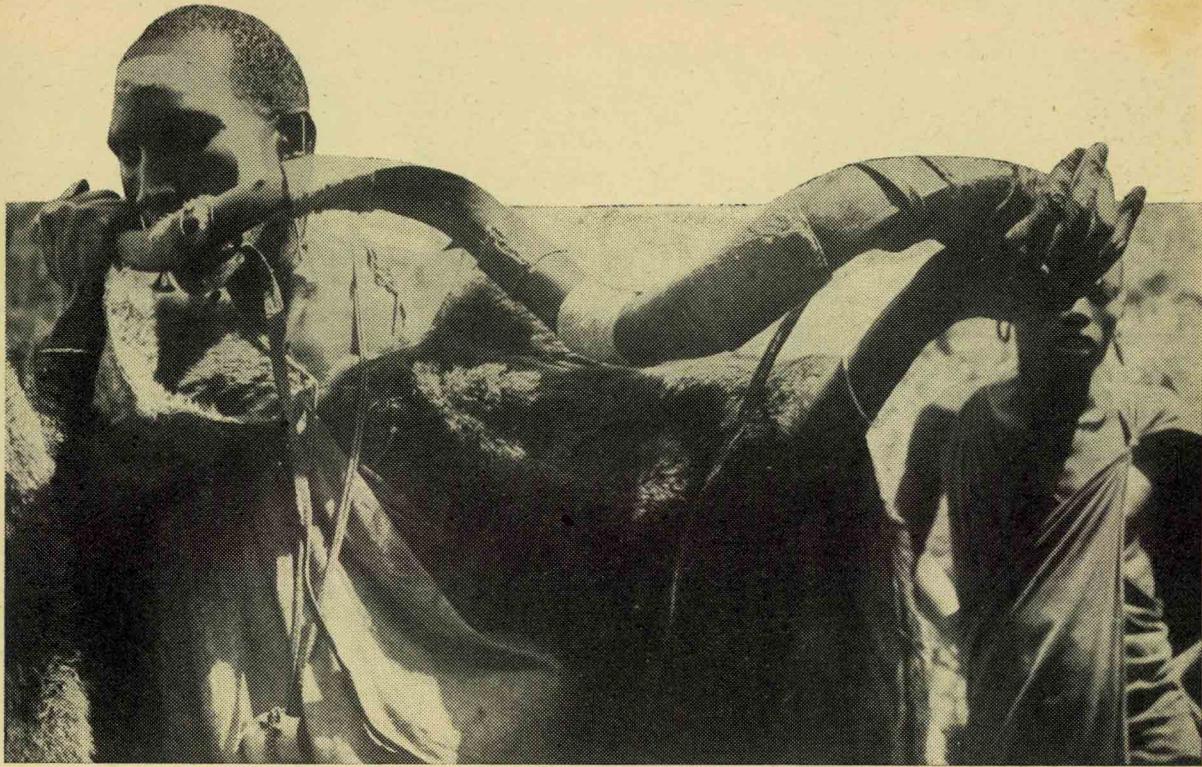
O ritual do Chifre do Boi está terminado, e é hora de dar-se o sinal para que tenham início as cerimônias de circuncisão em toda a região dos masaís. Os sinais erguem-se de dentro das florestas escarpadas de Mau, atravessam a região de Mara, infestada da terrível tsé-tsé, e penetram em Tanganyika, ecoando também nos vastos

Entre os Nativos Masaís

A TRADICIONAL CERIMÔNIA DO "CHIFRE DO BOI"

Fotos
«Camera Press»

O progresso, que vai sendo aceito vagarosamente entre os nativos de Kênia, não os fez perder ainda o gosto pelos ritos tradicionais.



Para dar inicio à cerimônia ritual, o nativo masai sopra na trompa feita de chifre. Vai começar "O Chifre do Boi".

A TRIBO masaí, «guia de turistas» de Kênia, cujo povo tem os cabelos pretos terrosos e onde os homens medem, mais ou menos, 2,10 m de altura, conta, entre as suas cerimônias rituais, uma particularmente interessante. E' quando os membros da geração masaí que deixam a adolescência são investidos do título de *morans*, termo que equivale mais ou menos ao nosso praça de pré — muito embora já faça muito tempo que a tribo não se dedica à guerra.

Trata-se de uma transferência dos jovens de um para outro grupo de idade mais avançada, e tem muita importância, por causa do seu significado especial. E' que, com a investidura dos mais jovens na categoria de guerreiros, muda-se também o conselho dos anciões, e, entre os que passam a controlar os destinos da tribo, pode esperar-se que se encontrem homens de idéias mais frescas, menos obsti-

nados e conservadores, capazes de manter o seu povo a passo certo com a marcha de Kênia, na direção do progresso.

As cerimônias têm lugar no seio das regiões selváticas de Uaso Kedong, entre as Colinas Ngong e a cratera inerte do Suswa. E' aí que fica o tradicional campo de cerimônias da seção de Kekonyukie, onde, exatamente nove dias antes de se ver pela primeira vez a luna nova, começa o vetusto ritual chamado «O Chifre do Boi».

A figura-chave da cerimônia é um boi especialmente escolhido, fato muito natural no seio de uma tribo cuja atividade mais importante é o pastoreio do gado. Segundo o costume, o boi deve ser posto a correr; depois que está a certa distância, o «ilaviok» (o futuro *maran*) sai a correr atrás, assim como todos os seus companheiros. Aquêle que primeiro alcançar e segurar o seu chifre direito é aclamado líder do novo grupo de guerreiros.

A cerimônia começa ao raiar do dia, depois de preparativos que duram uma noite inteira. São longas horas de danças primitivas, ao som de trompas feitas de chifres e de guizos presos aos pés dos dançarinos, precedendo o clímax. Quando este chega, os *ilavioks* estão de tal forma ansiosos e excitados que caem ao solo, contorcendo-se com violência. Quando a carreira maluca atrás do boi assustado chega ao fim e as coisas voltam à calma, o animal é levado para o interior da floresta e abatido, depois de intoxicado — é o toque de misericórdia — com cerveja nativa.

O ritual do Chifre do Boi está terminado, e é hora de dar-se o sinal para que tenham início as cerimônias de circuncisão em toda a região dos masaís. Os sinais erguem-se de dentro das florestas escarpadas de Mau, atravessam a região de Mara, infestada da terrível tsé-tsé, e penetram em Tanganyika, ecoando também nos vastos



A TRADICIONAL...

Conclusão

planaltos que rodeiam a base do «Ngaje Ngai» (Mórrada de Deus) — nome por que é conhecido entre os maasís o pico nevado do Kilimanjaro.

☆ ☆ ☆

Neste ponto, a leste da Redução de Amboseli, um lugar que vem atraindo turistas de todo o mundo, notam-se muitos indícios de que os maasís, embora ainda julguem a observância dos seus rituais antigos indispensável para manter a coesão da tribo, estão dispostos a alterar profundamente os seus anacrônicos métodos de criação, substituindo-os por métodos mais modernos de pecuária.

Pela primeira vez na história, esses nativos de Il Kissongo admitiram que é indispensável um controle mais eficiente, para manutenção das pastagens. O novo esquema de pastoreio adotado em Il Kissongo é, certamente, um marco significativo no progresso dos maasís, e os responsáveis diretos por elas mostram-se otimistas quanto aos seus efeitos sobre o resto dos maasís.

Em resumo, o plano, aprovado no ano passado pelo Conselho distrital dos maasís e aceito pela seção local de Il Kissongo, implica em modificações do sistema tradicio-

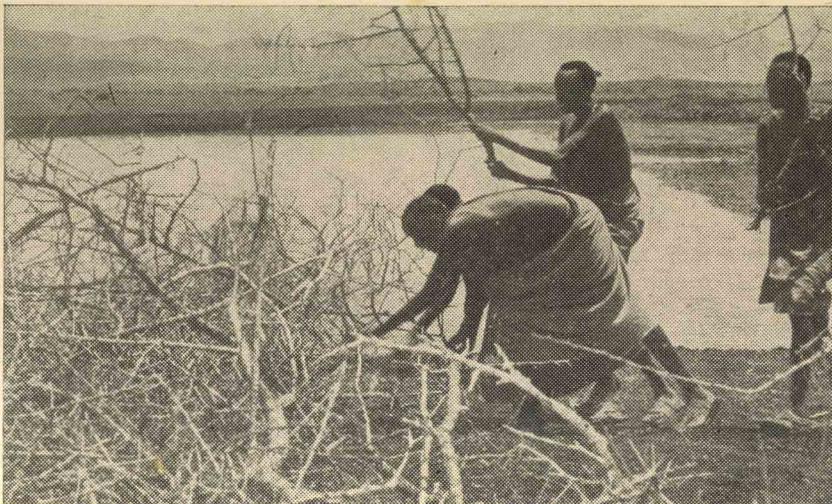
O animal tem um papel principal em "O Chifre do Boi", e é escolhido por causa da marca especial que leva na testa.

nal, de maneira a manter o gado, durante períodos maiores, dentro das zonas secas. O uso prolongado dessas regiões vai-se tornando possível com a construção de diques e açudes, possibilitando o descanso, por períodos maiores, das zonas secas que ficam à base do Kilimanjaro, e permitindo que a vegetação se refaça completamente, antes que os rebanhos estejam de volta.

Embora construída com objetivos inteiramente outros, a adutora que vai das quedas de Ol Turesh até Sultan Hamud é outro

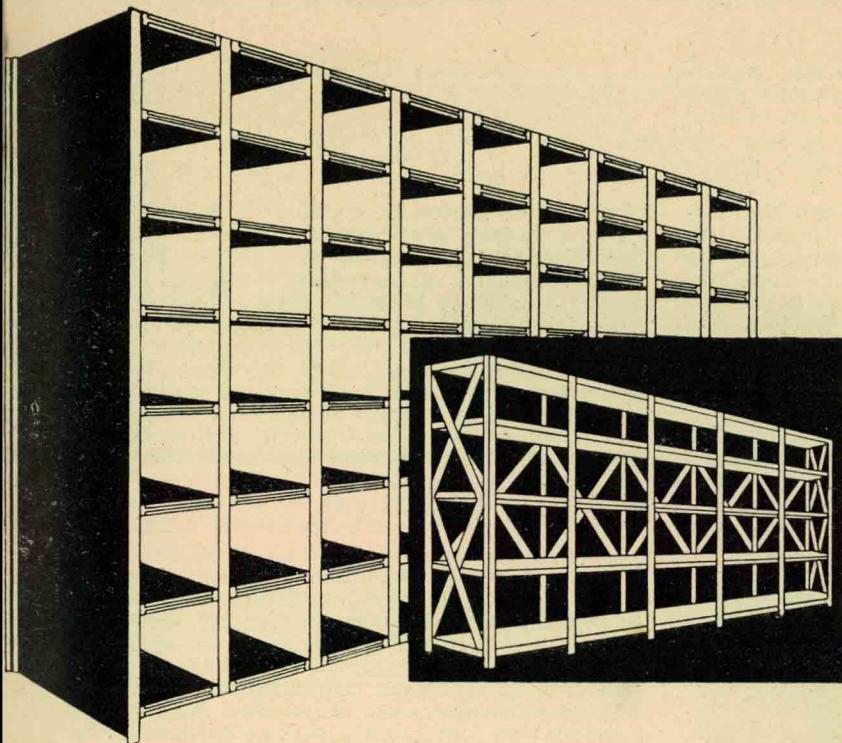
motivo dessas modificações no modo de vida desta parte da Masailândia. Generosamente, mandaram-se abrir cinco saídas na adutora, para uso do gado dos maasís, auxiliando o problema de suprimento d'água na área sujeita a secas. E os novos pontos de vista que vão sendo assumidos na seção de Il Kissongo, em Loitokitok e Amboseli, estão propagando-se bem de pressa pelas outras regiões da Masailândia. Essa é apenas outra parte da África que vai sendo atingida, aos poucos mas definitivamente, pelo progresso.

Jovens pastores maasís constroem uma palizada de galhos secos, para controlar o acesso do gado às águas do açude.



CONJUGANDO A RIGIDEZ DO AÇO ÀS CARACTERÍSTICAS
DE UTILIDADE E MODERNISMO DE SUA LINHA

S. A. TÉCNICA MURRAY

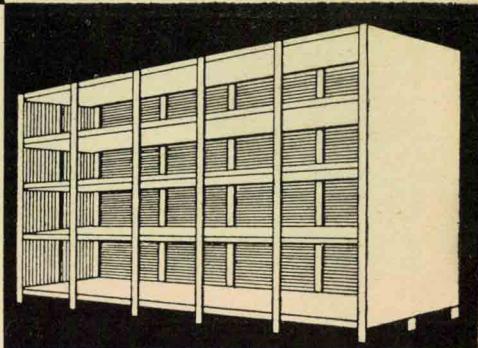


fabricantes de
Máquinas e Equipamentos
de Escritório,
Estantes, Arquivos
e Armários de Aço
para vários fins.

ESTANTES DE AÇO

MURRAY

com prateleiras ajustáveis



Sente orgulho em integrar o grande parque industrial do país, contribuindo, com a sua ampla e altamente mecanizada fábrica de Duque de Caxias, para um maior e mais evoluído sistema de instalações, em todos os setores da atividade humana.



ESTANTES DE AÇO MURRAY VALORIZAM COM O TEMPO

S. A. TÉCNICA MURRAY

DE ORGANIZAÇÃO E MECANIZAÇÃO

AV. ERASMO BRAGA, 227
32-4783 (Rede)
Rio de Janeiro

AV. IPIRANGA 1216
35-4926
São Paulo

AV. AFONSO PENA, 925
2-2649
Belo Horizonte

Ficou Louca Por

Os soberanos cristianíssimos da Espanha, Isabel de Castela e Fernando de Aragão, declinavam para a velhice, no esplendor de um império que havia conhecido estrondosas afirmações: a unificação do reino, a perseguição aos mouros, a descoberta do novo mundo. Mas Isabel, a "grande mulher", sabia que, morto seu único filho homem, o poder passaria às mãos da filha Joana e, por isso, trazia oculto no coração um grande medo.

Isabel de Castela não era mulher de tremer por pouca coisa: sempre estivera em guerra, cavalgando como um homem, com uma armadura de ferro sob o vestido, e durante o sítio de Granada, fizera o famoso voto de não tirar mais a camisa enquanto a cidade não lhe caísse nas mãos. Todavia, quando fixava o olhar perscrutador nos olhos da filhinha, sentia algo atenazar-lhe as entranhas. Era o receio de que Joana, melancólica e retraída já em tenra idade, acabasse como sua avó, Isabel de Portugal, mãe de Isabel de Castela, a qual, havia já quarenta anos, estava encerrada no castelo de Arévalo, afundando-se dia a dia nos abismos da demência, toda vestida de roupas brancas de luto.

Joana nasceu em 1479, e os Reis Católicos, ocupados em preparar-se para dar o último golpe nos árabes, não tiveram muito tempo para cuidar de sua infância. Uma infância dura, imprópria para curar as almas melancólicas, numa Espanha cheia de padres severos, de monges licenciosos, de nobres rebeldes, de mouros e de judeus carecendo de modificação. Era a Espanha do magro e terrível Torquemada. A infanta Joana tinha horror às fogueiras acesas e a inflexível Isabel teve de puni-la por causa de suas inoportunas manifestações de compaixão.

Era uma moça pálida e apática. Sabia bordar, gostava de música, conhecia o latim, mas seu físico estava privado de atrativos, seu espírito não possuía aquêles dotes que tornam a mulher agradável, e o ambiente de beataria em que fôra educada não havia, de certo, contribuído para enriquecer de graças a sua feminilidade. Uma calculada combinação dinástica fêz que, aos dezesete anos, fôsse dada como esposa a Filipe, arquiduque da Áustria, de sua mesma idade.

Filipe era, por sua vez, justamente o contrário dela. Tinha feições regulares, cabelos louros, longos e anelados, lábios proeminentes, e passou à história, não sem certo exagero, com o apelido de O Belo. Era um tipo de desportista, fisicamente ágil e resistente, alegre, superficial e indolente. Sua paixão mais viva, depois da ambição política e da elegância no trajar, era meter-se em aventuras galantes.

Partiu a infanta Joana para as Flandres, escoltada por 130 naves, no verão de 1496, para ir ao en-

contro de seu espôso. O céu, como se quisesse manifestar à princesa seus maus auspícios, mandou uma furiosa tempestade e a frota chegou dizimada ao seu destino. Milhares de marinheiros haviam morrido de frio e de fome. Joana viu Filipe e toda se abraçou: foi o clássico amor à primeira vista. Os dois jovens precipitaram-se para um sacerdote e anteciparam o mais depressa possível, não ligando ao programa que o protocolo havia fixado, a data do matrimônio. Parecia que, não obstante os cálculos políticos das duas famílias, se houvesse celebrado um casamento de amor, e parecia que Joana, rainha dos Países Baixos e herdeira provável da coroa espanhola, tivesse encerrado para sempre a sua adolescência sem sorriso para iniciar uma vida de felicidade.

Foram ao contrário, dez anos de inferno. Filipe achava a mulher insignificante e logo dela se desgostou. Joana, pelo contrário, estava mórbitamente enamorada, mas não tinha os encantos necessários para manter acovertado um homem como Filipe, que na alegre corte flamenga tinha cotidianas ocasiões de evasão. A rainha era ciumentíssima: um dia fêz uma cena com uma rival, agarrando-a pelos cabelos dourados que constituíam a vaidade da dona e cortou-os, golpeando-lhe também a cara com a tesoura. O rei, furibundo, meteu-se na briga, insultando a mulher e batendo-lhe. Tudo isso ocorria diante dos olhos estupefatos das damas e dos gentis-homens da corte.

Forte, com seu ascendente masculino, conseguia Filipe fazer o que queria, ameaçando-a, em caso de resistência, de separar-se dela, e quando a deixava sózinha por muito tempo, caía Joana em profundo abatimento ou explodia em incandescências imprevistas. Da Espanha, mandavam-lhe os pais frades para verificar se seu comportamento religioso continuava ortodoxo.

Quando Isabel deixou, ao morrer, a coroa de Castela à filha, legando a regência a Fernando de Aragão, "em caso de incapacidade da Infanta", a situação pessoal de Joana piorou igualmente. Rebenhou imediatamente entre Fernando e Filipe uma grave rivalidade, para ter nas mãos o poder deixado por Isabel, e, se o primeiro tinha interesse em fazer Joana passar por louca, a fim de poder exercitar a regência, o segundo tinha o interesse contrário pois, enquanto a mulher reinasse, manteria ele em mãos o efetivo domínio. Fernando conseguiu induzir a débil filha a redigir em seu favor um ato de renúncia, mas um servo denunciou a intriga a Filipe, que mandou fechar a rainha num aposento da corte de Bruxelas, onde nenhum dos seus fiéis servidores espanhóis podia conseguir aproximar-se dela.

Amor

Finalmente, os dois rivais encontraram-se em Salamanca e vieram a achar um terreno de entendimento, naturalmente em prejuízo de Joana, declarada incapaz pelas duas partes.

Foi por isto que, em tôdas as épocas, sempre apareceu um historiador pronto a alinhavar o romance do "mistério" da rainha Joana, declarada louca em razão de Estado e, na realidade, vítima de uma vergonhosa conjura. Há de verdade a implacável frieza com que seus parentes exploraram calculadamente as suas fraquezas, em vez de se esforçar em dar-lhe remédio. O próprio Carlos V, que passou 39 anos sem nunca ter visitado sua mãe, não está isento da suspeita de ter tirado vantagem de uma enfermidade que lhe permitia usar a coroa.

Certo é, porém, que a loucura de Joana, se também antes jamais se revelara com claros sintomas clínicos, tornou-se patente e indubitável com a morte do marido. Um fim imprevisto, dado o ambiente de sombras e de intrigas em que vivia o lar real, veio gerar tórrvas suspeitas: alguns disseram que Filipe fôra envenenado por Fernando, outros diretamente pela rainha Joana, irada por ter descoberto mais uma das infinitas traições conjugais.

Pelo contrário, as razões que, em setembro de 1506, levaram Filipe, com a idade apenas de 27 anos, a melhor vida, são outras. A vida dissoluta enfraqueceu-lhe a fibra, um fatal jarro d'água gelada, bebido enquanto estava ainda todo calorento por ter jogado bola, produziu-lhe uma daquelas febres epidêmicas que, naqueles tempos, infestavam Castela, e, em sete dias, o belo príncipe deixou este mundo. Joana, que esperava ser mãe pela segunda vez, assistiu-o, dia e noite, durante a doença, e velou-o, depois da morte, por quarenta e oito horas consecutivas, sem por um minuto sequer abandonar o cadáver. Nunca se lhe viu uma lágrima nos olhos.

A perda do marido assestou-lhe o golpe de misericórdia à mente vacilante. Após ter sido arrancado o coração para enviá-lo a Flandres, mandou embalsamar o cadáver e expô-lo por alguns dias. Depois, depositou-o na Cartuxa de Miraflores, a quatro quilômetros de Burgos, onde Joana residia. Todos os dias, dirigia-se a rainha ao túmulo, muitas vezes mandava destampar o caixão e passava longas horas junto do cadáver de Filipe, acariciando-o e cobrindo-o de beijos. Um extravagante monge cartuxo, que, no dizer de um historiador espanhol, tinha "o cérebro mais leve que uma folha seca", havia-lhe assegurado que o morto poderia muito bem vir a ressuscitar e que a coisa já acontecera no passado, com certo príncipe morto havia quatorze dias. Joana, temendo que o miraculoso acontecimento ocorresse em sua ausência, acabou por mandar

transportar o cadáver para seu aposento, colocando-o sobre um leito adrede preparado.

Mas, alguns meses depois, havendo irrompido uma grave epidemia, teve a rainha de abandonar Burgos e percorrer a Velha Castela, à procura de lugares mais saudáveis, mudando de pouso à medida que o perigo epidêmico avançava. Quis transportar consigo os restos mortais de Filipe e foi essa a viagem real mais macabra de que reza a história.

A rainha só viajava de noite, dizendo que "uma viúva, que perdeu o sol da sua alma, não deve expor-se à luz do dia". A rainha ia numa liteira, o corpo de Filipe num carro imponente puxado a quatro cavalos. O cortejo contava um longo séquito de eclesiásticos e de nobres, e era acompanhado por numerosos lacaios que iluminavam o caminho com tochas. Durante as paradas diurnas, era o esquife depositado nas igrejas e nos mosteiros e colocado num catafalco, em redor do qual um corpo de homens armados fazia guarda, com o encargo de defendê-lo sobretudo das mulheres.

O ciúme atormentava a infeliz soberana, como



quando o belo Filipe era vivo. Numa parada, o férreto foi parar no claustro de um convento que Joana acreditava habitado por monges, mas que era, ao invés, de monjas.

Apenas se deu conta do engano, ordenou que fosse transferido para campo aberto, onde acampou com todo o seu séquito, e quis abrir o caixão, para certificar-se de que os despojos não tinham sido contaminados por mãos profanas. Ia caindo a noite e o vento que soprava violentíssimo apagava as tochas, conferindo à cena um efeito lúgubre e fantástico.

Finalmente, o pai, Fernando, regularizadas suas coisas em Nápoles, voltou à Espanha e em 1509, verificada a total incapacidade da filha, encerrou-a no castelo de Tordesilhas. Os restos de Filipe foram transportados para o mosteiro de Santa Clara, contíguo ao castelo, e colocados de modo que a rainha, da sua janela, pudesse ver o sepulcro.

Joana viveu ainda 46 anos, sem nunca sair da torre de Tordesilhas. Meio século de vida sem mais história, muito embora seu nome aparecesse em todos os atos públicos junto ao de seu filho Carlos V. Os médicos de hoje dão um nome ao mal que havia transtornado a sua mente: chamam-no "estupor catatônico". Vivia na inação mais completa durante dias inteiros, descuidando o próprio corpo e em alguns raros momentos, despertava sólamente para investir com gritos e pancadas contra as servas que, segundo dizia ela, a perseguiam.

Conservou consigo, durante dezoito anos, a última filha, que nasceria diante do cadáver embalsamado do pai, sem que a mãe tivesse permitido a mulher alguma oferecer-lhe assistência ao parto, e que saiu da lúgubre torre para ser esposa do rei de Portugal. Depois, em torno de "Joana, a Louca", como douravante a chamavam seus súditos, caiu a cortina do silêncio, só interrompido em duas ocasiões: a visita dos filhos Carlos V e Leonor, que a mãe não via, desde mais de dez anos (uma visita interesseira: Carlos obteve o encargo de governar a Espanha) e, muitos anos depois, a visita de dois padres jesuítas,

mandados por Filipe II, para induzir a avó a comungar. Mas a missão malogrou-se. Joana estava agora em ruína, semi-paralítica e recoberta de chagas, e os dois religiosos recusaram-se a dar o Sacramento a quem não tinha, patentemente, faculdades de compreensão. Morreu pouco depois, a 12 de abril de 1555, na idade de setenta e cinco anos.

Quando Joana, a Louca, fechou os olhos, o filho Carlos V já estava pensando em afastar-se dos negócios de seu império. Filipe II, filho de Carlos, preparava-se para subir ao trono e D. Carlos, filho de Filipe, era um rapazinho de dez anos. Já estava nascida, portanto, aquela descendência na qual a tenebrosa monomania fúnebre, que havia herdado da avó e que fôra o motivo dominante de sua loucura, se manifestaria de novo, com particular insistência.

Tendo-se o imperador Carlos V retirado, seis meses depois do desaparecimento da mãe, para um convento da Extremadura, a fim de meditar sobre a morte, decidiu, um belo dia, fazer experiência de seus próprios funerais: mandou levantar na capela do convento um grande catafalco e, quando caíram as trevas, quis que frades e servos desfilassem, salmodiando, com uma tocha na mão, diante do caixão que continha o corpo vivo do imperador envolto numa mortalha. De dentro do esquife, Carlos cantava com os outros o ofício dos mortos, para sua própria pessoa.

Filipe II pensou na morte durante toda a vida, fechado na sombria solidão do Escurial, o imenso palácio-convento, onde só se falava em voz baixa. Moribundo, quis junto do leito uma caveira com a coroa real.

Mas onde a loucura da rainha Joana se desenca-deou completa foi na mente do bisneto D. Carlos, que sempre viveu febrilmente e colérico, e morreu ainda moço, capaz de cortar em tiras finíssimas um par de calçados que um sapateiro lhe havia estragado, mandá-las guiar e obrigar o desgraçado artífice a comê-las todas. — **Ugoberto A. Grimaldi.**

As Águas Não Lavaram o Assassínio

Conclusão da pag. 47

do rio. Quanto à mala de roupas, ajeitara as coisas para que chegassem a Albuquerque.

Prêso preventivamente, Teagle conseguiu ocultar um revólver e, logo que se viu sózinho em sua cela, pôs térmo à existência com uma bala na cabeça.

Na sua confissão, Teagle dissera à polícia onde

encontrar o que restava — a maior parte — dos 25 mil dólares de Elvira. O dinheiro estava mesmo onde ela o havia enterrado, nos fundos de sua casa. Não se sabe se, conforme o desejo de Elvira, foi ela investida numa fazenda de gado. Também não há maiores informações sobre o destino do burro.

Grandes Artistas de Nervos Gastos

Conclusão da pag. 21

xo de nosso tempo, traduz as aspirações de nossa época, seus ideais, seus dramas, seus flagelos.

Na América do Norte, os doentes mentais são treze vezes mais numerosos hoje que em 1939, quatro e cinco vezes mais na França. Nada de surpreendente, pois, se a câmara, querendo descer ao fundo dos cérebros e das almas, tenha feito quase ao mesmo tempo sua entrada nos hospitais psiquiátricos e na câmara negra dos psicanalistas. Freud e os dementes inspiram freqüentemente os cenaristas. Aceitando desempenhar êsses papéis, que supõem verdadeiros desdobramentos da personalidade, os astros assumem responsabilidades esmagadoras e, finalmente, seu êxito se volta contra êles: são vítimas, na vida, de suas personagens na tela. O cinema é mais forte do que a vida, aquela ou aquêle que êles de-

sempeñaram segue-os como uma obsessão de que não se libertam.

Obsessionada por sua personagem de esquizofrênica em "A Cova das Serpentes", Olivia de Haviland tomou a resolução de nunca mais filmar um assunto desse gênero. E quando lhe propuseram o papel de Blanche Dubois, em "Uma Rua Chamada Pecado", outra personagem de desequilibrada, recusou. Vivien Leigh aceitou o papel. Dezoito meses mais tarde, tombava, dominada por uma depressão nervosa, "Em Fôlhas do Outono", o jovem ator Clift Robertson desempenhava o papel dum estudante que, em consequência dum traumatismo psíquico, devia submeter-se a eletro-choques. O diretor Aldrich levou o escrípulo ao ponto de rodar certas cenas numa casa de saúde californiana. Abalado pelos casos

que lhe mostraram a título documentário, voltou Robertson, prisioneiro de seu papel e terminado o filme, aquela clínica de doenças nervosas, não mais como ator, mas na qualidade de doente.

* * *

Os comediantes norte-americanos são, entretanto, mais favorecidos que seus colegas franceses, no sentido de que, sumptuosamente pagos, fazem teatro ou cinema, mas raramente as duas coisas juntas. Um dos casos mais típicos do sacrifício exigido diariamente aos comediantes que exercem as duas profissões, é o de Jeanne Moreau, a Bette Davis francesa.

Desempenhava ela um papel em todo o segundo ato de "A Hora Deslumbrante", no teatro Antoine, quando, na noite da estréia, Suzanne Flon ficou afônica em meio do terceiro ato. Numa noite, Jeanne Moreau teve de aprender o papel da outra, e, no dia seguinte, representou os dois papéis, nos dois atos. Um esforço de memória nada é, entretanto, comparado com o que necessita a criação de papéis introspectivos, quando a atriz tem de descer ao íntimo de si mesma para exteriorizar na cena um drama que ela pessoalmente viveu. Foi ainda o caso de Jeanne Moreau em "Gata em Teto de Zinco Quente", em que representava uma jovem esposa cuja vida íntima com o marido resultara em fracasso total. Ora, mal saía ela dum drama análogo. "Tinha a impressão de perder meu sangue, como um animal — disse ela. — Era horrível".

Tôdas as noites, no momento de entrar em cena, o traumatismo entrava em ação. Ao fim de algumas semanas intoleráveis, sobreveio a depressão nervosa. Mas Jeanne Moreau teve a força de não se abandonar, de isolar-se nos arredores de Paris e de só ali voltar para ir ao teatro.

Mas para uma que consegue dominar seu drama pessoal pagam outras, por vezes, mais tarde, o resgate de seu triunfo. Greta Garbo, a Divina, que foi o ídolo das multidões, está sendo atualmente tratada por sofrer de agorafobia: não pode tolerar as multidões. O dramaturgo Arthur Miller desaconselhou, com tôdas as suas forças, Marilyn Monroe a representar "Os Irmãos Karamazov", tão exaustivo era o papel a ela reservado. O Sr. Kelly, pai de Grace, lançou um grito de alegria, quando o amor do príncipe Rainier arrancou sua filha dos estúdios.

Para melhor penetrar os recantos do coração humano, o cinema, monstro devorador, não hesita em arrastar seus heróis sempre cada vez mais longe nos segredos de nossa condição. Verdadeira cobaia de todos os sentimentos e de todos os dramas, o ator enfrenta hoje, em combate singular, sob o fogo dos projetores, cada uma das possibilidades que dormem no nosso inconsciente. Encarrega-se de lhes dar vida em nosso lugar, de revelá-las em plena luz na tela, de distender e de sobrecarregar até o limite da ruptura as situações e as peripécias da vida cotidiana, para nos ajudar a compreender o que elas ocultam. E os espectadores que saem em paz da sessão cinematográfica esquecem o quanto aquêle jogo trágico pode custar aos artistas que elas admiram.

Foi um austriaco, instalado nos Estados Unidos, o Dr. Moreno, que revolucionou toda a psiquiatria norte-americana, demonstrando os recursos terapêuticos do espetáculo. Inventou o psicodrama no qual os doentes contemplam suas próprias angústias interpretadas na tela, a fim de tomar delas conhecimento e vencê-las. E Moreno explica que foi na sua mocidade em Viena, que descobriu esse estranho poder do comediante assumindo, de certa forma, a carga, por algumas horas, da consciência do público. Naquela época, ele próprio era ator e interpretava os dramas mais sombrios de Shakespeare. — Yvan Sauvage.

CANTIGAS

Na minha casa, existe uma velha
[roseira]
que nunca deu uma flor.
Minha roseira tem um destino de freira:
vive, mas sem viver, sem conhecer o
[amor].

Nóbrega da Siqueira

Meu peito, outrora canteiro
Das coisas da mocidade;
Hoje é sombrio mosteiro
Enclausurando a saudade...
José Victor da Silva

Estavas tão bela e radiante!
Havia tanta ventura pela manhã azul;
que a minha tristeza, cheia de pudor,
teve vergonha e desapareceu...
Luiz Otávio

As mulheres têm espinhos
mais cruéis do que a roseira;
— com seus beijos e carinhos
nos ferem a vida inteira.
Solimar de Oliveira

Tu me deste um dia um beijo,
um beijo quase negado...
Mas caso o queiras de volta,
eu o tenho bem guardado.
Geraldo Pimenta de Moraes

O amor tormentos nos traz,
e eu, dêles, como padeço!
Busco-te, foge-me a paz;
se de ti fujo, enlouqueço!
Paulo Emílio Pinto



OLHEI espantado para Lina, quando me falou da partida de caça, e não pude deixar de exclamar :

— É uma loucura, querida ! O que vocês tencionam não tem sentido. Receio que essa viagem só lhes cause desgostos.

Lina sorriu, pacientemente :

— Não seja exagerado, Henrique. É assim que você trata suas causas no tribunal ? Não dizem sempre os advogados que se deve esperar até poder-se dispor de todas as provas ?

— Está bem, querida. Você e o Sr. Collin, seu pai, são as pessoas mais cabeçudas que conheço e tem-se de deixar vocês fazerem o que desejam. Mas, pode dizer-me porque tomaram tão inesperada decisão ? Ou é que não tenho direito de sabê-lo ?

Talvez houvesse em minha voz mais amargura do que desejava deixar transparecer. Mas que homem não se sentiria magoado quando a mulher a quem ama e por quem é amado, jurou que jamais se casaria com ele ?

Uma nuvem cruzou os encantadores olhos cintos de Lina.

— É claro que você tem direito de sabê-lo, Henrique. Pode perguntar-me

MADELYN WILDE

Ilust. de Pinho

UM ÊRRO

tudo quanto desejar, bem o sabe. Não desejaria criar nenhum mistério em torno desse assunto ! Na verdade, é o mais importante que ocorreu a meu pai desde...

A voz de Lina morreu e eu, crendo adivinhar o que ia ela dizer, apresentei-me em concluir :

— Lina, quer dar-me a entender que seu pai encontrou novas provas ? Poderá demonstrar agora sua inocência ?

Lina franziu o cenho e respondeu, com lentidão :

— Não, Henrique ! Não creio que jamais se descubra algo que permita reabilitá-lo. Mas o que me parece importante, Henrique, é que meu pai conseguiu reagir e decidiu, depois de tantos anos, esquecer, apagar definitivamente a recordação do infortúnio que lhe amargurou a metade da vida. Agora que tomou essa resolução é outro homem. E foi por isso que resolveu organizar, como nos velhos tempos, uma partida de caça, com seus amigos, o Dr. Van Horn, Roberto Haven e Raimundo Trantor.

Assenti, pensativo. O Dr. Van Horn, Roberto Haven e Raimundo Trantor eram as três pessoas que estavam com o pai de Lina... naquele dia aí, e que se mantiveram ligadas a ele durante o julgamento e o encarceramento que sofreu. Mas quando Collin saiu da prisão se afastou deles e de todas as suas antigas amizades.

— Está bem, Lina — disse, finalmente. — Acompanhá-los-ei à partida de caça, embora pergunte a mim mesmo para que necessita de mim seu pai.

Lina pôs-se a rir.

— Porque papai necessita de mim, meu caro, e sabe que não irei sem você. Esta é a única razão. Além disso, creio que meu pai sente grande simpatia por você e talvez espere que eu...

Lina mordeu os lábios e ruborizou-se como uma menina. Eu acabei por ela :

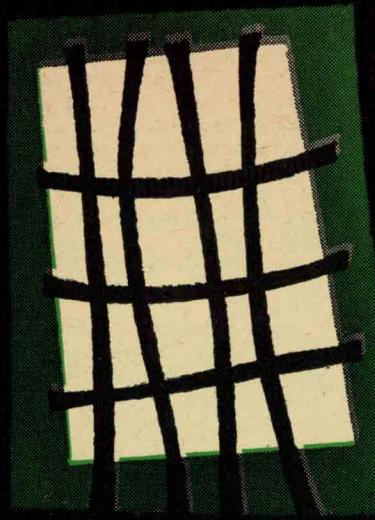
— Espera que não seja você tão obstinada e se decida a casar comigo ! Lina, é verdade que não o desiludirá ?

O rosto de minha amada ensombreceu-se.

— Rogo-lhe que não me fale mais desse assunto, Henrique.

Naquela noite, enquanto limpava e lubrificava minha espingarda, lembrei-me do que havia ocorrido anos antes.

Havia quinze anos, o juiz Jerônimo Collin tinha regressado à sua casa do campo, depois de uma caçada, acompanhado de seus inseparáveis amigos, o



JUDICIÁRIO



Dr. Van Horn, Roberto Haven e Raimundo Trantor. Tinham-se conhecido os quatro no quartel e sua comum afeição pela caça mantivera-os unidos desde então. Terminado o serviço militar, cada qual havia seguido seu caminho. Collin chegou a ser membro respeitado da magistratura; Roberto Haven dedicou-se ao comércio, alcançando, ao cabo de alguns anos, uma posição desafogada; Van Horn terminou seus estudos de medicina e especializou-se em psiquiatria, e Raimundo retornou à sua vida modesta nos seus amados bosques e montanhas da Pensilvânia, onde cultivava o campo e servia de guia nas partidas de caça.

E os quatro amigos se reuniam todos os anos para caçar.

Daquela vez haviam regressado juntos à casa do juiz Collin, que os convidou para passar o fim de semana com ele. Naquela noite, depois que todos se tinham retirado para seus respectivos aposentos, recebeu o juiz Collin uma visita.

Eu havia percorrido detidamente o processo judiciário, procurando encontrar algum indício que houvesse passado despercebido à defesa. A tal ponto conhecia os pormenores do caso que podia imaginar a cena que se desenrolara no escritório do juiz Collin, tão vividamente como se tivesse sido dela testemunha. Via Collin, alto, robusto, com sua bela cabeça de fronte ampla, parado diante do homenzinho de olhar fúgido, que, antes de falar, abriu cuidadosamente uma carteira para que o juiz visse um grosso maço de notas e, depois de olhá-lo fixamente, sussurrou, insinuante:

— Serão todos seus, senhor juiz... cem mil cruzeiros, se o senhor conduzir o processo de certa maneira... Só tem que fazer o que faria qualquer juiz inteligente e hábil. Meus amigos saberão se o senhor ganhou esse dinheiro.

Podia ver o juiz Collin ficar rubro de cólera ao mesmo tempo que, com um murro, derrubava o homenzinho que caia inconsciente diante da lareira, e via-o, igualmente, levantando e conduzindo o subornador até à porta, donde o atirou para o caminho coberto de neve.

No dia seguinte, foi o homem encontrado morto diante da casa do juiz Collin e a seu lado se achou a carteira, mas vazia. Os fatos, tais como os referiu o próprio Collin, o condenavam. O homem estava com o crânio fraturado, ao que parecia em consequência do golpe sofrido ao cair contra os ferros da lareira, e o di-

nheiro tinha desaparecido. Se Collin não tivesse assegurado perante o tribunal que a carteira continha aqueles maços de dinheiro, não teria sido a sentença tão severa. Ninguém, certamente, lamentava a morte de um homem sem escrúpulos. Mas Collin jurou que havia visto aquêle dinheiro e este faltava.

O juiz Collin foi condenado à prisão e sua carreira ficou truncada para sempre.

Seus amigos testemunharam que era um homem reto e que sua conduta sempre fora irreprechável. Mas o júri se mostrou inflexível e declarou Collin culpado.

A desgraça parecia ter-se abatido sobre o lar de Collin, porque, pouco tempo depois de haver ele saído da prisão, morreu sua mulher, deixando-o só com uma fi-



lhinha, Lina. Convertido num homem amargurado e solitário, consagrou-se Collin inteiramente à educação da menina, empenhando-se em proporcionar-lhe tudo quanto pudesse ela desejar. Para conseguir isso, dedicou todas as suas energias a abrir para si novo caminho, de tal maneira que ao cabo de alguns anos conquistou posição desafogada. Mas o que nunca pôde dar à sua filha foi a autêntica alegria. Quanto a seus velhos amigos, jamais quis tornar a vê-los, apesar de manter Lina relações com eles, estimando-os grandemente. Entretanto, procurava Collin, incansavelmente, novas provas para demonstrar sua inocência e, como não as encontrasse, seu retraiamento mais se acentuava.

E o lamentável no caso era que Lina não queria casar-se comigo porque receava prejudicar-me. Era eu um advogado que aspirava a entrar para a magistratura e estava ela convencida de que o nome de seu pai poderia travar minha carreira.

Partimos na manhã seguinte muito cedo. Viajava eu no carro de Lina. O Dr. Van Horn e Roberto Haven iam no automóvel do juiz Collin, que este mesmo dirigia.

Lina manobrava com a frente contraída e o olhar cravado no caminho. Contemplei seus cabelos ruivos, seu formoso e fino perfil, suas mãos hábeis e nervosas e senti estranha angústia. Pensei então nos homens que vinham no outro carro.

Pensei sobretudo em Roberto Haven, de quem, por outra parte, sempre me lembrava quando tornava a rever os autos do processo Collin. Na época do julgamento, ganhava ele modestamente a vida com sua pequena loja de artigos rurais. Depois havia juntado fortuna. Teria estado ele acordado naquela noite, havia quinze anos passados?

Raimundo Trantor nos aguardava todo sorridente, à porta de sua velha e cômoda casa de campo. Depois de cumprimentar-nos, informou-nos de que a caçada prometia ser excelente, pois havia indícios de que naquela época havia cervos em quantidade nos bosques da região. Anunciou que na manhã seguinte começariamos a caçada.

— E hoje poderão descansar das fadigas da viagem — disse.
— Comeremos e conversaremos ao calor da lareira.

Guardamos nossas armas numa coberta que Raimundo Trantor havia construído detrás da casa e, como se pode imaginar, todos comentamos, em tom de brincadeira, nossa destreza de atiradores, desafiando-nos a demonstrá-la no mesmo momento. Dêsse improvisado concurso saiu vencedor o dono da casa, o que não era de surpreender visto ser um homem dos bosques. Mas, na verdade, todos os competidores eram muito destros no manejo das armas de fogo, como o provaram naquela oportunidade.

Depois sentamo-nos à mesa e devoramos os deliciosos manjares que o próprio Raimundo Trantor havia cozinhado para nós. Como lhe lançássemos algumas pilhérias a propósito de suas habilidades culinárias e de sua empiedernida solteirice, replicou:

— Nunca encontrei a mulher que desejava para companheira. Por isso preferi arranjar-me sózi-

nho, convencido, além do mais, de que nenhuma moça poderia adaptar-se a esta vida rudimentar que levo.

Tínhamos acabado a refeição e estávamos sentados ao lado do fogo, quando Collin começou a falar:

— Suponho que vocês se hajam interrogado por que lhes pedi que me acompanhassem nesta viagem... ao fim de tantos anos. Bem, todos conhecem a causa de meu longo retrairo. Vivi amargurado porque me mandaram para a prisão, não tanto por ter matado um homem, se bem que o tivesse feito accidentalmente, mas por ter roubado um dinheiro que jamais estive em minhas mãos. Durante todos estes anos, gastei tempo e energias, procurando algum indício que me permitisse descobrir o verdadeiro culpado. Bem: minha busca terminou, meus amigos. Esta noite escreverei a derradeira página de uma longa e desditsa história.

Fêz-se um silêncio profundo na sala. Lina olhava para seu pai com um terno sorriso. Eu observava o resto do auditório, perguntando a mim mesmo como receberiam aqueles três homens a notícia de que seu velho amigo tinha decidido esquecer o passado. Tive a impressão de que a atmosfera se achava carregada de estranha expectativa, quando Collin abriu a boca para prosseguir seu discurso. Mas naquele momento ouviu-se um ruído violento, como se algo acabasse de derrubar-se lá fora. Levantamo-nos todos de um salto e corremos para as janelas. Raimundo Trantor pôs-se a rir.

— Foi um galho morto que caiu. Deveria tê-lo cortado há tempos. Suponho que se quebrou sob o peso da neve. Mas caiu muito perto dos automóveis. Será melhor estacioná-los num lugar mais seguro, porque a árvore está podre e pode quebrar-se outro galho.

Seguimos o conselho de Trantor, que gritava para nós suas instruções do amplo alpendre. Mas embora os faróis dos automóveis fôssem potentes, não era fácil mantermos o caminho.

— Cuidado! — gritou de repente Raimundo, correndo e pulando para o estribo do automóvel que era no momento conduzido por Collin por um declive até uma espécie de esplanada. O veículo, dirigido pelo próprio Raimundo agora, virou bruscamente para a esquerda e parou. Momenos depois os dois homens entravam na casa.

— Naquele local há uma pedreira abandonada — explicou Raimundo. — A elevação do ter-

reno a oculta até que se chegue à beira da mesma. É um lugar particularmente perigoso no inverno. Eu mesmo coloquei um poste para que me servisse de guia: é preciso dobrar para a esquerda do marco, do contrário corre-se o risco de precipitar o carro na pedreira.

Quando nos tornamos a reunir em torno da lareira, começou Raimundo a falar da caçada e dos planos que tinha traçado para nós. Era indubitável que havia adivinhado que seus hóspedes se sentiam um tanto constrangidos; sabia que todos compreendiam muito bem os sentimentos de Collin e que era melhor não insistir num assunto que a ninguém agradava. Logo a conversa devolveu para outros temas, de modo que não teve Collin oportunidade de continuar o pequeno discurso interrompido pela queda do galho.

No dia seguinte, tirou-nos Raimundo da cama, quando começava a amanhecer. Levantei-me protestando, dizendo a mim mesmo que não tinha vocação de caçador e que sómente por amor a Lina podia fazer semelhante sacrifício. Felizmente, uma xícara de café forte, o sorriso de Lina e um par de ovos fritos com presunto dissiparam meu sono e meu mau humor.

Saímos e nos internamos no bosque. Raimundo já havia escolhido os lugares onde nos colocaríamos; tinha marcado um local onde os veados costumavam passar a noite e acreditava que poderíamos pelo menos caçar uma presa. Advertiu-nos de que em momento nenhum abandonássemos nosso posto, enquanto não fizesse ele ouvir o sinal convencionado. Fui eu o primeiro a ficar no lugar que me indicou. Os demais seguiram Raimundo. Sabia que Lina se achava postada quase defronte de mim, mas fora do alcance de minha vista. Collin estava à minha esquerda; o doutor colocou-se à esquerda de Lina e Haven entre mim e ele. Mas nenhum dos componentes da caçada podia ver o outro. Durante a manhã, que me pareceu interminável, só vi um coelho e teria desejado disparar contra ele à falta de outra coisa, pois não divisei nenhum animal digno de minha pontaria. Em dado momento, pareceu-me ouvir uns disparos longínquos, mas não me causou isso estranheza, sabendo que havia outros caçadores no bosque.

Por fim ouvi o sinal de Raimundo. Entumescido e faminto, voltei ao lugar que nos havia indicado para reunir-nos. O Dr. Van Horn e Roberto Haven che-

(Conclui na pag. 80)

Jóx



resolve
os problemas
da lavagem
da sua roupa



Produtos da:

COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO



Um dos penteados «Envolée» de Fernand Aubry.
(Foto G. Dambier).

Um dos penteados tipo
«One Step» de Fernand
Aubry. (Foto G. Dambier).

«BELLE AMIE» E «FEMME CHARMANTE»

OLGA OBRЫ

Paris (Via Panair)

Assim como a moda, o penteado está atualmente procurando inspirações nos anos de 1925-30. Mais uma vez verifica-se, porém, que nada na moda se repete, pois inspirar-se e copiar servilmente não é a mesma coisa. A linha «Belle Amie» — linda amiga — interpretada em mil variações pelos grandes cabeleireiros parisienses é muito mais feminina e graciosa do que o penteado da «garçonne» de há trinta anos atrás. É tratada em largas ondas «inchadas», às vezes com franjinha levemente ondulada, aureolando o rosto e suavizando a austeridade do «vestido saco». O cabeleireiro «visagiste» Fernand Aubry chama seu novo estilo «Femme Charmante» — mulher encantadora. Foi, aliás, Aubry quem lançou, desde há cinco anos, a moda do penteado «inchado». Seu corte permite variar o penteado do dia («One Step») para o da noite («Envolée»), arrumando de um modo diferente o comprimento do cabelo que é de 5, 7 e 10 centímetros. Enquanto que o penteado «One Step», simples e liso, lembra a moda de 1925, «Envolée» leva-nos ao século XVIII, com suas cabeleiras caprichosamente encaracoladas.



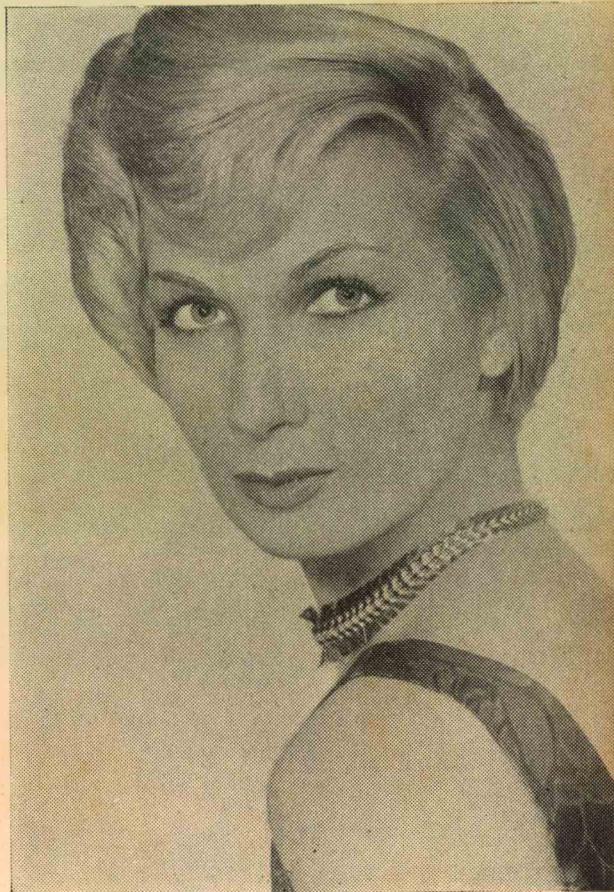


«BELLE AMIE» E FEMME CHARMANTE»

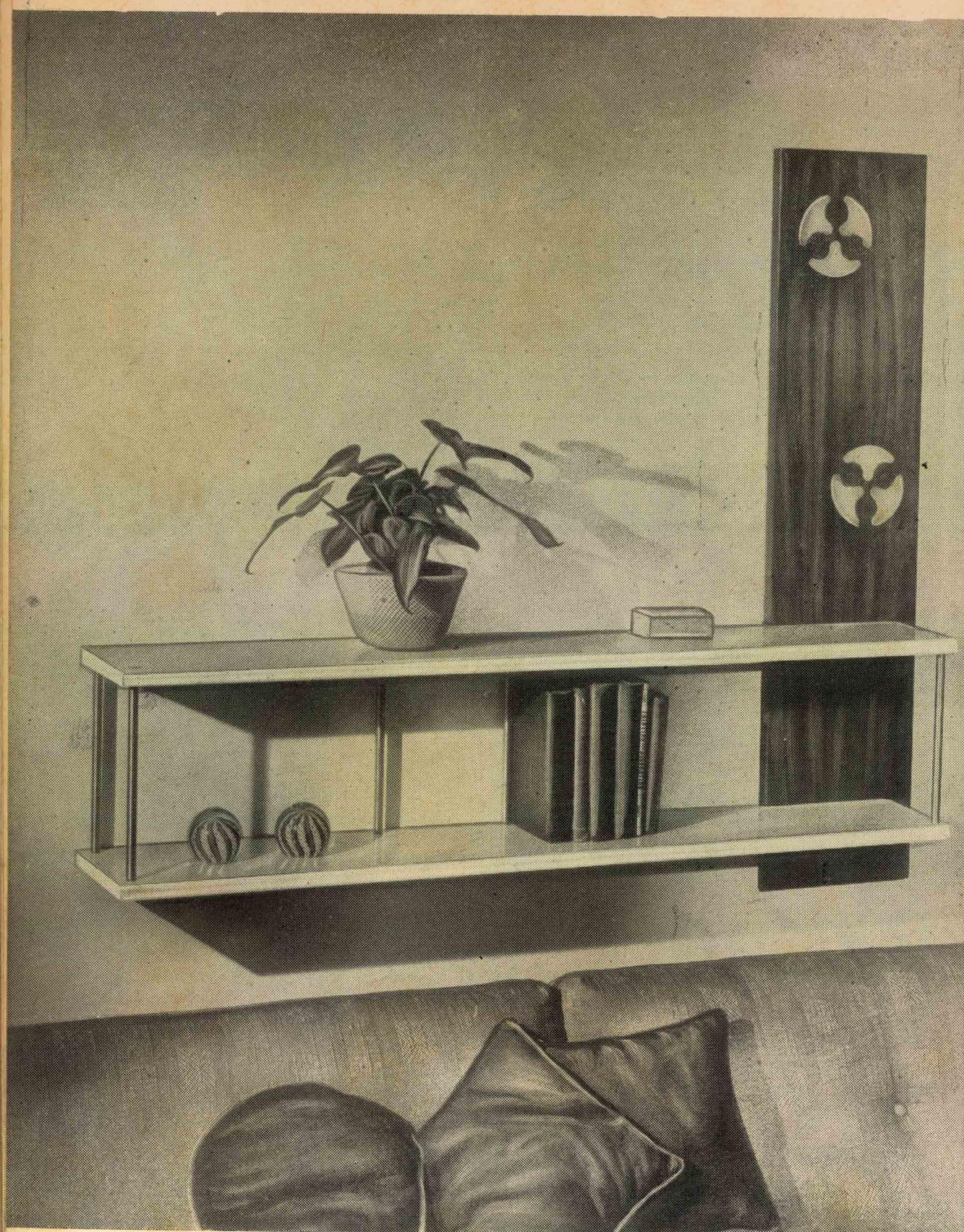
Para ser usado com um penteado «Belle Amie», de franjinha partida ao meio, Lola Prusac criou este bonné de rête negra, com fita tecida à mão, em marron, preto e ouro.

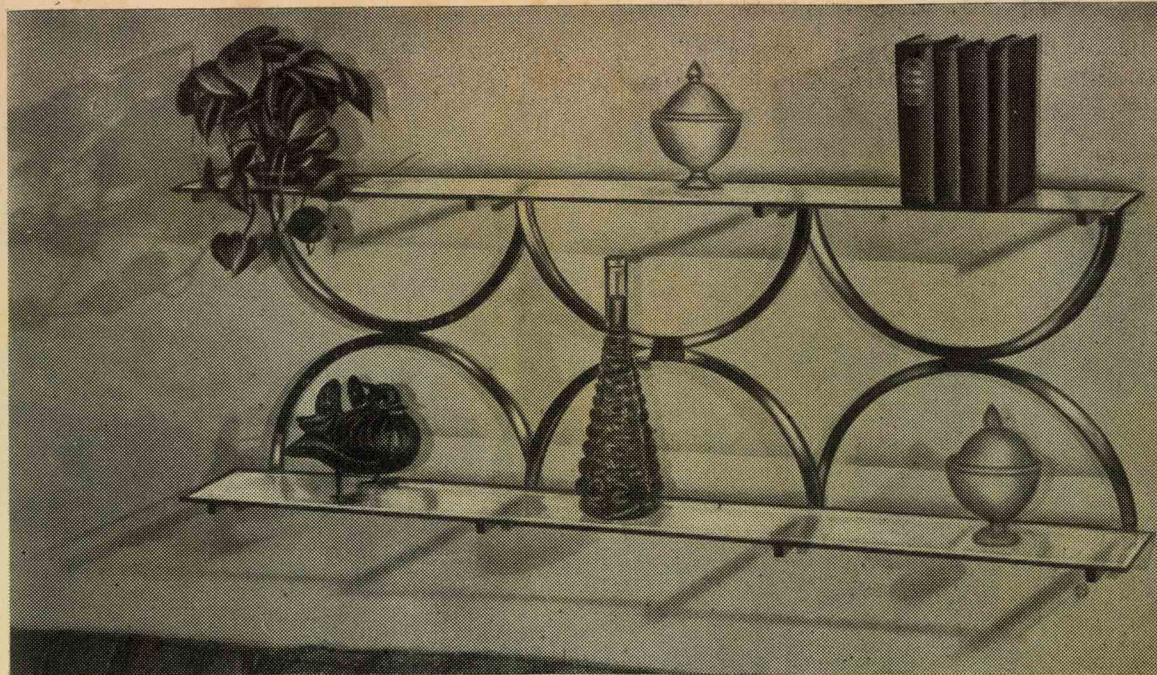


Penteado «A la Greta»
de Isabelle Lancray.
(Foto
Muret-Berhaut).



Penteado «A la
Marlène» de Isabelle
Lancray. (Foto
Muret-Berhaut).





Plástico e madeira combinam-se, nesta estante de parede, de mais de um metro de comprimento. Note-se como fica bem a prancha de madeira escura, em contraste com o plástico das prateleiras. As guarnições metálicas são feitas de bronze polido.

Semi-círculos de bronze, compondo um belo desenho, servem de fundo para esta estante com prateleiras de vidro. Sem dúvida, um belo ornamento para compor uma parede mais ampla numa sala ou mesmo num quarto.

ESTANTES DE PAREDE: NOVIDADES

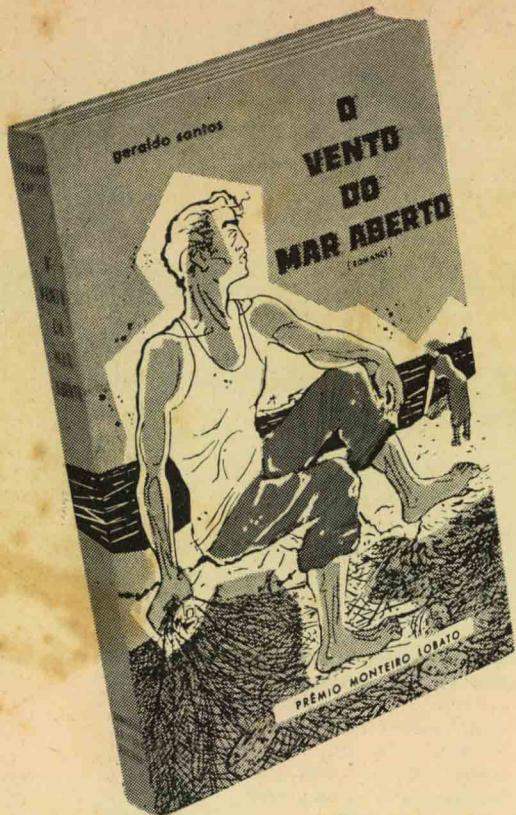
UMA estante é peça de grande importância na decoração de um ambiente. Por si mesma e pelas coisas que nela são colocadas. Peças decorativas numa graça sem graça fazem quase o mesmo efeito que peças sem graça numa estante altamente decorativa. Por isso, convém estudar bem o caso, ao escolher umas e outras.

Aqui está o que poderemos chamar de «new-look», em matéria de estantes bonitas, leves, funcionais. Os desenhos são modernos, simples e bonitos, combinando muito bem com o do mobiliário.

rio em voga, hoje em dia. E um dos materiais empregados — o plástico laminado — oferece numerosas vantagens. Uma das estantes apresentadas combina, aliás, o plástico e a madeira, aquela de cor clara, esta mais escura, tendo ainda uma interessante guarnição de metal.

Também há estantes de vidro e bronze, como a outra que aparece nestas páginas. O bronze forma um fundo decorativo para as prateleiras de vidro, formando os dois uma combinação harmônica.

UM LEGÍTIMO SUCESSO LITERÁRIO!



O VENTO DO MAR ABERTO, de Geraldo Santos, arrebatou de modo brilhante, indiscutível, o recente Prêmio «Monteiro Lobato». Sua história, tocando fundo nossa sensibilidade, tem por cenário as belas e selvagens praias do litoral paulista, e é profundamente humana e comovente: é a história crua, dramática, forte, de uma paixão primitiva e pura em choque com o elemento humano de uma sociedade estruturada nos artificialismos e na impiedade da civilização das grandes cidades.

Vol. ilustrado Cr\$ 100,00

☆

À VENDA EM TÓDAS AS LIVRARIAS

Reserve ainda hoje o seu exemplar ou peça-o pelo serviço de Reembolso Postal da

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 97 — Rio
Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

SUGERIDA AO GOVÉRNO

A melhoria de vencimentos, objeto de memorial da Casa dos Funcionários — O documento, já encaminhado ao Secretário das Finanças, critica o DAG e menciona disparidades e injustiças — Variam os aumentos pleiteados de 32% a 66,66%.

Em 29 de dezembro de 1958, a Casa dos Funcionários de Minas endereçou ao Sr. Tancredo Neves, Secretário das Finanças, um memorial, em que aponta 12 categorias de servidores que já se beneficiaram com majoração de seus vencimentos, a partir de 1º de janeiro do corrente ano, além de tecer outras considerações.

Embora hospitalizado, porquanto submeteu-se à delicada intervenção cirúrgica, o Sr. Ulisses Silva, Presidente da entidade, dirigiu a S. Ex^a, novamente, em data de 14 de janeiro p. p., um longo memorial em que historia a situação de desigualdade que impera no seio da classe, no que tange à sua remuneração.

Examinou, à base de elementos históricos, a condição de algumas classes de servidores, para apontar disparidades e injustiças e verbera as vinculações, que levaram os técnicos do DAG e outros servidores à percepção do vencimento mensal de Cr\$..... 27.750,00 e o diretor do Departamento à remuneração de Cr\$ 36.000,00 mensais, superior à de um secretário de Estado.

REIVINDICAÇÕES

Clamando por justiça e fazendo um apelo patético em favor dos inativos, sintetiza, assim, suas reivindicações :

a) — atribuição dos vencimentos constantes da tabela anexa, aos servidores públicos do Estado, retroagindo sua vigência a 1º de janeiro de 1959, a fim de que o princípio constitucional da igualdade de todos perante a lei, não sofra distorção;

b) — criação dos símbolos C-1, C-2, C-3 e C-4, para classificação dos titulares dos cargos de direção e de chefia, adotados os padrões de remuneração nêles consignados, a fim de que seja restabelecido o princípio de hierarquia, que vem sendo solapado constante e sistematicamente, com graves prejuízos para o serviço público;

c) — equiparação dos inativos aos funcionários em atividade, atribuindo-se-lhes vencimentos iguais aos padrões que lhes correspondiam na atividade;

d) — restabelecimento do critério percentual para atribuição do abono-família e o aumento de 1%, anualmente, até atingir o limite de 10% sobre o vencimento, por dependente;

e) — aumento progressivo da gratificação quinquenal, na proporção de 1%, anualmente, até atingir, também, o limite de 10% sobre o vencimento, percentagem atribuída ao magistério;

f) — desvinculação dos padrões de vencimentos dos servidores que obtiveram tais vantagens — de caráter liberalíssimo — com base na remuneração que é atribuída à Magistratura;

g) — cumprimento imediato do princípio legal que determinou a reclassificação de cargos e funções, ou sua revogação, — o que parece mais lógico e acertado — de tal dispositivo.

TABELA

Conclui encaminhando, anexo ao memorial, a tabela que a seguir publicamos e que é, assim, comentada no item 25 do memorial.

«Como mais uma contribuição da Casa dos Funcionários de Minas para solução do problema do momento — a melhoria de vencimentos do funcionalismo — oferecemos a V. Ex^a, a tabela a que de início nos referimos, que não sendo a que consubstancia a remuneração ideal, por ser calculada em bases modestas, aproxima-se, entretanto, das realidades financeiras do Estado e das possibilidades do Tesouro».

UMA TABELA DE REAJUSTAMENTO

Isolados	CARGOS Suplementares	Carreira	Referência Salários	Remuneração atual	Remuneração futura	Perc. %
I— 1	S— 1	A	I	3.300,00		
I— 2	S— 2	B	II	3.300,00		
I— 3	S— 3	B	III	3.300,00		
I— 4	S— 4	—	IV	3.300,00	5.500,00	66,66
I— 5	S— 5	E	V	3.300,00		
I— 6	S— 6	—	VI	3.300,00		
I— 7	S— 7	F	VII	3.400,00		
I— 8	S— 8	—	VIII	3.600,00		
I— 9	S— 9	G	IX	3.700,00		
I— 10	S— 10	—	X	3.800,00		
I— 11	S— 11	—	XI	3.900,00		
I— 12	S— 12	—	XII	3.950,00		
I— 13	S— 13	H	XIII	4.100,00		
I— 14	S— 14	—	XIV	4.150,00		
I— 15	S— 15	—	XV	4.200,00		
I— 16	S— 16	I	XVI	4.250,00		
I— 17	S— 17	—	XVII	4.400,00		
I— 18	S— 18	J	XVIII	4.450,00		
I— 19	S— 19	—	XIX	4.500,00		
I— 20	S— 20	—	XX	4.550,00		
I— 21	S— 21	K	XXI	4.700,00		
I— 22	S— 22	—	XXII	4.800,00		
I— 23	S— 23	—	XXIII	4.910,00		
I— 24	S— 24	L	XXIV	5.040,00		
I— 25	S— 25	—	XXV	5.260,00		
I— 26	S— 26	—	XXVI	5.400,00		
I— 27	S— 27	M	XXVII	5.500,00		
I— 28	S— 28	—	XXVIII	5.600,00		
I— 29	S— 29	—	XXIX	5.820,00		
I— 30	S— 30	—	XXX	5.940,00		
I— 31	S— 31	N	XXXI	6.000,00		
I— 32	S— 32	—	XXXII	6.180,00		
I— 33	S— 33	—	XXXIII	6.400,00		
I— 34	S— 34	—	XXXIV	6.520,00		
I— 35	S— 35	O	XXXV	6.640,00		
I— 36	S— 36	—	XXXVI	6.760,00		
I— 37	S— 37	—	XXXVII	6.980,00		
I— 38	S— 38	—	XXXVIII	7.100,00		
I— 39	S— 39	P	XXXIX	7.200,00		
I— 40	S— 40	—	XL	7.300,00		
I— 41	S— 41	—	XLII	7.500,00		
I— 42	S— 42	—	XLIII	7.600,00		
I— 43	S— 43	—	XLIV	7.700,00		
I— 44	S— 44	Q	XLV	7.800,00		
I— 45	S— 45	—	XLVI	8.000,00		
I— 46	S— 46	—	XLVII	8.100,00		
I— 47	S— 47	—	XLVIII	8.200,00		
I— 48	S— 48	—	XLIX	8.300,00		
I— 49	S— 49	R	L	8.500,00		
I— 50	S— 50	—	LI	8.700,00		
I— 51	S— 51	—	LII	8.800,00		
I— 52	S— 52	—	LIII	9.000,00		
I— 53	S— 53	—	LIV	9.100,00		
I— 54	S— 54	S	LV	9.200,00		
I— 55	S— 55	—	LVI	9.300,00		
I— 56	S— 56	—	LVII	9.500,00		
I— 57	S— 57	P	LVIII	9.600,00		
I— 58	S— 58	—	LIX	9.700,00		
I— 59	S— 59	U	LX	9.800,00		
I— 60	S— 60	V	LXI	10.200,00		
I— 61	S— 61	W	LXII	10.400,00		
I— 62	S— 62	X	LXIII	10.700,00		
I— 63	S— 63	Y	LXIV	11.200,00		
I— 64	S— 64	Z	—	11.700,00		
			—	12.220,00		
			—	12.700,00		
			—	13.300,00		
			—	13.600,00		
			—	13.850,00		
			—	14.250,00		
			—	14.950,00		
			—	15.550,00		
			—	16.250,00		
			—	16.850,00		
			—	17.550,00		

NOVOS PADRÕES PROPOSTOS

C—I	Chefe de Secção	28.000,00
C—II	Chefe de Serviço e de Divisão	30.000,00
C—III	Chefe de Departamento e Tesoureiro Geral	32.000,00
C—IV	Chefe de Departamento Autônomo e Contador Geral, Diretor da Secretaria das Finanças, inclusive Diretor da Imprensa Oficial	36.000,00

Os vencimentos superiores ao padrão I—64 terão um aumento de 25% (vinte e cinco por cento).



BAZAR
feminino

Seja Bela Em Qualquer Ocasião

DIZEM que mudar de opinião é um privilégio da mulher e, a esse pensamento, acrescentaríamos que, mudar também a sua aparência constitui um privilégio seu, que não deve, de modo algum, ser relegado a um plano secundário. As moças que mais provocam elogios são justamente aquelas que estão sempre procurando apresentar-se de maneiras diferentes em diferentes oportunidades, como se houvesse várias pessoas atraentes ocultas por detrás dos seus brilhantes olhos e dos seus belos sorrisos. E' o velho truque da sedução feminina — parecer sempre mais nova, sempre mais atraente e sempre mais fascinante! E' qualquer moça pode fazer isto perfeitamente.

As três jovens que apresentamos nas fotos, são na realidade uma única moça, que teve o cuidado de fazer-se bela e fascinante em três diferentes ocasiões. E, para isto, não usou ela coisa alguma que escape à possibilidade de as leitoras usarem também. Tudo o que ela utilizou para o seu trabalho de embelezamento foi: um boa escova de cabelo, um pente, cosméticos necessários à maquilagem e uma boa dose de bom gosto e de brilhante imaginação.

E' preciso que se tenha em mente que um rosto não é uma coleção imutável de caracteres. E' perfeitamente admissível a impossibilidade de se lhe mudar a

1 — A moça fora de casa

Simples, saudável e impecavelmente bem cuidada, esta é a jovem que qualquer rapaz teria imenso prazer em ter como companheira para um passeio ao ar livre. Parecer naturalmente bela, quando se está longe do borborinho da cidade, é um grande feito, e os rapazes têm profunda admiração pela moça que não perde a classe no momento em que deixa o asfalto. Mas essa aparência natural não nasce nas árvores. Ela demanda certo cuidado, traduzido pela aplicação de um pouco de creme-base; nada de pó! Se o dia promete ser de ventania e se a pele é muito fina, uma leve camada de loção protetora, colocada sob a base, previne-a contra as intempéries.

A maquilagem dos olhos deve ser reduzida ao mínimo e, para os lábios, deve-se usar um «báton» cuja cor se aproxime do natural. O cabelo bem escovado e preso por uma fita, além de dar uma ótima aparência, é muito mais prático, pois um penteado trabalhoso não seria próprio para a ocasião, mesmo porque não se conservaria durante muito tempo.

estrutura óssea ou a cor dos olhos; mas um penteado novo e harmonioso e uma maquilagem cuidadosamente bem feita podem operar maravilhas! Uma simples alteração no penteado é capaz de mudar completamente o formato do rosto, e por isto, é bom que se evitem os penteados que acentuam muito as curvas das bochechas ou que dêem ao rosto um ar dramático ou de sofisticação.

Passemos à maquilagem. Quanta diferença faz uma jovem, quando ela se apresenta bem maquilada! Sua pele, levemente colorida, e os seus olhos brilhantes constituem um atestado vivo da sua beleza!

Um outro pormenor que não deve ser desprezado é o uso de uma suave água-de-colônia durante o dia e de um perfume suave também, porém um pouco mais ativo, à noite.

Harmonizando a sua aparência com qualquer atividade que desempenhe, uma jovem pode tornar-se uma encantadora companhia para todas as horas e para qualquer circunstância. Lógicamente, isto implica em um pouquinho de trabalho, mas a recompensa será um olhar de admiração do sexo oposto, dizendo com tédia a certeza: — «Realmente nunca vi criatura tão bela assim! Acho mesmo que no mundo não existe outra igual!»

3 — Adorável à noite

E' por uma beleza desta que o jovem se sente irresistivelmente enamorado e é ao seu lado que ele se sente orgulhoso e cheio de si.

À noite, quando se têm sempre reuniões elegantes,

o penteado deve ser feito com o máximo de bom gosto possível.

Sejam os cabelos curtos ou compridos, há sempre um sem-número de recursos para se fazer um bonito penteado.

A maquilagem para esta ocasião deve ser bem mais viva do que a usada durante o dia.

Não de se deve esquecer do sombreado para os olhos, nem do «báton» de côr bem viva.

E, finalmente, não se deve esquecer de que um bom perfume completará o brilho da sua atração.



2 — Encantadora durante o dia

Limpo e suave ! eis o «slogan» d'este rostinho atraente, que encontra um mundo de admiradores no trabalho, em casa, indo às compras ou visitando os amigos !

Para um resultado tão positivo, é preciso que se use a maquilagem com a devida moderação, lembrando-se de que é o seu efeito que deve aparecer e não ela própria. Combine a base e o ruge, procurando obter uma massa fina, e espalhe-a com a ponta dos dedos. Escolha um sombreado não muito grave para os olhos. Cinza, cinza-azulado ou verde pálido são os melhores para serem usados durante o dia, e o «báton» deve estar em harmonia com o ruge.

O penteado para estas horas também deve ser levado em consideração. Quando os cabelos são curtos, não há, praticamente, problema algum, pois, tratados regularmente, com um bom xampu, e escovados com frequência, conservam-se sempre bonitos. Mas os cabelos compridos, especialmente se forem muito finos, precisam ser presos de maneira elegante e atraente. Finalmente, o cuidado com as mãos e com as unhas nunca deve ser desprezado, pois elas complementarão o quadro de atração para um dia verdadeiramente encantador.

Variedade em Pudins



Pudim de Chocolate e Nozes

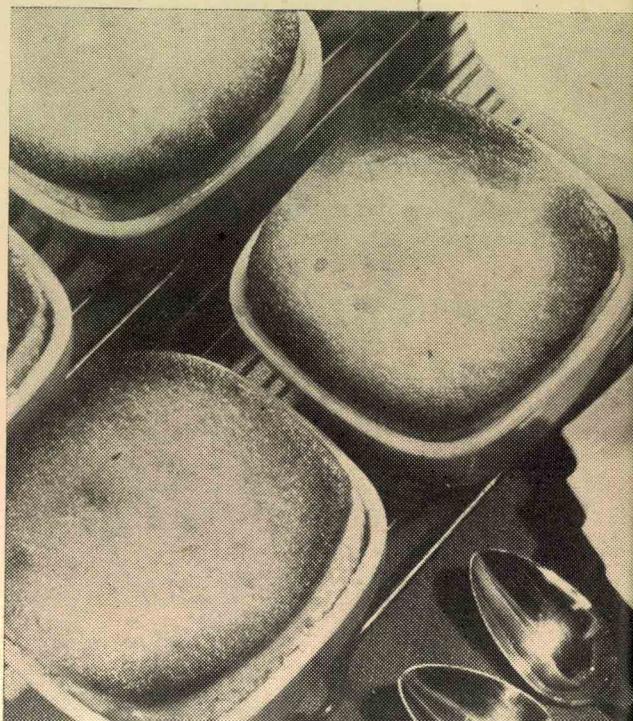
1/4 de xícara de manteiga	1 pitada de sal
1 1/2 xícaras de açúcar	1 xícara de leite
2 ovos batidos	2 colheres de chá de
3 xícaras de farinha de	essência de baunilha
trigo, peneirada	150 gramas de chocolate
3 colheres de chá	amargo, derretido
de fermento em pó	1 xícara de nozes moídas.

Bata a manteiga com o açúcar até ficar cremosa. Adicione os ovos. Misture os ingredientes secos, peneirados juntos, alternadamente com o leite. Acrescente a essência de baunilha e o chocolate derretido. Misture bem. Asse em forno moderado. Sirva com o seguinte mêslo :

Mêslo de Sorvete

1 xícara de açúcar	essência de
1/2 xícara dágua	baunilha
2 gemas	1 xícara de creme
1 colher de chá de	chantilly

Ferva o açúcar e a água até ponto de xarope. Bata as gemas até ficarem bem cremosas. Ponha o xarope sobre as gemas e continue a bater. Junte a baunilha. Ponha no congelador. Adicione o creme chantilly na hora de servir. (Transworld).



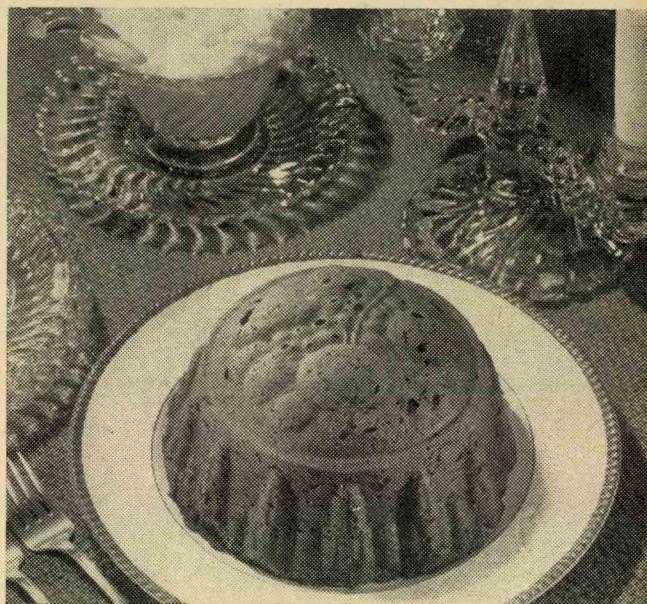
Pudim de Nozes

Levar ao fogo um quilo de açúcar e um pouco dágua. Quando a calda atingir o ponto de pasta, misturar meio quilo de nozes raladas e deixar no fogo, até desprender da panela. Reservar o doce para o dia seguinte. Fazer à parte um doce de ovos.

Pudim de Frutas

1 envelope de gelatina sem sabor	1/4 de xícara de abacaxi em calda, picado
2 xícaras de leite	1/4 de xícara de cerejas
1/2 xícara de açúcar	em calda, picadas
1 pitada de sal	1/4 de xícara de nozes picadas
2 ovos, batidos separadamente	10 biscoitos, tipo Cream Crackers, moídos.
1/4 de colher de chá de essência de amêndoas	

Dissolva a gelatina no leite, em banho-maria cerca de 5 minutos. Adicione 2 colheres de sopa de açúcar e o sal. Cozinhe sobre a água fervendo, até a gelatina se dissolver completamente. Bata as gemas de óvo com duas colheres de sopa de açúcar. Misture um pouco da primeira mistura (gelatina), com as gemas, retorne ao banho-maria (mas não em água fervendo) e deixe cozinhar, mexendo sempre. Deixe esfriar até tomar ponto de xarope. Bata as claras até ficarem duras, mas não secas, e vá acrescentando aos poucos, batendo sempre, o restante do açúcar e a essência de amêndoas. Misture ao creme anterior e junte o abacaxi, as cerejas, as nozes e os biscoitos moídos. Arrume a massa numa forma de pão, ponha no refrigerador até ficar firme.



Pudim de Abacaxi

1 lata de abacaxi em calda (400 gramas mais ou menos)	1 colher de chá de casca de limão ralada
1/4 de xícara de caldo de limão	1/8 de colher de chá de sal
1/2 xícara de açúcar	2 colheres de sopa de manteiga ou margarina.
2 colheres de sopa de Maizena	

Escorra bem os pedaços de abacaxi e meça o caldo, que deve atingir 3/4 de xícara. Misture com o caldo de limão e se necessário um pouco de água para completar 1 xícara ao todo. Misture o açúcar com a Maizena numa panela pequena. Vá pondo, aos poucos, o caldo das frutas, mexendo sempre. Acrescente então a casca de limão e o sal.

Cozinhe em fogo brando. Tire, misturando depois a manteiga.

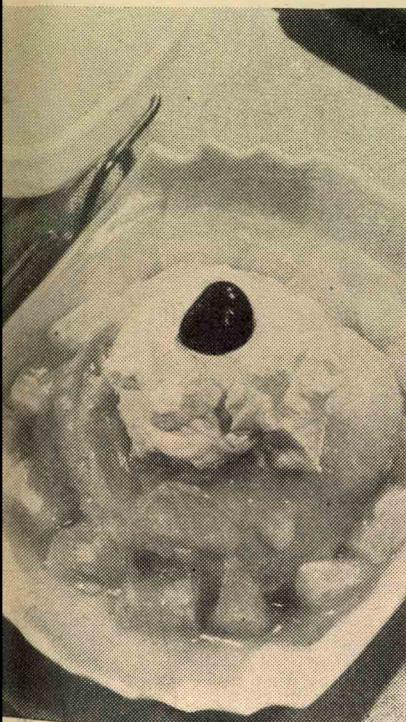
Ponha os pedaços de abacaxi em seis potinhos untados com manteiga ou numa forma grande. Deixe descansar enquanto prepara a massa:

1 1/4 de xícara de farinha de trigo peneirada	1/2 xícara de açúcar
1 1/2 colheres de chá de fermento em pó	1/2 colher de chá de extrato de baunilha
1/4 de colher de chá de sal	1/4 de colher de chá de extrato de limão
1/2 xícara de manteiga ou margarina	1 óvo
	1/2 xícara de leite.

Misture a farinha, o fermento e o sal. Amasse bem a manteiga até ficar macia, juntamente com o açúcar, e tempere com os extratos de baunilha e de limão. Ponha o óvo, sem bater, e bata tudo junto para depois acrescentar a farinha alternadamente com o leite. Bata bem. Vá pondo e espalhando a massa em cima dos pedaços de abacaxi.

Asse em forno moderado, durante uns 30 minutos. Deixe esfriar 10 minutos para depois virar num pratinho de sobremesa.

Sirva ainda quente, com creme de leite, batido ou não. (APLA).



bandeirante do sonho

Antônio Zoppi

Contemplando estas águas silenciosas
Dêste velho Tietê de tanta glória,
Recordo, com saudade, antiga história
Bordada de ilusões maravilhosas.

Bandeirante do sonho em luta inglória,
Cuidando ser o mundo um mar de rosas,
Vaguei por estas plagas perigosas,
Na sêde sempre inútil de vitória.

Velho rio ! Velho rio ! de águas tão quietas !
Formado pelo pranto dos poetas
Que andaram pelo mundo a soluçar,

Eu também quis correr... e corri tanto !...
Mas afoguei-me no meu próprio pranto,
Exausto de existir e de chorar...

esparsos

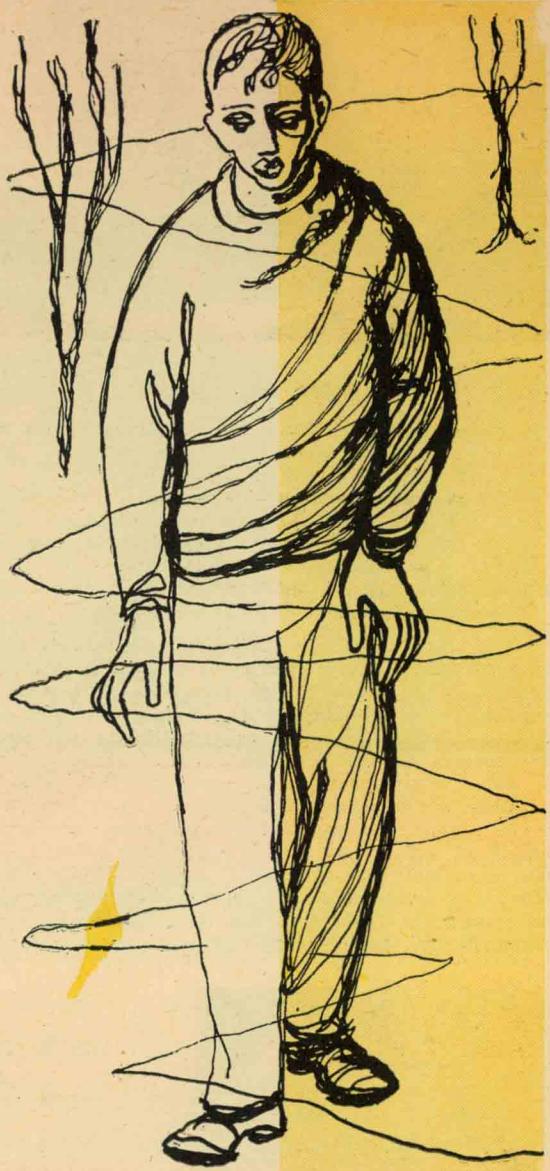
fôlhas

Fôlhas que o vento leva e cirandam ao vento,
felizes a brilhar ao sol, longe da terra...
Fôlhas que vão e vêm, dançando no ar da serra
e do vale e subindo aos céus, como um lamento...

Nelas, nessa febril glória de, num momento,
ter asas e voar, tôda a Vida se encerra :
— sem destino, fugir à lama que as aterra,
contentes num feliz, breve deslumbramento !

Piedosamente dando agasalho aos insetos,
são boas. Mas, subindo e brilhando, na glória
efêmera espelhando a Vida e os seus aspectos,

são benditas — porque vivem na mesma chama
em que ardemos, na mesma ilusão transitória...
Fôlhas... Sonhos... Subir, brilhar, fugir à lama !



Rodrigues de Abreu

— II —

Oh meus sonhos que ao menos um segundo,
por meus versos humildes arrastados,
possais ter vida e brilho neste mundo,
possais falar aos homens torturados !

Sêde, nesse momento, abençoados,
brilhando num clarão calmo e profundo,
como consôlo bom aos desgraçados,
sonhos meus, porque em vós eu me transfundo !

E que todos que têm uma ferida,
vendo-me em vós sofrer as dores, calma,
serenamente suportando a vida,

sintam no coração muita ternura,
oh sonhos meus, oh fôlhas da minha alma
arrebatadas para a grande altura !



UM CERTO HOMEM TRANQUILO

Tranqüilidade é, em grande parte, equilíbrio econômico. É controle das próprias finanças. É saber de quanto se pode dispor a qualquer momento. Não há homem tranquilo sem uma conta de banco. E esta conta não precisa necessariamente representar uma fortuna. É esta tranqüilidade que o Banco Nacional de Minas Gerais lhe oferece. Entregue-nos suas economias, seus pagamentos em cheques, sua "contabilidade". Sirva-se de nossa experiência. E conte com a precisão e rapidez de nossos serviços.

**BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.**

O Tempo E' Algo Mais Que Dinheiro

Conclusão da pag. 53

vão trazer um bom relojoeiro e vão pôr-lhe um quadrante novo, iluminado à noite. Pois bem, quando isso ocorrer e o relógio andar direito — coisa de que duvido — terá chegado o momento de minha partida. De certo, já terei descoberto outro lugarejo que não tenha relógio na torre. Mas, francamente, sentirei deixar tudo isso, onde tenho tão bons ami-

gos entre os pescadores.

Estas últimas palavras saíram de seus lábios encharcadas de marcado tom de pesar.

E, sem acrescentar uma palavra mais, tirou a camisa, as sandálias e as calças, com a maior naturalidade, e surgiu em traje de banho.

— E perdoem-me os senhores...
Saiu a correr e lançou-se à

água, do alto duma rocha próxima.

Ninguém se surpreendeu, porque o «Mister» tinha-se acostumado a coisas semelhantes. Sómente Chimet fez um gesto de resignação, verrumou a fonte com o indicador e pôs-se a encher de novo os copos com aquele vinhozinho, seco e espesso, que tanta fama tinha nos arredores.

Um Erro Judiciário

Conclusão da pag. 65

garam pouco depois; vinham maldizendo sua má sorte, pois ambos tinham errado tiros, disparando, ao que parece, contra o mesmo veado. Raimundo, que nos esperava, fez alguns comentários risinhos a respeito da destreza dos dois caçadores e assegurou-lhes que da próxima vez teriam melhor sorte. Lina não tardou em reunir-se a nós, mas Collin não aparecia. Ao fim de algum tempo, começamos a inquietar-nos. Raimundo murmurou:

— Talvez haja torcido um tornozelo ou sofreu algum outro acidente...

— Será melhor irmos procurá-lo — disse eu, súbitamente alarmado.

Foi o médico quem encontrou Collin. Haven e eu chegamos guizados pelo seu assobio e por um tiro que disparou para o ar. Collin jazia de brugos sobre a relva, imóvel. Ao aproximar-nos, Van Horn se ergueu e moveu a cabeça, com desalento, dizendo:

— Será melhor que Lina não o veja ainda. Uma bala atravessou-lhe a nuca, causando-lhe a morte.

Tínhamos coberto com uma capa o nosso pobre amigo, quando apareceu Lina. Fitou nossos rostos demudados, depois cravou a vista na figura rígida que jazia no solo e, sem dizer palavra, arrojou-se em meus braços.

Nevava, quando regressamos à casa, transportando o cadáver de Collin. Raimundo telefonou para as autoridades, informando-as do fatal acidente e nos comunicou que o comissário de polícia viria assim que lhe permitissem suas múltiplas ocupações.

— Encarregaram-me — acrescentou — de ocupar-me do caso até a chegada do comissário. Mas não creio que haja nada que fazer.

O Dr. Van Horn disse lentamente, como se lhe custasse falar:

— Errei os dois tiros que disparei contra o veado, Raimundo. E... e apontei para onde encontramos Collin.

Haven interveio, dirigindo-se a mim:

— Eu também disparei naquela direção, no momento em que o animal saltava em meio da moita.

Lina fitou os dois amigos, com o rosto contraído, como o de quem está prestes a chorar. Raimundo, adivinhando os sentimentos de minha noiva, apressou-se em replicar:

— Essas suposições não conduzem a nada. Jamais saberemos quem foi o responsável por tão doloroso acidente. Pode ter sido outro qualquer caçador. Sei que havia pelo menos três partidas de caça perto do lugar onde nós nos encontrávamos. E Collin tinha abandonado seu posto.

Por último falou Lina:

— Não quero que nenhum dos senhores se julgue culpado... Papai tinha grande amizade aos senhores... e agora espero que sejam meus amigos.

Haven murmurou, comovido:

— Você é muito corajosa, Lina... como seu pai...

— Se eu tivesse adivinhado — murmurou Raimundo — que ele ia deixar seu posto... se lhe tivesse indicado outro lugar, talvez...

Lina interrompeu-o entre soluções:

— Não se torture, Raimundo. Ninguém pode evitar um acidente. E eu não quero saber quem o causou... Ademais, isso não devolveria a vida a meu pai. A única coisa que me consola é pensar que, depois de tantos anos, se sentia ele realmente feliz e em paz consigo mesmo. Tinha decidido esquecer o passado e reatar suas velhas amizades. Era isso que se propunha dizer-lhes ontem à noite.

Lina ocultou o rosto nas mãos e todos permanecemos silenciosos, sabendo que naquele momento não havia palavras no mundo que pudesse consolá-la da súbita morte de seu pai.

Passei umas horas meditando e, ao entardecer, pedi a Lina que saíssemos a dar uma volta. Parecia mergulhada numa profunda apatia e aceitou meu convite com indiferença. Eu estava resolvido a falar-lhe com franqueza, embora minha sinceridade provocasse sua indignação. Talvez isso lhe fizesse bem.

— Lina, tenho de dizer-lhe o que estive pensando... Desde criança, sua vida foi ensombrecida pela terrível tragédia que destruiu a carreira de seu pai. Bem... estou convencido de que o que sucedeu esta manhã é parte da mesma história!

Lina fitou-me com as pupilas dilatadas pelo horror.

— Henrique! Não queira insinuar...

— Sim, Lina — repliquei, lentamente. — Receio que seu pai tenha sido assassinado.

(Conclui no próximo número)

A Terceira Roma

Ainda que pareça incrível, Moscou é costumeiramente denominada a "Terceira Roma", porque, depois da queda de Constantinopla, em 1453, a capital da União Soviética transformou-se no centro do mundo cristão ortodoxo. Com os seus teatros, suas

famosas galerias de arte e o seu indiscutivelmente sólido Kremlin, a cidade é uma grande atração para os turistas. Recentemente, grande parte dos seus segredos foi descoberta aos visitantes.

Carnaval na Slovenia

O tradicional Museu do Homem, na França, recebeu uma personagem que lhe foi enviada diretamente da longínqua Slovenia, a mais ocidental das regiões da Iugoslávia. Tratava-se de uma interessante máscara de carnaval. A tradição do carnaval ali é muito viva e cada ano ela se desenvolve mais animadamente, apresentando um cortejo de homens mascarados, sendo os «Kurenti» os principais atores.

Completando o cortejo, aparece um simbólico carro de boi, que lembra a origem mística de um costume usado na Roma antiga e que ainda é observado em nossos dias nas diferentes regiões da Alemanha, da Áustria e da Suíça. O desfile de máscaras, que tem lugar no fim de cada inverno, é relacionado com os fenômenos da vegetação e com a aproximação da primavera. Observa-se então uma grande excitação na vida de todos, pois, segundo a crença popular, esta é a ocasião em que o mundo deve purificar-se dos seus erros e sofrimentos acumulados durante o ano e provocar a fertilidade dos campos e a riqueza dos homens.

★ ★ ★

Desprendimento Físico e Mental

COM o objetivo de experimentar as qualidades pessoais dos cadetes da Escola de Aviação Naval e Medicina, na Flórida, os psicólogistas John T. Bair e Thomas J. Gallagher anunciam uma série de difíceis testes, entre os quais, o da exposição do indivíduo a uma temperatura extremamente baixa e, posteriormente, a sua exposição à ação de perigosos raios cósmicos.

A participação nas provas foi facultada à rapaziada e, dos 1.154 alunos, apenas 489 se dispuseram a enfrentá-las, corajosamente. As provas não se realizaram, mas o fato chamou logo a atenção dos psicólogistas, pois segundo elas a coragem e a intrepidez são elementos que atestam um bom controle mental.

Realmente, não obstante serem os voluntários mais jovens e menos educados que os não participantes das provas, ficou positivado que elas possuíam maior compreensão técnica, maior habilidade e aptidão mais acentuada para os vôos e eram dótados de grande tendência para a liderança. Por outro lado, o QI dos voluntários foi bem superior ao daqueles que não se apresentaram para as provas.



Olho clínico americano

Desenvolvimento por meio da inflação

Juscelino Kubitschek
Desenvolvimento pela inflação.

No momento em que sofremos os efeitos de uma inflação que vem se tornando galopante, e cada vez mais perniciosa à paz social, é oportuno conhecer-se o que pensam de nós os povos mais felizes, cujas moedas têm sustentado a estabilidade econômica indispensável à verdadeira prosperidade de uma nação.

A esse respeito, vale transcrever o que diz o "Time", semanário norte-americano, em uma de suas últimas edições, falando sobre os efeitos da inflação no Brasil, na Argentina e no Chile, sob o título "Desenvolvimento por meio da inflação" :

"A inflação, fenômeno muito deplorado na América Latina, é largamente usado pelos Governos como técnica para acelerar o progresso econômico. A teoria do desenvolvimento pela inflação apresenta cinco fases distintas que podem assim ser enumeradas :

"Emissões : Para estimular a produtividade nas fábricas e nos campos, os Governos necessitam de dinheiro. E esse dinheiro é obtido pelo simples processo de colocar a guitarra em funcionamento.

"Investimentos : O papel moeda, saindo dos bancos do Estado, passa a constituir recursos novos, que serão empregados em empreendimentos públicos e privados.

"Alta de preços : A maior quantidade de dinheiro em circulação determina aumento de custo nos bens e nos serviços.

"Corrida de salários : A fim de recuperar o apoio dos trabalhadores, os políticos vêm-se na contingência de elevar os seus salários. Tanto os preços quanto os salários terão, assim, atingido novos níveis.

"Desvalorização : A elevação do custo dos bens e da mão-de-obra reflete-se nos produtos exportáveis do dado país. Neste momento, o Governo será levado a desvalorizar o meio circulante, de modo a baratear suas exportações.

"Recentemente, a Argentina, o Chile e o Brasil estavam, cada um, às voltas com, pelo menos, um dos sintomas referidos".

"Na Argentina os preços sofreram uma geral elevação, refletindo o aumento de 60%, concedido pelo presidente Frondizi, logo que subiu ao poder, em maio último. Os mesmos bens e serviços passaram a exigir pagamentos maiores, sendo que o custo dos transportes subiram de 50%, os jornais 70%, o cafézinho 60%, a cerveja 70%, os filmes 50%. Resultado : os donos de cinema de Buenos Aires reivindicaram aumento nos ingressos, fechando teatros e casas de diversões. Os açougueiros também cerraram suas portas, preferindo deixar de vender, a se sujeitarem à tabela oficial.

"O Brasil encontrava-se na terceira fase enumerada. Baqueando ante a pressão das classes trabalhadoras, o presidente Juscelino Kubitschek ofereceu aos brasileiros o Natal mais alegre da História : aumento de 60% nos salários mínimos, e 30% para os funcionários do Governo, aumentos esses que já estão em vigor. A brincadeira do Papai Noel forçará um acréscimo de 285 milhões de dólares no déficit orçamentário da Nação, mas as notícias do reajuste dos salários fizeram cessar as gerais reclamações contra o custo de vida.

"Quanto ao Chile, encontrava-se na fase final, daquelas que enumeramos. Encontramos um déficit orçamentário de 20%, além de 718 milhões de dólares, como débito no comércio exterior, o Governo recém-eleito de Jorge Alessandri, considerado um homem de negócios, desvalorizou a moeda de seu País. De 837 por dólar, o peso caiu para 989, registrando-se uma desvalorização de 18%. Tudo isso foi feito com a esperança de que exportações tais como de aço e vinho barateassem proporcionalmente. Um índice de 10% de desempregados preocupava também o Governo.

"Debaixo de um rigoroso controle e, naturalmente, observados certos limites, o desenvolvimento, através da inflação, pode se processar. Mas, se a inflação desembestar e se tornar incontrolável, a moeda cairá em colapso. O desenvolvimento, processado através da depreciação do meio circulante, pode constituir um jôgo atraente, mas, nem por isso, deixa de ser grandemente perigoso".



a francesinha impossível

A jovem atriz Cathia Caro, (foto) que já desempenhou com sucesso em duas películas francesas, não completou ainda os seus 16 anos de idade, razão pela qual várias atividades adultas lhe são interditas. Não podendo freqüentar buates, nem dirigir carros, nem tomar bebidas alcoólicas, a jovem estrelinha acha que o melhor a fazer, por enquanto, é mesmo concluir seu curso secundário, esperando não cair no esquecimento até que complete sua maioridade.

Gina reassume

Filmando «La Loi» (ainda sem título em português), célebre romance de Roger Vaillant (Prêmio Goncourt), o diretor francês Jules Dassin chamou Gina Lollobrigida para interpretar a insolente Marieta. A estréia italiana, momentaneamente afastada do cinema para se dedicar ao marido Milko Skofic e ao herdeiro Milko Júnior, volta, em pleno esplendor, a encarnar papel semelhante ao que a consagrara na série «Pão e amor». Vivendo a inquieta e indomável heroína da grande propriedade de Don Cezzare, Gina volta a ser espontânea e aparece com aquele mesmo vestido velho e rasgado de seus primeiros dias ao lado de Vittorio de Sica. Terá o mesmo encanto selvagem e agressivo que usara para conquistar o «carabinieri». Abandona «corsage» e grandes costureiros troca a sofisticação de estréia pelo queimado do sol, a cabeleira sólta ao vento, o jeito bamboleante de caminhar descalça. Que BB e Sofia Loren se acautelem com a «rentrée» daquela que foi sua lançadora e senhora!

o produtor Marlon Brando

Segundo alguns, Marlon Brando tem passado maus bocados com o primeiro filme de sua companhia produtora, a Pennebaker. Os linguarudos de Hollywood afirmam que Brando dedicou à preparação do filme pelo menos três anos, sendo que o mesmo foi anunciado repetidamente como «Comanderoz», e depois «Guns Up». Afinal, o filme chegará ao público com o título de «One Eyed Jack». A adaptação para a tela foi várias vezes reescrita por Brando, sendo que neste trabalho ajudaram-no especialistas de grande nomeada como Nick Ray e Stanley Kubrick. Enquanto isso, os colaboradores de Brando afirmam que o grande ator tornou-se intratável, desde o seu fracasso matrimonial com Anna Kashfi. As últimas notícias dão conta de que, por fim, Marlon decidiu dirigir o filme pessoalmente, assumindo ao mesmo tempo as funções de produtor, diretor, adaptador e protagonista. Na foto, Marlon Brando, segundo aparece em «The Young Lions», da Fox.





CINEMA

Cary Grant e Richard Brooks

Cary Grant e o diretor Richard Brooks conversaram, há pouco, nos estúdios da Metro, e resolveram que, na primeira oportunidade, associar-se-ão novamente. Há alguns anos, naquela mesma companhia, Cary Grant, que se vê na foto, tomou parte no primeiro filme dirigido por Richard Brooks, «Terra em Fogos» (Crisis). Ficaram amigos, desde então, e pensaram agora num novo filme. A idéia de Brooks é fazer uma versão da novela de Ernest Hemingway, «Across the River and Into the Trees».

• De Arthur Freed sempre se espera filme bom. O produtor de "Sinfonia de Paris" deu outro exemplo disso, recentemente, ao produzir "Gigi", que é um encantamento de ponta a ponta dos seus muitos metros de celulóide. Agora, Arthur Freed traça os planos para sua próxima produção, "Bells are Ringing", de que Judy Holliday será a primeira figura. Judy, a estouvada Judy, representou a peça num palco da Broadway, e repetirá sua "performance" no filme que Arthur Freed prepara agora com o entusiasmo de sempre. Dean Martin acompanhará Judy Holliday nesse filme que se incluirá entre as atrações mais importantes da próxima temporada MGM.

• Marina Vlady, Robert Hossein e Odile Versois são o trio de astros de "Toi le Venin", filme baseado num romance de Frédéric Dard, que o segundo acaba de realizar para a Champs-Elysées Productions-Filmair. Do elenco fazem parte ainda Hélène Manson e Henri Crémieux, dois nomes que vêm se firmando no cinema francês. Marina e Odile são irmãs, no filme de Hossein e na vida real.

• Shirley MacLaine não tem mãos a medir: acaba um filme, comece logo outro. E tem outro à espera de sua simpatia e suas maneiras assim um tanto desdescuidadas, mas sempre personalíssimas e inteligentes. Agora, Shirley interpreta "Ask Angry Hills" (ainda sem título para o Brasil), que é a nova produção de Joe Pasternak para a Metro, dentro de seu novo contrato. Com Shirley MacLaine aparecem David Niven, Reed Morgan e Gig Young. Filme com David Niven — momente se for comédia — acaba sendo sempre divertimento de classe, já notaram?

• Diretor de teatro, de televisão, e de numerosas produções radiofônicas, Maurice Cazeneuve tenta agora o cinema com "Cette Nuit-Là", adaptação de um romance de Michel Lebrun, "Un Silence de Mort". Jean Servais, Maurice Ronet e Mylène Demongeot compõem o brilhante trio desta história de ciúme levado ao paroxismo, admiravelmente bem filmada pelo jovem diretor, que deverá realizar um filme no Brasil, provavelmente com Danièle Darrieux.

• Dirk Bogarde é, provavelmente, o astro britânico mais popular na América Latina e, no entanto, seu nome é citado erradamente com mais frequência do que o de qualquer outro artista. Talvez por causa da pronúncia, muitos jornais e exibidores imprimem seu nome como Dick. Mas não é Dick; é Dirk.

• "The Mating Game" é o título do filme que vai servir de "entrée" para Debbie Reynolds nos estúdios da Metro. É uma produção em cromoscópio e Metrocolor, dirigida por George Marshal, em que Debbie tem por companheiros Tony Randall, Paul Douglas, Fred Clark e Una Merkel. Outro filme que Debbie fará em Culver City será a produção de Joe Pasternak, "How Good Girls Get Married" — uma comédia com todos os ingredientes favoráveis ao grande talento de Miss Reynolds, e na mesma linha de "Armadilha Amorosa".

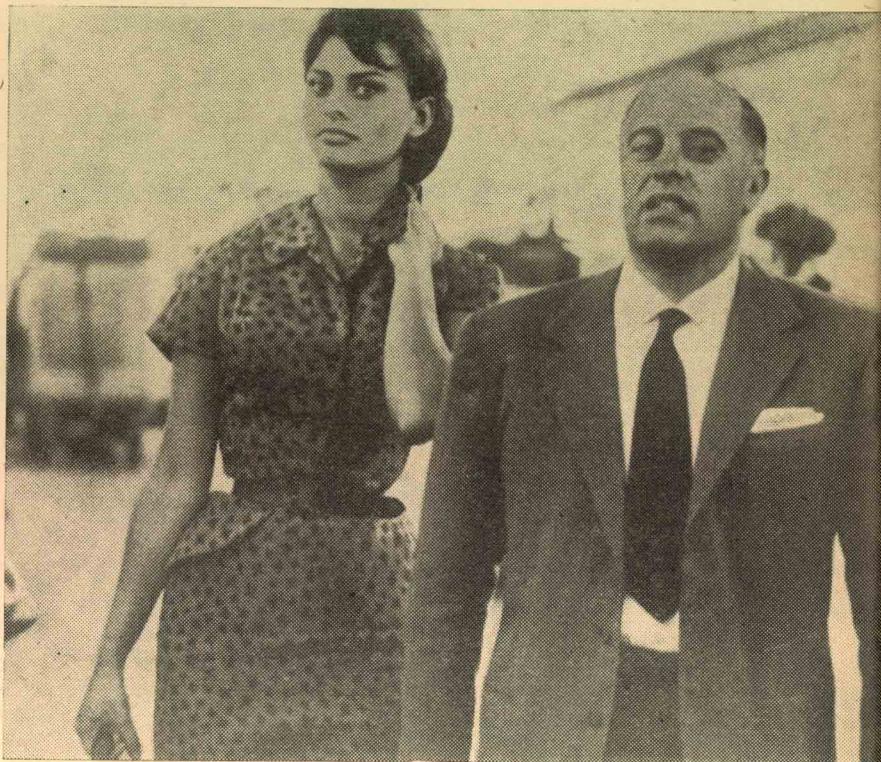
• Steve Cochran, Mamie Van Doren, Ray Danton, Fay Spain, Margaret Hayes e, como astros convidados, Louis Armstrong, Vikki Dougan e o jovem de 17 anos, Jim Mitchum (filho de Robert Mitchum), formam o elenco de "The Beat Generation" (ainda sem título em português), produção de Albert Zugsmith dirigida por Hugo Haas.

CINE-NOTAS

Debbie Reynolds.



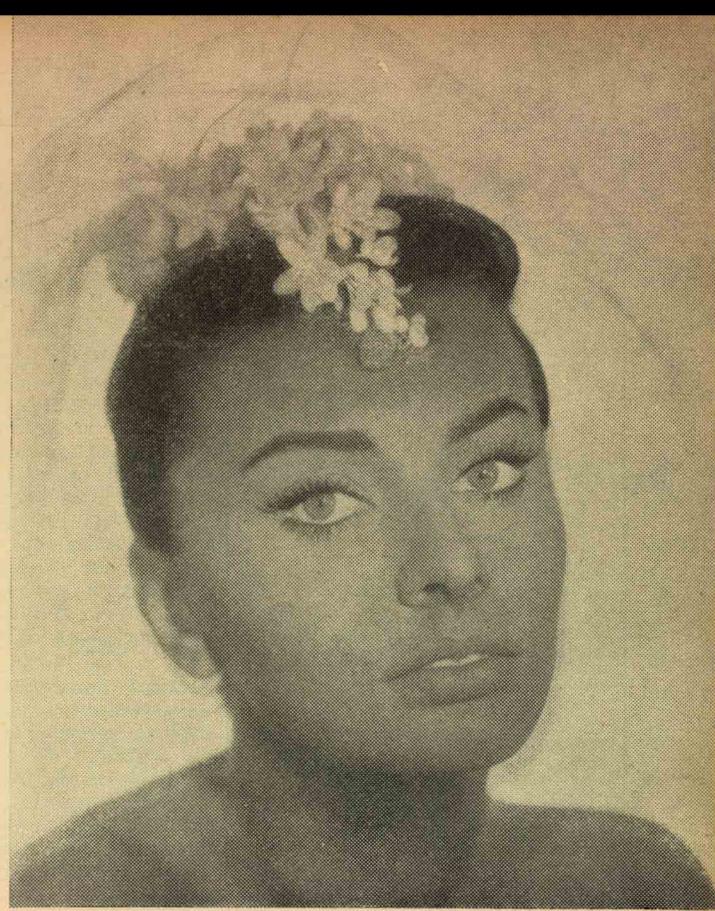
Não obstante posar aqui como verdadeira estrela aquática e ter tido cenas de natação em quase todos os seus filmes, Sophia quase falhou em seu teste cinematográfico, devido a sua falta de habilidade natatória.



Sophia Loren e seu marido Carlo Ponti. O casamento, a princípio combatido na Itália, parece que está no bom caminho. O casal vai bem, obrigado.

Na versão cinematográfica do drama de O'Neil, «Desejo», Sophia faz o papel de Anna, uma jovem e sedutora espôsa.

Loren: um conto de fada



SOPHIA Loren — um dos nomes mais conhecidos do mundo do cinema de hoje — pode certamente ser considerada «A Gata Borralheira italiana». Há poucos anos, era uma criança abandonada, vivendo uma existência solitária na Nápoles devastada pela guerra. Ela ainda tem fortes recordações do tempo em que era alimentada com barras de chocolate pelos soldados americanos, os quais eram movidos pela generosidade, ao ver os seus olhos enormes e tristes e sua figurinha magra e macilenta.

A «fada» de Sophia parecia ser uma mistura da Senhora Dona Sorte com a Mãe Natureza. O corpo frágil e magro da menina provinciana rapidamente se transformou, adquirindo proporções que levaram sua fama aos quatro cantos do mundo. Sim, porque, ao lado de Gina Lollobrigida, Jayne Mansfield e Brigitte Bardot, o nome da antes pequena e simples napolitana passou a ocupar lu-

gar sempre destacado nos noticiários dos jornais. E passou também a constituir uma espécie de mito e legenda da crônica cinematográfica de nossos dias.

Após vencer um concurso de beleza e ganhar um pequeno emprêgo como modelo, seu destino levou-a para a carreira artística. E sua primeira oportunidade surgiu quando um diretor, à procura de uma estréla nova, bonita, com lindas formas e boa nadadora, a encontrou. Naturalmente, logo de inicio, Sophia preencheu os primeiros requisitos, mas, como tem acontecido com diversas outras pretendentes à carreira artística, foi forçada a lutar pela oportunidade, através de rigoroso e difícil teste de natação que lhe facultaria a conquista do papel. As candidatas eram muitas, e ela não era o que se pode chamar de atleta. Assim, da primeira vez, quase foi ao fundo da piscina, o que não era de espantar. Mas, o diretor impressionou-se tanto pelas suas formas que, apesar de

suas deficiências como nadadora, contratou-a para o papel.

A rápida subida de Sophia para o estrelato já é proverbial entre os aficionados do cinema. E, não obstante algumas observações da crítica que, ao tecer-lhe os elogios a que faz jus, não deixa de apontar-lhe certos momentos menos inspirados, ela pode ser considerada uma boa atriz moderna. Sophia tem-se ocupado ultimamente em três produções, onde aparece como figura de primeiro plano. São os filmes: «Desejo» (*Desire Under The Elms*), «House-boat» e «The Black Orchid», os dois últimos ainda sem título em português. Além dessas películas da Paramount, está sob contrato para pontificar em muitas outras produções de outras companhias.

Sophia transformou-se, num abrir e fechar de olhos, de um «patinho feio» numa «glamour-girl» e eis aí agora uma artista de calibre, provando ser ela uma garota para quem nada é impossível.

CONCURSO DE CONTOS

No sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, A Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir a produção recebida na 2ª quinzena de janeiro que mereceu aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS: "O Menino e o Perniquito", de Antônio Araújo.

CAIXA DE SEGREDOS

NUNCA É TARDE

OUTRORA era um matagal, cheio de plantas espinhosas, lama, animais rasteiros, fôlhas mortas. Os donos do terreno nada faziam para limpá-lo, tirar-lhe as ervas daninhas, os espinhos, a lama, deixando crescer plantas úteis e flores. Mas um dia a graça de Deus iluminou-os. E resolveram transformar o terreno invadido de vegetação má em jardim de flores e horta de frutos, onde corriam crianças e havia alegria e paz.

Mas a dona do terreno, em vez de satisfazer-se com o belo jardim de agora, deu de lembrar-se do matagal de outrora e, desejando-se, foi deixando que de novo as ervas más crescessem, os animais rasteiros voltassem, a lama começasse a apodrecer. E um dia, cheia de dor e desespero, viu que, por causa de sua incúria, o belo jardim voltou a ser mato bravo e hispido, sem beleza e cheio de perigos.

Vieram-me à mente estas imagens, ao ler a carta de quem se assina «Tarde demais para esquecer». Na adolescência, sofreu muito, terrivelmente, estêve a ponto de afundar no pior dos males que pode atingir uma mulher: a prostituição. O seu futuro era negro, o sofrimento cotidiano. Sua vida era aquéle matagal bravio a que me referi. Mas de repente, a graça de Deus desce sobre ela. O quadro sombrio de sua vida muda-se miraculosamente. O homem que a fizera sofrer, que a infeliçitara, que a maltratava, que

lhe batia até, o alcoólatra perigoso que a tentara matar mais de uma vez, transforma-se, arrepende-se, regenera-se, procura sanar todos os males causados. Casase com ela, abandona a bebida, forma um lar, trabalha, vê nascerem filhos, dá à mulher que sempre amou, nome, dignidade, posição social, conforto, um lar, filhos. O matagal virou jardim florido e belo.

Mas hoje, minha consultante começa a encher a cabeça de velhas recordações, de temores infundados, de imaginações doentias, de suspeitas incabidas. Está deixando o seu belo jardim ser invadido pela erva má. Minha amiga, pare e medite. Que lhe falta? Sua vida que era um sofrimento contínuo e só esperava como futuro o vício, o pecado, a decadência, transformou-se em um oásis ridente. Que mais quer? Por que tentar a Deus, não se mostrando feliz e grata pelos dons que recebeu?



JÚLIA MARIA — Minas Gerais — Você mesma reconhece seu excesso de romantismo, que pode vir a estragar a sua vida atual. Do balanço que fêz das qualidades positivas e negativas de seu marido, conclui-se que as positivas são em muito maior número e que os defeitos apontados poderão ser amenizados ou desaparecer mesmo. Tudo dependerá de você mesma, mostrando-se mais carinhosa, mais paciente, mais compreensiva do gênio meio esquivo e seco de seu marido. Leia o que escrevi acima, em resposta a «Tarde demais para esquecer», que é de sua mesma cidade e tem a letra muito parecida com a sua, o que significa, se não se trata de uma mesma pessoa, que tanto ela como você são muito semelhantes de tem-

peramento e de imaginação romântica.

DESESPERADO — Conselheiro Lafaiete — Minas — Pelo que me conta em sua carta, é o senhor mesmo o culpado da situação em que se encontra. Não se controla, não se domina, não corrige seus defeitos e ainda por cima os piora, embriagando-se. O resultado só pode mesmo ser incompreensão, brigas, etc. com sua noiva. O conselho que lhe posso dar é o de refletir bem nos seus defeitos e procurar corrigir-se. Se mudar de modo de vida e de gênio poderá fazer as pazes e reiniciar seu noivado, portando-se como um homem direito e desejoso mesmo de constituir um lar.

CELIBATO — Belo Horizonte — O senhor está ainda muito novo

PALAVRAS CRUZADAS

M. MITRAUD

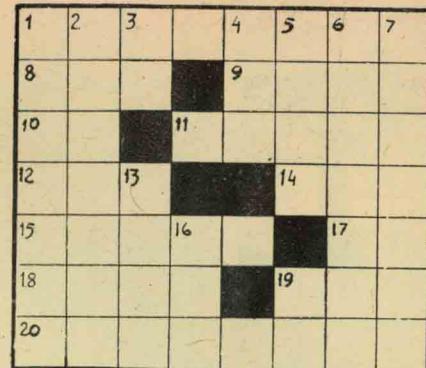
Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — «Caixa de Segredos», Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

Não deixe que essas fantasias doentias lhe estraguem a felicidade. Se seu marido não é mais o moço ardoroso de outrora nas suas manifestações amorosas, isto não quer dizer que a deixou de amar. Apenas é agora um amor mais sereno, todo composto de amizade, que é sentimento mais duradouro e menos sujeito a reviravoltas. Goze, pois, sem receio, a felicidade de agora. Viva de todo o seu coração o seu presente. Não pense mais no passado, nem permita que as suas emanações malsãs venham contagiar-lhe a felicidade de hoje. Quanto ao futuro, será ele o que você o fizer, isto é, se continuar a permitir que as florações de idéias doentias a dominem, poderá destruir a sua felicidade atual.

E' preciso reagir contra esse seu estado de espírito. Ame gratamente, dedicadamente seu marido, e verá que seu amor reacenderá nêle o mesmo amor de outrora. Não pense que seja «tarde demais para esquecer». Nunca é tarde para esquecer o que de mau e de terrível houve na vida da gente. O que pode ser tarde é não alijar imediatamente do espírito essas idéias mórbidas. Você foi agraciada por Deus com uma grande felicidade. Goze-a e defend-a encarniçadamente. Seja cotidianamente grata a Deus e ame o seu lar, os seus filhos, o seu marido. Não queira, por culpa sua apenas, que o seu belo jardim de hoje volte a ser aquêle feio matagal de ontem. — **Maria Madalena.**

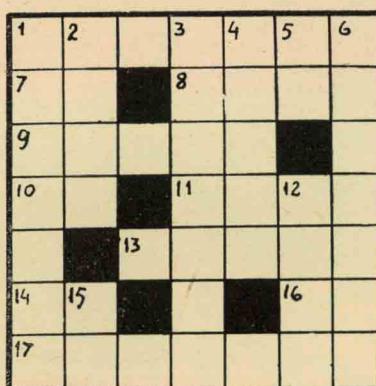
para complicações amorosas. Muito imaturo ainda e pouco conhecedor da psicologia feminina. Se é estudante aconselha-o a cuidar mais de seus estudos e a dedicar-se aos esportes, deixando para mais adiante o namôro. Aliás, começou o senhor muito mal, com liberdades que só poderão ser prejudiciais. E teve logo a surpresa de verificar que sua namorada parecia bem mais adiantada do que o senhor mesmo. E ao que parece, trata-se de uma dessas moças muito «modernizadas», que fazem do namôro um passatempo e um meio de conhecer vários namorados ao mesmo tempo. E sabe de uma coisa? Se se mostrou tão fácil em lhe conceder liberdades, é mau sinal. Procure outra que seja «difícil» e não tão leviana.

PARA CALOUROS



Horizontais : 1 — Compartimento de onde se assiste a espetáculos; 8 — Rebordo de chapéu; 9 — O Paraíso; 10 — Divindade Egípcia; 11 — Parentes; 12 — Reflexão do som; 14 — Medida grega de comprimento; 15 — Vaso para onde se ordenha o leite; 17 — Interjeição, designa surpresa ou dor; 18 — Unir, ligar; 19 — Cólica, raiva; 20 — Serrar mal.

Verticais : 1 — Trejeito do rosto; 2 — Nome de fruta; 3 — Perversa, ruim; 4 — Abreviatura de Referências; 5 — Antipatia, inimizade; 6 — Qualidade do que é tenro; 7 — Preparar, adestrar; 13 — Rezar; 16 — Três letras iguais; 19 — Encanto pessoal.



PARA VETERANOS

Horizontais : 1 — Preceitos de Direito Eclesiástico; 7 — Sufixo; 8 — Ajuntamento de gente, confusão; 9 — Soprano; 10 — Filha de Atlas (mit.); 11 — Nome de peixe; 14 — Grosso calabre do navio (pl.); 15 — Estupor; 17 — Preposição; 18 — Protestantismo.

Verticais : 1 — Distribuir por cabeça; 2 — Planta marantácea; 3 — Esquecimento; 4 — Rodízio onde se reúnem as varetas do guarda-chuva; 5 — Artigo «o», arcaico; 6 — Argumento falso intencionalmente feito para induzir outrem em êrro; 12 — Juntam; 16 — A parte de trás.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

Veteranos

Horizontais : astro, grei, transparente, sota, incoerências, Eolo, almo. **Verticais :** ar, tasco, RN, ósseo, grana, ré, enfim, it, tri, por, até, eis, Ne, ol, Cl, ao.

Calouros

Horizontais : aca, ter, polem, lindo, iotas, transitar, piano, titia, rasos, asaro. **Verticais :** excelente, ato, are, pelícano, miosótis, Io, da, tia, rás, nós, ita, ata, rir, PR, ao.

Alergia Pelas Árvores



XISTE na Espanha e tem o seu Conselho Supremo em Madrid, uma implacável associação maléfica, que se denomina A Mão Verde. Não obstante se conhecerem muitos dos seus adeptos, ignora-se completamente a maneira como eles se comunicam entre si, quais são os seus estatutos e senhas e como funciona o seu proselitismo, e averiguações nesse sentido têm desafiado os mais hábeis policiais. E' deveras surpreendente o extenso e assombroso poder da organização e a multiplicidade de seus associados, pertencentes a tôdas as classes sociais e que agem astuciosamente, quando as circunstâncias lhes são favoráveis. A Mão Negra, a Maffia e outras sociedades secretas, nas quais, sem dúvida, se inspirou A Mão Verde, nunca chegaram a tanto!

A Mão Verde jurou ódio implacável a tôdas as árvores, e é bem possível que a primeira atitude das pessoas, ao tomar conhecimento desse fato, seja a de ceticismo, pois, que proveito, que prazer ou que vingança pode advir do mau trato infligido às árvores?

Todavia, uma investigação sistematizada permitiu o estudo das múltiplas modalidades do mal e dos desvios dos instintos e da personalidade, à primeira vista inexplicável, que leva um grande número de pessoas a realizar danos incompreensíveis para as pessoas normais. Onde se ocultam as raízes desse prazer que — em muitos casos conhecidos pela polícia e pelos médicos — experimentam alguns indivíduos que, tomando parte em alguma aglomeração, espetam alfinetes no braço dos outros, ou cortam-lhes os cabelos? E os que torturam os animais, cegam os pássaros, ou borram gasolina nos gatos? Eles não ganham mais que uma satisfação patológica que, por sorte, resulta indecifrável para a sensibilidade dos sadios. São sádicos. No momento de consumar a sua maldade, nos exemplos citados, experimentam uma espécie de embriaguez em afigir e minorar a beleza de alguma coisa e é bem possível que isto lhes dê a ligeira sensação de donos, já que puderam modificá-la e fazê-la sofrer.

A polarização de tendências contra o belo é muito freqüente no sadismo. E a árvore é um dos mais belos seres da Criação. E' bela em tôdas as suas espécies e nem que o homem a recorte geométricamente em seu jardim, consegue torná-la, ridícula! Pois bem, é justamente essa beleza que irrita o sádico e o impulsiona a destruí-la. Ele não sabe disto, mas é assim.

Há casos em que ele não pode levar avante o seu intento, pois o policiamento de que se cercam as árvores e o protesto das pessoas o impedem de agir. Mas a sua argúcia, a pertinácia disimulada, a agressão, o dano envolto no algodão das desculpas alcançam triunfos que iludem o escândalo. E' justamente esse o objetivo da Mão Verde.

Ela sabe aproveitar com habilidade indescritível as condições e a capacidade de cada um de seus associados. Assim é, que ela não pede a um poeta que se arme de um machado para maltratar a uma árvore, mas incita-o a exaltar líricamente a mania de se gravarem, a canivete, o nome da pessoa amada, flechas e corações, nos troncos vivos das árvores, ferindo-as sem piedade.

Existem sócios que derramam líquidos corrosivos nas raízes e técnicos que derrubam árvores frondosas, alegando que elas exercem mórbida fascinação nos motoristas, levando-os a chocarem-se contra elas.

Algumas vezes A Mão Verde empreende ofensas inspiradas em ardós já utilizados com êxito por outros conspiradores. Aquela torpe história dos caramelos envenenados, que se inventou para excitar a ira do povo contra frades e freiras, foi por ela utilizada em uma nova versão contra as árvores. Certos médicos, sem dúvida competentes, afirmam conhecer afecções alérgicas provocadas pelo pólen das acálias, enquanto que outros, de igual competência, negam peremptoriamente esse influxo, sendo insignificante o número de casos conhecidos. Baseada, todavia, nessa afirmação, A Mão Verde prepara-se jubilosa para destruir essas árvores, que são as que mais abundam em Madrid. Um especialista afirmou que entre mais de sete mil enfermos alérgicos, não encontrou um sequer que apresentasse sensibilidade pura e exclusiva pela acácia.

Seria o caso de se dizer então que existem, isto sim, alérgicos, mas pela destruição das árvores.

A Televisão Será Mesmo Culpada?

RECENTEMENTE, numerosos editores reuniram-se em um Congresso Internacional, na cidade de Nápoles, a fim de discutir os motivos que estão determinando a chamada «crise do livro».

Pretendem eles que a maior responsável por essa crise seja a rapidíssima difusão da TV, pois, de um modo geral, o povo prefere assistir-lhe os espetáculos, a ler qualquer gênero de livro.

Entretanto, pessoas não participantes do congresso são de parecer inteiramente contrário ao dos editores, acham mesmo que a televisão constitui um meio da divulgação de livros, pois, apresentando em seus programas histórias condensadas de grande romance, desperta no povo a curiosidade e o desejo de conhecer tais livros integralmente.

☆ ☆ ☆

Parente Próximo do Leopardo

Pertencente à família dos felinos e parente muito chegado do leopardo, o «ocelot» é um airoso animalzinho que habita exclusivamente as regiões norte da América meridional e sul da América setentrional. Mede cerca de 1,40 m de comprimento e possui uma elegante cauda que lhe dá uns ares de majestade. Por causa de sua natureza particularmente selvagem, o «ocelot» é muito difícil de ser apanhado e domesticado, pois sómente deixa a sua toca à noite e é exímio corredor e trepador. Mas nem por isto, deixa de ser grandemente perseguido pelos caçadores, uma vez que o seu pelo abundante e macio, é muito apreciado na confecção de trajes de peles.

☆ ☆ ☆

Marcação Cerrada

O único elemento feminino do Senado Americano, Margaret Chase Smith, não pode usufruir dos benefícios que são concedidos aos seus colegas. Assim é que o regulamento a proíbe terminantemente de aparecer no salão destinado às palestras (informais) do Senado e de servir-se do cabeleireiro que o próprio órgão político coloca à disposição dos Senadores do sexo masculino. E a senadora, sentindo-se vítima de uma grande injustiça, disse: «Realmente são as senadoras que custam menos ao contribuinte americano. Se os eleitores pensassem bem nisto, certamente enviariam mais representantes femininas ao Senado».



Fonte Viva:

AFIRMAÇÃO ESCLARECEDORA

"E não quereis vir a mim para terdes vida". — JESUS. (JOÃO, 5:40)

QUANTOS procuram a sublimação da individualidade precisam entender o valor supremo da vontade no aprimoramento próprio. Os templos e as escolas do Cristianismo permanecem repletos de aprendizes que vislumbram os poderes divinos de Jesus e lhe reconhecem a magnanimidade, caminhando, porém, ao sabor de vacilações cruéis. Crêem e descreêm, ajudam e desajudam, organizam e perturbam, iluminam-se na fé e ensombram-se na desconfiança... E' que esperam a proteção do Senhor para desfrutarem o contentamento imediato no corpo, mas não querem ir até ele para se apossarem da vida eterna.

Pedem o milagre das mãos do Cristo, mas não lhe aceitam as diretrizes. Solicitam-lhe a presença consoladora, entretanto, não lhe acompanham os passos. Pretendem ouvi-lo, à beira do lago sereno, em preleções de esperança e conforto, todavia, negam-se a partilhar com ele o serviço da estrada, através do sacrifício pela vitória do bem. Cortejam-no em Jerusalém, adornada de flores, mas fogem aos testemunhos de entendimento e bondade, à frente da multidão desvairada e enferma. Suplicam-lhe as bênçãos da ressurreição, no entanto, odeiam a cruz de espinhos que regenera e santifica.

Podem ir na vanguarda edificante, mas não querem.

Clamam por luz divina, entretanto, receiam abandonar as sombras.

Suspiram pela melhoria das condições em que se agitam, todavia, detestam a própria renovação.

Vemos, pois, que é fácil comer o pão multiplicado pelo infinito amor do Mestre Divino ou regozijar-se alguém com a sua influência curativa, mas, para alcançar a Vida Abundante de que ele se fêz o embaixador sublime, não basta a faculdade de poder e o ato de crer, mas também a vontade perseverante de quem aprendeu a trabalhar e servir, aperfeiçoar e querer. — (Do livro "Fonte Viva").

A ALMA

Nada há tão parecido com a alma do que uma abelha: esta vai de flor em flor, recolhendo o mel, aquela vai de estréla em estréla, recolhendo luz. — Victor Hugo.

NOVO ARNO

Nova concepção estrutural — da tampa até a base!

Nova jarro — liquidificação mais rápida!

Nova base — mais prática... mais estável, maior aproveitamento da força do motor!

Nova alça — inquebrável!

— A MARCA DIZ TUDO!



EUCLIDES MARQUES
ANDRADE



Em «Nosso Homem em Havana», de Graham Greene, o «sense of humour» está presente em todas as páginas. «Sense of humour» que se alimenta de um toque humano muito intenso. Mesmo nas cenas mais irreais possíveis — e por isto mesmo bastante reais — o autor sabe colocar os sentimentos e as aspirações do homem. Ele vai tecendo sua narrativa — e unindo seus fios está uma coisa que transpõe os meros interesses da história: está a sensação, sempre constante, de que a pessoa não é apenas uma ficha num cadastro, mas um ser repleto de impulsos e desejos. Este é, talvez, o signo em que se movimenta a técnica narrativa de Graham Greene. Dois polos animam suas histórias:

NOSSO HOMEM

o «plot», nunca descuidado pelo autor, e a presença vertiginosa do humano. Mesmo numa sátira bem humorada como é «Nosso Homem em Havana» — embora o amargo e a dor da existência compareçam como em «back-ground» — ele sabe vivificar seus personagens. Não são simples bonecos recheados de palavras, mas verdadeiras criaturas que andam, falam, sentem e amam.

Graham Greene, até quando voa nas asas ligeiras da fantasia, não pode deixar de vislumbrar o que se passa na alma do homem. E daí a estranha sensação de realidade e irrealdade que suas histórias nos oferecem.

A obsessão da morte atormenta o autor: as comparações «como se

Dê sua opinião e ganhe um livro

O sucesso alcançado pela nossa nova «enquête» — Qual o melhor cronista brasileiro da atualidade? — tem ultrapassado a todas as expectativas. Cartas nos têm chegado de vários Estados, bem como do interior de Minas. Isto prova que a crônica é, realmente, hoje, um gênero de grande penetração. Todos os leitores podem responder a esta pergunta, bastando escrever ao autor desta seção e dar os motivos de sua preferência. No fim do ano, selecionaremos as três melhores respostas e seus autores serão premiados com livros, oferecidos pelas livrarias da capital.

Fernando Sabino.

Por que prefiro as crônicas de Fernando Sabino

Responde hoje ao nosso inquérito o Sr. Hélio Moreira, de Curitiba, Paraná (Rua 15 de Novembro, 593). Diz ele: «Meu cronista preferido é Fernando Sabino. Em sua «Aventura do Cotidiano», tem um modo peculiar de escrever que agrada a todos, principalmente aos mineiros, como eu, que, há muito, não vêem a boa terra. A saudade aumenta com a chegada de «Manchete», onde temos uma página, parece que dedicada aos mineiros, pois, esse grande e renomado «homem de crônicas» consegue transportar para as linhas que escreve os costumes de nossa gente, a boa gente mineira.»

Raumsol e a logosofia

Carlos Bernardo Gonzalez Pecotche, ou Raumsol, como é também conhecido, publicou, há tempos, em Buenos Ayres seu livro «Logosofia, Ciência e Método», conforme noticiamos na ocasião. O livro do fundador da Logosofia já se encontra nas livrarias.

Antônio Olinto premiado

Todos os que se interessam pela literatura sabem que «Porta de Livraria», de Antônio Olinto, em «O Globo» é, indiscutivelmente, uma das melhores seções especializadas da imprensa brasileira. Dando acolhida a escritores de todas as correntes, procurando, antes de tudo, informar com precisão e honestidade, Antônio Olinto criou maneira diferente de colunismo literário. Não são apenas intelectuais que comparecem à sua seção. Lá se encontra também o leitor, manifestando-se, discutindo, colaborando. Além disso, aquêle escritor opina com inteligência e honestidade, sobre fatos e livros de maior importância. Foi por isto que o prêmio «Paula Brito», da Biblioteca Municipal do Rio, para o melhor suplemento ou a melhor seção literária, concedido este ano ao Sr. Antônio Olinto, teve repercussão favorável em todo o País.

A «Melhoramentos» acaba de lançar em segunda edição «Viagem pelo Mundo», de Rodolfo Grumwald. O livro é fartamente ilustrado com grande número de fotografias, apresentando ainda mapas e plantas de grande interesse. O trabalho, de fácil leitura, leva o leitor, conforme indica o título, a várias regiões de nosso planeta.

Viagem pelo mundo

A. M. L.: novo presidente

Após ter ocupado o cargo por dois períodos consecutivos, deixou a presidência da Academia Mineira de Letras o escritor Mário Matos. E' agora seu presidente o acadêmico Djalma Andrade, poeta que, vivendo há várias décadas em idílio com as musas, goza de renome internacional, sendo conhecido também como cronista e poeta satírico, dono de uma verve dificilmente igualada por outros. Para a sua posse, a entidade máxima das letras mineiras reuniu-se em sessão solene, no decorrer da qual o novo presidente foi saudado por seu antecessor, que falou em nome dos acadêmicos. Agradecendo, Djalma Andrade teve ocasião de mais uma vez dar largas ao seu espírito brilhante.

EM HAVANA

rêsses um cemitério», «como se fosse um túmulo» despontam mesmo nos momentos mais alegres da narrativa. Graham Greene sempre nos pareceu um eterno atormentado a tecer suas tramas para dissolver em palavras seus invisíveis fantasmas. A originalidade do autor em frases que atuam como hiatos de pensamento profundo dentro da leve história forma vivo mosaico que agarra nossa atenção.

Beatrice, uma das personagens principais, teme os séres que acreditam mais em seu trabalho do que em suas famílias. Ela sabe que um ser excessivamente fiel a um rígido programa esquece, muitas vezes, de ouvir as silenciosas bat-

idas daquele desprezado pêndulo: o coração de uma pessoa. Eles se identificam tanto com sua missão que só vêem estatísticas e números e perdem o rastro da gente humana.

Inútil falar mais sobre este livro. Se o leitor gosta de uma história bem contada o melhor é conhecer pessoalmente «Nosso Homem em Havana». Este último trabalho de Graham Greene é lançamento da Civilização Brasileira e foi muito bem traduzido por Breno da Silveira, que, há tempos, já nos ofereceu uma tradução de «O Americano Tranquilo», do mesmo autor, apresentado, no Brasil, pela mesma editora.

Os livros (e os escritores) são notícias

- Pela tradução do «Doutor Jivago», Milton Amado e Oscar Mendes foram escolhidos, na promoção de alguns jornais, como as personalidades do ano em Minas Gerais, no setor «literatura». Escolha justa, sem dúvida.
- «Tomé e a Carroça», o livro de contos de Ildeu Brandão, deverá sair em breve, pela «Itatiaia».
- Eduardo Frieiro a Heitor Martins: «Sou um homem do papel impresso».
- Adriano Suassuna em discurso pronunciado em Recife: «Aqui, como em qualquer lugar do mundo, os homens são loucos».
- Nas livrarias, brevemente, «A Raposa e as Uvas», de Guilherme Figueiredo.
- Doutor Jivago, no livro do mesmo nome: «O homem presente nos outros, justamente isto é que é a alma do homem».
- Saiu, sob a égide da «Melhoramentos», o terceiro volume da «História dos Estados Unidos da América» de Samuel Eliot Morison e Henry Steel Commager, abrangendo o período iniciado com a eleição de Wilson até o apósguerra.
- A vida autêntica do povo americano está retratada em «Viagem Pela América do Norte» de Erwin Theodore, lançado pela «Melhoramentos».
- De Pearl S. Buck, acaba de sair, também pela «Melhoramentos», «O Amor Acima de Tudo», em tradução de Oscar Mendes.
- «A Educação Entre Dois Mundos» é o 16º volume das Obras Completas de Fernando Azevedo, recentemente posto nas livrarias pela «Melhoramentos».

Presidente Djalma Andrade.



VARIZES

Tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES. Para hemorroidas (mamilos externos internos) inclusivo os que sangram usa-se a pomada no local e toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo pode- rão ser debelados tais males.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

HEMO-VIRTUS
POMADA E LÍQUIDO



LIMPEZA DA PELE EM CASA



Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se - faça a mais completa limpeza da pele com **CRAVOSAN**!

Penetração profundamente nos poros - Cravosan dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elas-mas regas, cravos, sardas e espinhas. Cravosan - limpa - suaviza e amacia.

CRAVOSAN

remove a maquilagem
Fórmula original do Instituto de beleza
"Guillon" de Paris.

NAS FARMACIAS E PERFUMARIAS

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO

CLÍNICA DE CRIANÇAS — NUTRIÇÃO

Consultório: Rua São Paulo, 893
Ed. Borges da Costa — 13º andar
Reserva de consultas: Fone: 2-0295

Belo Horizonte



Normandy Hotel, em
BELO HORIZONTE
Mobiliado com
MÓVEIS GUELMANN
CURITIBA ★ PARANÁ
Solicitem prospectos

REGISTRO

- Embora o Governo mineiro não o confirme, é certo que, além da substituição dos secretários perristas, também, e mais cedo do que se pensa, serão substituídos outros titulares.
- Em despacho do Secretário das Finanças, a Companhia Telefônica de Minas (Light) foi intimada a recolher 24 milhões que teria sonegado ao fisco mineiro. Como se vê, a subsidiária da Light em Belo Horizonte está sempre no cartaz.
- Do cartaz, o que saiu foi o famoso projeto de «autofinanciamento» confeccionado por aquela Companhia, e vetado pelo Sr. Celso Azevedo. A nova Câmara Municipal, aprovando (18x1) o parecer dos vereadores Ruy da Costa Val, José Greco e Gerardo Renault, favorável à manutenção do voto, lançou a definitiva pá de cal sobre o assunto.
- Estima-se em mais de um milhão de cruzeiros a importância gasta pelo Estado em propaganda pessoal de figurões e figurinhas da administração, na imprensa carioca e mineira, sómente no mês de janeiro último. Quanto não terá sido consumido depois, principalmente com a publicação da Mensagem do governador à Assembleia Legislativa? Enquanto isso, os fornecedores não recebem suas contas, as crianças não têm escolas, o funcionalismo (no interior) continua com os vencimentos em atraso, etc.
- Nem por isso, entretanto, perdem a veia humorística os homens do Governo. Tanto que o «Minas Gerais», órgão dos poderes do Estado, dando conta das providências do Governo Bias Fortes, no seu terceiro ano, afirmava, a 1º de fevereiro: «Dessas e outras providências resultaram, imediatamente, desmentindo a quantos isso achavam impossível, a normalização dos compromissos do Estado, notadamente o pagamento ao funcionalismo e — mais surpreendente ainda! — não praticado há muitos anos, o pagamento à vista das compras feitas pelo Estado, com conhecida economia». (o grifo é nosso).
- «A nossa Diretoria faz questão de ressalvar que a A.E.C. não participou nem participará da confusão e demagogia que vem imperando no Brasil e em consequência das quais cada dia que passa maior soma de dificuldades é posta sobre os ombros daqueles que realmente trabalham e produzem» — diz a circular pela qual a Diretoria da Associação dos Empregados do Comércio de Minas Gerais comunica a elevação das mensalidades, jóias, etc., daquela entidade de empregados, «tendo em vista o enorme encarecimento do custo de vida provocado pela instituição de novos níveis de salário».



MARIA LÉDA CAMPOS
A vitória tem cabelos cós de prata.

CABELOS PRATEADOS GANHAM PRÉMIO

BELO Horizonte foi sede do último concurso «Miss Koleston», que, a exemplo de outros certames do mesmo gênero, realiza-se anualmente sob o patrocínio de uma fábrica de produtos para a mulher. Em todos os estados, realizaram-se provas de seleção, delas participando belas senhoritas, das quais se exigia, além dos requisitos costumeiros, que se apresentassem artisticamente penteadas. Na fase final, que teve por palco o Clube Belo Horizonte, saiu vencedora a senhorita Maria Leda Campos, que exibiu um vistoso penteado de cabelos revolto, na tonalidade prata. A nova «Miss Koleston», que é da sociedade da Capital, foi apresentada pela cabeleireira Ilda Lessa Guimarães, que também recebeu dos patrocinadores um bonito troféu.

PERSONALIDADES

OS nossos colegas de «Binômio», «O Globo», «Mundo Ilustrado» e «Rádio Itatiaia» promoveram a escolha das «Personalidades de Minas em 1958», por uma comissão de jornalistas e radialistas mineiros, os quais indicaram os nomes que mais se destacaram em seus campos de atividades. Teve a promoção o seguinte resultado:

LITERATURA : Milton Amado e Oscar Mendes, jornalistas, escritores e tradutores, responsáveis, juntamente com Heitor Martins, pela tradução de «O Doutor Jivago».

INDÚSTRIA : pelas suas gestões no sentido de que se estabelecesse em Minas a «Simca do Brasil», foi escolhido o político, banqueiro e industrial José de Magalhães Pinto.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA : o ex-prefeito Celso Azevedo obteve o título de «Personalidade» pela sua corajosa atuação frente à Fôrça e Luz (Bond and Share) e Cia. Telefônica (Light), além de moralizar a administração municipal em Belo Horizonte.

SOCIEDADE : Denise Guimaraes Prado, Miss Minas Gerais e, sem dúvida, a mais ativa das «Luísas de Marillac» de Minas (Ver nota).

ARTES : Maestro Isaac Karabtchevsky, de 24 anos, regente do «Madrigal Renascentista», tendo-o conduzido com sucesso numa «tournée» por oito países europeus.

SINDICALISMO : Sinval Bambirra, de 25 anos, que se projetou por ter derrubado a «dinastia» que, há 14 anos, dominava o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem de Belo Horizonte.

COMÉRCIO : Carlos Vaz de Carvalho, responsável pela introdução do sistema de vendas a crédito em Minas e diretor da Casa Guanabara, que alcançou uma po-

DEPOIS de ter a senhorita Adalgisa Colombo, «Miss Brasil» do ano passado, regressado de Long Beach com o título de «a segunda mais bonita do mundo»; depois que a senhorita Sônia Maria Campos, segunda colocada no concurso «Miss Brasil» regressou de Londres sem ter logrado classificação na disputa do título de «Miss Mundo», a encantadora belo-horizontina Denise Guimarães Prado, que no mesmo concurso «Miss Brasil» ficara em terceiro lugar, como representante de Minas, conquistou um título internacional, eleita «Rainha Continental do Café», num certame reali-

zado em Manizales, na Colômbia, do qual participaram representantes de todos os países produtores de café das Américas.

Denise, de tradicional família mineira, tornou-se conhecida desde alguns anos, pela sua ativa participação na vida social do Estado. Últimamente, depois de ter sido eleita «Miss Minas Gerais», ingressara na «Associação das Luisas de Marillac», conseguindo, graças às suas relações, dar maior amplitude àquele movimento em favor da velhice. Além de bonita, a jovem é — o que é mais importante — inteligente e culta, tendo feito vários cursos, inclusi-

ve numa universidade dos Estados Unidos. Na recente escolha das «Personalidades de Minas em 1958» (Ver nota), o seu nome foi apontado como representante da sociedade. Com isso, Denise ganhou, ao mesmo tempo, dois títulos altamente significativos.

— Mas há mais um — informa o Dr. Cartéia Prado, pai da «rainha», justamente orgulhoso. E, tirando do bolso a mais recente edição da revista «Mensagem», mostrou uma artigo intitulado «Miss Caridade». — E a Denise também. De todos os títulos que ela já conquistou, esse é o que mais me deixa satisfeito.

PICADEIRO

DENISE: TRES TITULOS

DENISE GUIMARÃES PRADO
Personalidade, «Rainha» e «Miss Caridade».



sição de destacada liderança em Belo Horizonte.

RELIGIAO : D. João de Rezende Costa, arcebispo coadjutor de Belo Horizonte, que teve a seu crédito, entre outras coisas, a reestruturação da Arquidiocese.

POLÍTICA : Vencendo, por esmagadora maioria de votos, o Sr. Artur Bernardes Filho, o senador Milton Campos foi, sem dúvida, personagem do maior acontecimento político do ano em Minas.

ESPORTE : Marta Miraglia, penta-campeã dos Jogos Abertos de Cambuquira, campeã brasileira universitária, bi-campeã mineira, bi-campeã sul-americana de volibol, distinguiu-se ainda no atletismo, quebrando várias marcas.

ECONOMIA : Jayme Andrade Peconick, chefe do ENEC (Engenheiros & Economistas Consultores), grupo de trabalho que vem realizando obra de vulto dentro da Federação das Indústrias, respondendo, entre outras coisas, pelo projeto de construção da Siderúrgica do Vale do Paraopeba.

MEDICINA : Hilton Rocha,

oftalmologista conhecido em todo o mundo, notabilizado sobretudo pelas operações de transplantação de córnea (mais de 300) que já realizou.

MINISTÉRIO PÚBLICO : o promotor Sizenando de Barros Filho, representando o Ministério Público no famoso «caso Abras», forçou uma reviravolta nas investigações (Ver nota).

AGRICULTURA : João Quintiliano Marques de Avelar, engenheiro Agrônomo, responsável pela organização da Companhia Agrícola de Minas Gerais (CAMIG), da qual é presidente.

DIRIGENTES DE CLASSE : o presidente da Federação do Comércio do Estado e do Sindicato das Indústrias Gráficas de Belo Horizonte, Sr. Nilton Velloso, destacou-se pela sua atuação à frente de vários movimentos das classes conservadoras.

DIREITO : Caio Mário da Silva Pereira, catedrático da Faculdade de Direito, advogado da Prefeitura de Belo Horizonte nos casos da Fôrça e Luz e da Telefônica.

CIÊNCIA : João Afonso Libe-

rato Di Dio, catedrático de Anatomia da Faculdade de Medicina, autor de vários trabalhos e detentor do «Prêmio Alvarenga», da Academia Nacional de Medicina.

ENGENHARIA : com apenas 28 anos, o engenheiro Lincoln Queiroz foi encarregado da construção da barragem de Três Marias.

BANCOS : Aluísio e Gilberto de Faria, diretores do Banco da Lavoura, tendo-o conduzido, ano passado, a uma extraordinária fase de expansão, iniciando suas atividades no exterior, com uma representação em Nova York.

A comissão encarregada de apontar as Personalidades foi composta dos seguintes jornalistas e radialistas : Euro Luiz Arantes, Hélio Vaz de Melo, Januário Carneiro, José Maria Rabelo, Ennius Marcus de Oliveira Santos, Jofre Alves Pereira, Vinícius de Carvalho, José Frederico Sobrinho, Hermínio Machado, Ramos de Carvalho, Paulo Miranda, Miranda e Castro, Pedro Vicente Cardoso, José Costa, Osvaldo Nobre e Roberto Duarte.



A EX-GOVERNANTA PERILDES
Confusão em ritmo de samba.

QUEM MATOU O MILIONÁRIO?

DURANTE a noite de 3 para 4 de novembro de 1957, uma pessoa até agora não identificada penetrou no quarto onde dormia o comerciante libanês Aziz Abras e, desferindo-lhe violentos golpes com um instrumento contundente, deixou-o sem vida. Teve inicio aí um dos mais empolgantes casos de polícia já acontecidos em Minas.

No princípio foi a confusão. Ninguém sabia de nada, embora muita gente arriscasse palpites de toda sorte. E, no vau-vém dos palpites, a polícia deitou mãos na velha governanta da mansão do milionário assassinado, Perildes da Conceição Teixeira, acabando por obter dela uma confissão na qual figuravam como instrumento do crime uma cadeira, e como motivo, ciúmes profissionais: Perildes, servindo há 22 anos à família, não conseguia fazer com que fosse afastada do serviço uma outra empregada. Havia razões aparentemente sérias a lançar dúvidas sobre a autenticidade da confissão. Primeiro porque, dias antes, a indigitada assassina afirmara ter ouvido barulho em a noite do crime, e, na mesma noite ter sido

surpreendida pela presença em seu quarto de um indivíduo «alto e loiro».

Defendida pelo advogado Menelik de Carvalho Filho, Perildes virou até assunto de samba-canção, mas o promotor Sizenando de Barros Filho, não querendo dançar de acôrdo com a música da polícia, conduziu várias investigações por conta própria, chegando afinal à conclusão de que a confissão não passava de uma farsa arranjada sabe-se lá de que jeito. Nesse meio tempo, uma nova personagem e um novo instrumento passaram a ser apontados como elementos primordiais para a elucidação do caso. De Perildes as atenções voltaram-se para o libanês Joseph Basili Khoury, que pretendia casar-se com a filha do patrício assassinado, contra a intransigente vontade dêste. E, no lugar da cadeira, passou a figurar um cassetete manchado de sangue humano, cuidadosamente embrulhado e guardado em cima de um armário, no apartamento de Khoury. Este, entretanto, já havia deixado o Brasil, e, como não mantemos tratados de extradição com o Líbano, nem era mais possível fazê-lo voltar para contar o que sabia da história.

Como em todos os homicídios daquele estilo, surgiam as mais diferentes suposições, falando de questões de herança, briga em família, casos de amor e outras coisas muito ao gôsto da imaginação popular. O certo é que, ante a fragilidade do que a polícia apontava como elementos de sustentação do «rigoroso inquérito» instaurado, e por indicação do próprio promotor, Perildes da Conceição Teixeira foi impronunciada pela justiça, tornando o processo às autoridades policiais para novas diligências.

O «Caso Abras» volta agora a fazer subir a tiragem dos jornais. Novamente chamada a depor, Perildes resolveu contar outra história, desta vez — diz el-a — verdadeira. Em resumo, contou que, na madrugada de 4 de novembro ouvira, no quarto ao lado do seu, uma conversa entre Khoury e Samir Abras, que, ao que ela afirma, andava de relações tensas com seu pai. Nessa noite, teria sido procurada por Khoury, que lhe pedira a chave da entrada do palacete. Seria ele o «homem louro» a que se referira no início do inquérito. Depois de estar com Samir num clube da Capital, teria penetrado com ele no palacete, às escondidas, porque o velho Abras «não queria vê-lo nem pintado». Assim, o

crime teria sido tramado pelos dois e executado pelo libanês.

Para o advogado Pimenta da Veiga, contratado pela família Abras, a ex-governanta é apenas «uma farsante e uma desmemoriada», que «muda de opinião com mais facilidade que de roupa». E o delegado José Lúcio Gentil, titular da D.S.P., encarregado da nova fase das investigações, já sabe que, a esta altura, será muito mais difícil que a no princípio esclarecer o caso.



BRANCA E SEU MARIDO
Após feito inédito, vida comum.

HISTÓRIA DE AMOR COM «HAPPY-END»

TODA a cidade de Ouro Preto se movimentou quando, há pouco, subiu ao altar a Srt^a Maria José de Oliveira Castro, para unir-se ao engenheiro Cláudio Marçal Mendes. Era, com efeito, um casamento diferente dos outros, não pelo seu aspecto exterior, mas pelos fatos que o antecederam. A moça, conhecida em família como Branca, fôra personagem de um fato inédito na história da secular cidade que já foi Vila Rica: em 1957, recebera diploma de engenheira de Minas, Metalurgia e Civil, acumulando os três títulos concedidos pela Escola de Minas, num feito talvez único no mundo, entre as filhas de Eva.

O caso começara com a inscrição da jovem nos vestibulares — no que, aliás, teve outras com-

panheiras. Estas, porém, como tantas outras antes delas, desistiram nos primeiros anos do curso. Branca foi até o fim, e ainda era aluna da Escola de Minas quando travou conhecimento com Cláudio Marçal Mendes. Colegas de turma revelaram, desde logo, que havia entre eles algo mais que o existente entre colegas e amigos. E esse «algo mais» teve sua confirmação quando, ao receber o diploma, Branca recebeu também o anel de noivado.

O noivado durou ano e pouco, e foi com satisfação inconfundível que toda a cidade de Ouro Preto assistiu ao «happy-end», no altar-mor da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, com Monsenhor João Castilho Barbosa oficiando a cerimônia.

FUNDAÇÃO LOGOSÓFICA: FOTOGRAFIAS

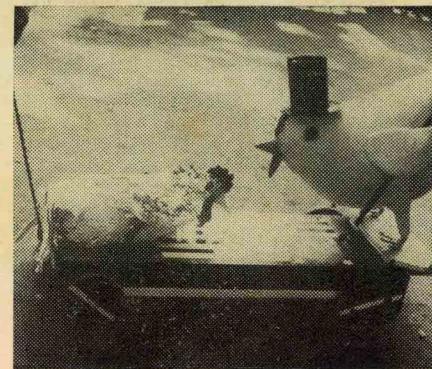
PROMOVIDO pela Divisão de Menores da Fundação Logosófica, que congrega os filhos dos logosóficos mineiros, realizou-se um concurso de fotografias para comemorar o término do curso de arte fotográfica mantido pela Fi-



“XEQUE” COM O BISPO
Segundo lugar para Carlos Alberto.

lial de Belo Horizonte. O concurso revelou verdadeiros artistas da objetiva, entre os quais o jovem Carlos Augusto Feu Alvim da Silva, que obteve o segundo lugar no concurso, com uma interessante composição a que denominou de «Xeque».

Campos Elíseos para entregá-lo ao seu sucessor, prof. Carlos Alberto Carvalho Pinto. No dia, houve agitação cívica, um cavalo morreu e um cavalarião ficou ferido por ocasião da passagem do cortejo pelo centro da Capital de São Paulo, e, entre as muitas coisas que foram levadas para a rua, pelos que haviam votado no candidato vitorioso, chamou a atenção um carro onde, tendo por fundo a bandeira do Estado, aparecia uma figura de galo (símbolo de Adhemar de Barros), de cabeça baixa, entristecido, sem coragem de enfrentar o adversário — um pinto muito frajola, com uma vassoura debaixo do braço, ou melhor, da asa.



O GALO FICOU HUMILHADO
... e Adhemar não gostou.

TÓPICO

TERMINA a 30 de junho o prazo concedido às comissões nomeadas pelo diretor da Despensa Pública para apurar, em todo o território nacional, a extensão da fraude que vinha sendo praticada contra o Tesouro, através dos Institutos de Previdência, os quais pagavam pensões e aposentadorias a procuradores de beneficiários inexistentes ou já falecidos.

Trata-se de apenas mais um escândalo a envolver o nosso agoniante sistema previdenciário. Com efeito, desde que a previdência social caiu nas mãos do PTB, toda sorte de escândalos vem atraindo para os institutos, hoje transformados em sucursais do partido, a atenção cada vez mais descrente da totalidade dos contribuintes. Criados com a finalidade de inspirar no homem que trabalha o sentimento de confiança no futuro, com segurança e

tranquilidade para os seus familiares, há muito que entraram em regime de estagnação, servindo hoje, no máximo, para dar empregos aos favoritos do petebismo. E daí, só podem ir para pior, uma vez que continua crescendo o número de segurados e, consequentemente, diminuindo a capacidade de benefícios. Só no IAPETC — quem informa é o chefe da Divisão de Fiscalização do Departamento Nacional de Previdência Social, Sr. Cley de Araújo — só nêle, com capacidade para 100 mil segurados, sobe a 400 mil o número de necessitados.

O problema é tanto mais grave quanto se sabe que o custeio dos serviços previdenciários deveria ter por base um tripé, representando, de um lado, a União, de outro, os empregadores, e, por fim, os próprios segurados. Como a União não entra com a sua

parte, e o empregador, em numerosos casos, também deixa de fazê-lo, acaba recaindo sobre o empregado quase todo o ônus.

Quando foram criados os Institutos, chegou-se a dizer que o Governo arranjara para si um problema — o de saber onde colocar tanto dinheiro, como se calculava que seria canalizado por eles. Hoje, a realidade é outra. O Tesouro deve-lhes várias centenas de milhões de cruzeiros, e quase igual importância lhes é devida pelas empresas do Patrimônio Nacional. E o PTB, antevendo a falência de todo o sistema de previdência, movimenta-se para fazê-lo passar às mãos dos associados. Na recomendação que seus líderes fizeram ao Presidente da República, dão a entender que se trata de um presente aos trabalhadores. Presente, sim. Mas de grego.

INQUÉRITO, PTB E PREVIDÊNCIA

UMA PÁGINA DE
DENTRO DA VIDA

MEG



GENTE famosa não tem direito de viver como nós. Não podem amar ou sofrer serenamente; não podem ser felizes secretamente, nem as tragédias de suas vidas podem pertencer a eles só, serem sofridas sómente por eles. O mundo não deixa. O mundo exige, o mundo quer saber. E o mundo sabe; e cogita; quando não consegue descobrir, inventa. Criam-se histórias ao redor dos ídolos, que não passam afinal de pessoas comuns à procura da felicidade.

Mary Ann, de Bentonville, no interior dos Estados Unidos, conhece John Bayton e os dois se enamoram. John é divorciado, tem dois filhos que sustenta, sob a tutela da ex-espósa; mas John é livre, Mary Ann é livre, e os dois se amam. Casam-se e vão formar um lar, provavelmente feliz. Mas em Londres, uma moça simpática e bela, chamada Margaret, ama um rapaz simples chamado Peter. Peter também é divorciado, e Peter é livre. Porém Margaret não o é. Margaret tem o laço de gerações e gerações a prendê-la à família, que não mais a aceitará se se casar com Peter. Pois Peter é plebeu, e é divorciado. Cria-se o drama. Não o drama que as manchetes dos jornais carregam, ou o que o povo comenta, mas o drama íntimo de uma moça que ama e não pode ser feliz. Se ela abandona tudo: realza, família, igreja, e se casa com Peter, levará sempre na lembrança o que poderia ter sido e não foi. Não poderá ser feliz sem Peter, por outro lado, pois ele foi o grande amor de sua vida. Margaret chora; Margaret sofre; e renuncia a Peter para atender ao apelo do seu sangue real. E Margaret se transforma na linda princesa melancólica, a princesa que não pode ser feliz.

Num cantinho do Brasil, um casal sem filhos adota uma criança para dar alegria ao seu lar, e assim a vida para eles, antes vazia, tem agora sua finalidade. Mas lá longe, na Pérsia, Soraya não pode ter filhos. Assim, Soraya não pode ser feliz. Chamavam-na a Rainha dos Olhos Tristes. Agora não é mais rainha, mas

seus olhos estão mais tristes do que nunca. Soraya viveu dez anos na esperança de que talvez o filho tão esperado pelo País e pelo mundo viesse, e ela pudesse viver para sempre ao lado do seu homem. Foi amada mais do que as outras mulheres, pois Rehza Palevi sabia que podia perdê-la se o herdeiro não chegasse. E Rehza Palevi perdeu Soraya. Seria por acaso a maldição da primeira e infeliz esposa, o destino, ou a constituição biológica da ex-rainha? Soraya e Rehza Palevi fogem dos repórteres nos últimos dias de sua vida em comum. Mas o mundo inteiro sabe, palpita e espera. Soraya pede para não ser chamada de Rainha dos Olhos Tristes, e seus olhos continuam tristes. Agora ela é livre. Mas que fará, solitária, com sua beleza e sua liberdade? Talvez fique acordada nas longas noites a pensar no seu Rehza Palevi, casado com outra, e no filho que esta carregará, o filho que não pôde gerar. Por outro lado, mais longe um pouco, há uma princesa, quase reclusa, que vive feliz dentro das paredes de seu palácio. Quando Grace comunicou seu noivado, o mundo e os homens do mundo procuraram todos os motivos para a realização daquele casamento:

«FAMA? DINHEIRO? MÉDO DE PERDER O PRINCIPADO?» «UM MILIONÁRIO NÃO BASTARIA A GRACE? QUERIA UM PRÍNCIPE?»

Alguém, na ocasião das bodas, deu dois anos de duração àquela união. Esses dois anos expiraram e nunca se ouviu nada além da harmonia existente entre os dois. Grace vive serena e feliz, Rainier mais alegre e ambos têm dois tesouros inigualáveis: seus dois filhos. Vivem como qualquer outro casal comum e, antes de dar a Mônaco o esperado herdeiro masculino, Grace disse ao seu príncipe:

— Por favor, não deixe que façam publicidade em torno do nascimento do meu segundo filho...

Grace é feliz. Por que, há três anos, as manchetes não traziam em letras grandes: «GRACE AMA RAINIER?»

EXPEDIENTE

ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar
— Fones: Gerência 2-4251; Redação 2-0652 — Caixa Postal 279 — End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços: US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil Cr\$ 15,00
Portugal e Colônias Esc. 5,00
Número atrasado Cr\$ 20,00

REDAÇÃO: Miranda e Castro, diretor; Neil R. da Silva, secretário.

ARTE: Álvaro Apocalypse, Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jerônimo Ribeiro, Pinho e Wilma Martins.

SEQÜESES: André F. de Carvalho, Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Garry C. Myers, Gibson

Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Madalena, Oscar Mendes, Pessôa Esteves, Stella Marina e Temple Manning.

FOTOGRAFIAS: Augusto Cardoso, Dario Carrera Justo, Hiroshi Watanabe, José Nicolau, Nivaldo Corrêa, Câmera Press, INP, Keystone, Reuter e Transworld.

CORRESPONDENTES: Olga Obry e Domingos de Lucca Junior, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma.

★

A redação não devolve originais de colaborações ou fotográficos não solicitados.

★

Os conceitos emitidos em artigos assinalados não são de responsabilidade da direção da revista.

SUCURSAL NO RIO :

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 — conj. 503
Fone: 26-1881.

REP. EM SÃO PAULO :

Newton Feitosa — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone: 33-1432.

ASSINATURAS :

2 anos (48 números) ... Cr\$ 600,00
1 ano (24 números) ... Cr\$ 320,00
1 semestre (12 números) Cr\$ 170,00
Preços para todos os países do continente americano, Portugal e



com todo o

Glamour de Paris

em sua beleza!

Este é o encanto incomparável das modelos parisienses... o fascinante Glamour de Paris que o mundo inteiro admira... e que pode ser seu. Basta você querer.



Nas películas filmadas pela Pond's, em Paris, a encantadora modelo Lina Ledoux nos revela que seu glamour se "faz" com Pond's.

Creme C Pond's

Creme C Pond's para limpeza da pele — O novo Glamour exige uma pele profundamente limpa. Água e sabonete não podem eliminar as impurezas alojadas em cada poro. O Creme C Pond's clareia, refresca e suaviza a pele. Experimente-o!



Siga a linha de beleza que Paris consagra!

A beleza a seu alcance

Por Gladys Seymour

— É indispensável o uso de uma base para pó? Por quê?



— É indispensável, sim. O pó de arroz usado diretamente sobre a pele asfixia-a, e isso, além de prejudicá-la, impede que o "maquillage" se apresente impecável e dure muito.

Com uma boa base, o pó de arroz adere por igual e conserva-se por muitas horas. Uma boa base quer dizer uma base que feche os poros, amacie a pele e "segure" o pó. Existem essas bases, como o Creme V, e você fará muito bem em usá-la, se não o faz ainda, a fim de proteger a sua pele.

— Qual a vantagem do pó compacto?



— O pó compacto, minha amiga, como Angel Face, por exemplo, além de prático para se levar na bolsa, sem derramar, facilita o retoque e apresenta a grande vantagem de dois produtos num só: base e pó. Escolha um pó compacto à base de lanolina para evitar o ressecamento da pele.

— Tenho 14 anos e quero começar a usar "maquillage", mas mamãe acha que não devo exagerar. Que me aconselha?



— Se sua mãe concorda, você pode começar a maquilar-se. Mas cuidado! A maior atração dos 14 anos é a própria juventude. Não a estrague, empastando seu rostinho com cosméticos. Como base, apenas uma leve camada do Creme V. Depois, uma aplicação muito superficial de Angel Face, tendo o cuidado de procurar um tom que se assemelhe ao da sua pele. Escolha um batom rosado natural, e desenhe o contorno dos lábios, sem tentar desenhar uma boca nova, por favor! Os cabelos bem escovados, as unhas limpas, com esmalte em tom natural. Você deve ler o "Guia de Elegância e Encanto" e seguir os conselhos que encontrará nêle. A fim de receber esse folheto, inteiramente grátis, escreva para o Departamento de Beleza Pond's — Seção D-3 - Caixa Postal 3.705 - Rio de Janeiro.



ONDE HOUVER COMPREENSÃO HUMANA E RECEPVIDADE
SOCIAL, FRATERNIDADE CONSTRUTIVA E HARMONIA ESPIRITUAL,
AÍ ESTARÁ PRESENTE UM POUCO DA ALMA DO SESI.